

O GUIA
DE UMA LADY:
*Como Tentar um
Conde da
Transilvânia*

EMMANUELLE
DE MAUPASSANT

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O GUIA
DE UMA LADY:
*Como Tentar um
Conde da
Transilvânia*

EMMANUELLE
DE MAUPASSANT



Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Glossário
5. Capítulo1
6. Capítulo2
7. Capítulo3
8. Capítulo4
9. Capítulo5
10. Capítulo6
11. Capítulo7
12. Capítulo8
13. Capítulo9
14. Capítulo10
15. Capítulo11
16. Capítulo12
17. Capítulo13
18. Capítulo14
19. Capítulo15
20. Capítulo16
21. Capítulo17
22. Capítulo18
23. Capítulo19
24. Capítulo20
25. Capítulo21
26. Capítulo22
27. Capítulo23
28. Capítulo24
29. Capítulo25
30. Capítulo26
31. Epílogo
32. Como Lidar com um Duque Bem-dotado
 1. Prólogo
33. Mais da Série
34. Sobre a Autora
35. Informações Leabhar



EMMANUELLE DE MAUPASSANT

1ª Edição





Título Original The Lady's Guide to Tempting a Transylvanian Count
Copyright © 2021 Emmanuelle de Maupassant
Copyright da tradução © 2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Vanessa Rodrigues Thiago
Revisão Soraya Defavari
Gráficos: Chris Cocozza
Diagramação e Adaptação capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CATALOGRÁFICA

M452lbe

Maupassant, Emmanuelle de

Título: O Guia de uma Lady: Como tentar um Conde da Transilvânia
(recurso eletrônico) © 2024 Leabhar Books Editora Ltda. - Ribeirão
Preto - SP

Tradução de: The Lady's Guide to Tempting a Transylvanian Count
©2022 Emmanuelle de Maupassant

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-255-8

1. Romance de Época. 2. inglês. 3. Thiago, V.R. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP:
14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

GLOSSÁRIO



Doamnă – senhora em romeno

Stăpânul – mestre em romeno

Strigoi – palavra em romeno que se refere a uma criatura lendária similar ao vampiro

Țuică – aguardente de ameixa tradicional

APÍTULO

UM

As montanhas do sul dos Cárpatos, Transilvânia **Final de abril de 1886**

Sofia examinou a pousada em ruínas com o coração apertado. Um conjunto de persianas, fechado contra o vento gelado, sacudia nas dobradiças soltas. Os outros estavam pregados, enquanto o telhado parecia prestes a desabar, cedendo sob vários metros de neve.

Os confins remotos dos Cárpatos não ofereciam muitas opções de hospedagem. De qualquer forma, o que seu cocheiro estava pensando, parando em um lugar tão esquecido por Deus?

Dentro era pior. Não dava para ignorar as teias de aranha, e Sofia reconhecia excrementos de rato quando os via. No entanto, estava quente... e depois de passar sete horas trêmulas se abraçando contra o frio, iria aproveitar ao máximo.

Coberta por altos penhascos de gelo, a passagem da montanha era íngreme, seguindo uma trilha estreita bem acima de uma ravina. Sofia passou o dia em um estado de alta tensão, rezando para que não acabassem mergulhando para a morte... embora seu cocheiro parecesse alheio a qualquer perigo iminente.

A mão dele em seu braço era firme enquanto a conduzia para a mesa de madeira mais próxima.

— Coma. Beba. Coloque algo quente dentro, sim! — Codruț mostrou os dentes em uma espécie de sorriso. Ele falou com o estalajadeiro e correu para a porta, murmurando algo sobre cuidar dos cavalos.

Quando Sofia entrou, gargalhadas estridentes enchiam o outro lado da sala... os homens envolvidos em algum jogo ou outro. Agora, meia dúzia de cabeças estavam voltadas em sua direção, encarando-a sem disfarçarem, e o estalajadeiro a olhava com mais atenção do que todos.

Sofia supôs que não hospedavam muitos forasteiros, e devia parecer estranho que estivesse desacompanhada, mas estava vestida modestamente, em um de seus trajes de viagem mais velhos. Não havia nada em sua aparência que despertasse uma curiosidade tão grosseira. Ela se mexeu no banco duro, esperando que os homens voltassem para seus dados... ou o que quer que os estivesse ocupando.

Quando o estalajadeiro se aproximou, trazendo um prato com alguma coisa, Sofia lembrou-se da fome que sentia. A última coisa que comeu foi mingau de café da manhã, antes de partir da última estalagem. Um pouco de ensopado seria bem-vindo. Simplesmente não pensaria em quem poderia tê-lo feito ou com quais ingredientes.

O estalajadeiro fez uma reverência insinuante, apertando os botões do

colete e olhando de soslaio, atrás de um bigode que evidenciava vários jantares.

— Eu sou *Domnul* Popescu. Bem-vinda.

Embora a travessa contivesse apenas uma linguiça gordurosa, acompanhada de queijo duro e um naco de pão pouco apetitoso, Sofia agradeceu com a cabeça. Não estava em posição de ser exigente.

— Um pouco de aguardente de ameixa, se tiver. — Olhou esperançosa para as garrafas dispostas atrás do balcão de madeira. Uma delas devia conter *Țuică*. Toda a região era conhecida pela bebida. Não que costumasse beber destilados, mas seu pai sempre elogiara a aguardente local, dizendo que esquentava de uma maneira agradável. No mínimo, podia ajudar a linguiça e o queijo de aparência duvidosa a descer.

Os olhos de seu anfitrião brilharam, pousando na bolsa que Sofia segurava no colo.

— Tenho uma garrafa especial. — Com outra pequena reverência, ele recuou.

Sofia quase podia ver o sujeito esfregando as mãos.

Então, era isso. Sem dúvida, Codruț estava recebendo algum tipo de taxa por trazer viajantes para esta pousada miserável. Não pela primeira vez, desejou ter tomado mais cuidado ao contratar seu meio de transporte, mas estava muito ansiosa para seguir em frente.

A primeira parte da viagem, acompanhada por Marta, transcorreu com facilidade: um trem de Bucareste a Hermannstadt, depois uma carruagem até Sighișoara. Para consternação de Sofia, foi lá que sua criada implorou para que voltassem para a capital.

Não que isso estivesse fora de questão, mas certamente não poderia voltar para a Residência do Cônsul Britânico. O grande edifício na Strada Jules Michelet veio com a posição de seu pai e já tinham passado três meses completos desde sua morte. Seu substituto havia sido mais do que generoso em permitir que ela ficasse enquanto fazia planos futuros.

Sua herança era suficiente para que pudesse se estabelecer em qualquer lugar: Paris, Viena, Londres, se ela não desperdiçasse sua renda em frivolidades. Mas passou toda a sua vida viajando de uma cidade para outra. Não tinha raízes em nenhum lugar, e viajar por si só já havia perdido seu fascínio.

Só havia um lugar onde Sofia poderia considerar seu lar legítimo, e isso significava continuar no coração dos Cárpatos.

Tinha entregado a Marta uma parte de suas moedas e escreveu uma carta de referência, junto com uma lista de residências diplomáticas, em Bucareste, onde Marta poderia se candidatar a uma vaga. Leal e honesta, sua criada encontraria facilmente um emprego.

Deixando de lado a ansiedade sobre como seria recebida em seu destino, Sofia contratara Codruț e, na manhã seguinte, partiram. Desde então, passou quatro noites em estalagens e, como as estradas, elas se tornaram cada vez

mais decadentes.

O pior de tudo era o próprio Codruț, cujos aromas eram tão intragáveis quanto seu hábito de cuspir bocados de tabaco de mascar. Havia também a regularidade com que detinha os cavalos para se aliviar, e sem sequer se dar ao trabalho de descer da boleia para isso!

Oh, sim. Quanto mais cedo chegasse ao seu destino e se despedisse de seu encantador condutor, melhor.

Para consternação de Sofia, quando o estalajadeiro se aproximou novamente, viu que ele carregava não apenas a “garrafa especial” ... pela qual imaginou que estaria pagando pelo menos três vezes o preço normal..., mas dois copos pequenos.

O tosco acomodou o traseiro do outro lado da mesa e destampou o conhaque, servindo a ambos um gole generoso. Deu-lhe um sorriso de dentes amarelos, erguendo a taça como se fosse um brinde.

— Esse excelente Țuică deve ser apreciado com amigos.

Seu dialeto era bastante incomum, mas o conhecimento de Sofia de romeno e alemão era suficiente para entender o que queria dizer.

— É uma honra ter uma lady em minha taberna. — Uma volta de seu pulso, viu o conteúdo desaparecer e ele bater o copo na mesa.

Os habitantes do outro lado da sala observavam, parecendo não ter nada mais urgente a fazer do que vê-la provando a aguardente.

Ela tomou um gole hesitante.

— Beba tudo. É o costume! — Os olhos do estalajadeiro estavam fixos nela.

Sentindo que dificilmente poderia fazer de outra forma, Sofia encheu a boca com a doçura ardente. Enquanto a aguardente descia, deixava um rastro de brasas.

Segurando o peito, procurou água em volta, mas não havia... apenas a bebida, que seu anfitrião estava servindo novamente.

Superado o primeiro choque, a sensação de aquecimento não foi desagradável, porém teve medo de tomar um segundo copo.

— Um pouco de chá agora, se tiver?

— Chá? — O proprietário franziu a testa. — É um insulto beber qualquer coisa que não seja Țuică.

Sofia respirou fundo. Afinal, os copos eram bem pequenos. Mais um não faria mal, e quando Codruț voltasse, pediria a ele para comprar um frasco de água para levar para o quarto. Tinha sido um longo dia, afinal.

Ela bebeu o conteúdo, apenas para sucumbir a um ataque de tosse. Não apenas sua garganta, mas todas as veias de seu corpo estavam envoltas em chamas. Enquanto isso, o estalajadeiro estalava os lábios de satisfação, tendo esvaziado novamente o copo.

— Outro.

Desta vez, Sofia balançou a cabeça com firmeza, embora isso fizesse a sala girar estranhamente.

Era fome, claro. Isso sempre deixava a pessoa tonta. Arrancando um pedaço de pão, ela tentou mastigar.

Onde estava Codruț? Certamente, já deveria ter cuidado dos cavalos... e não jantaria?

Pensando bem, decidiu que não teria estômago para isso.

— Eu deveria me retirar, por gentileza. — Segurando a beirada da mesa, Sofia fez menção de se levantar, mas suas pernas mal tinham força para mantê-la de pé. A tensão do dia cobrava seu preço.

Se ao menos Marta tivesse ficado com ela. Sofia não havia percebido o quanto valorizava a companhia de sua empregada até que não a tivesse mais. Um nó se formou em sua garganta, mas ela o engoliu. Pensamentos melancólicos tendiam a surgir quando estava cansada e, se Sofia havia aprendido alguma coisa, era que precisava ser forte, não importa o que a vida jogasse sobre ela.

Na privacidade do seu quarto, Sofia por vezes entregava-se às lágrimas, mas havia sempre a esperança de que o amanhã traria coisas melhores. Mesmo quando o coração estava partido, era preciso ter firmeza.

— Seu quarto, sim. — O estalajadeiro afastou-se da mesa, levantando as calças. — Eu te mostro. É tudo muito bom.

Sofia olhou para a porta. Embora guardasse as melhores joias e moedas em sua bolsa, seus outros objetos de valor e coisas para a noite estavam em sua valise. Codruț sempre carregava para ela.

— Vem. — O proprietário acenou. — A cama é muito confortável. — Seus dedos rechonchudos se fecharam ao redor do braço dela.

Instintivamente, ela endureceu.

— Eu consigo, obrigada.

Depois de um momento de hesitação, o estalajadeiro recuou, mas ficou por perto.

— Eu só preciso... — Sofia piscou... — meu cocheiro. Vai falar com ele, não vai? Dizer ao meu cocheiro que preciso da minha mala? — Seu estômago revirou e se enrolou sobre si mesmo.

Domnul Popescu pairava sobre ela.

— Não se preocupe, bela senhora. Tudo o que precisa está aqui, e nós a mantemos aquecida. — Momentaneamente, seus olhos piscaram para onde seus outros clientes estavam sentados.

A visão de Sofia se recusava a focar como deveria, mas havia algo na maneira como olhavam para ela. Além disso, o olhar do estalajadeiro tinha um olhar vulgar... para o seio de Sofia.

Uma nova consciência tomou conta dela: algo estava muito errado.

O pai de Sofia sempre disse a ela que seus modos obstinados a colocariam em apuros. Durante muito tempo, isso significou evitar ser conduzida a jardins por cavalheiros inadequados ou beber muito champanhe, mas suas circunstâncias atuais superavam qualquer coisa que seu amado Papa pudesse ter imaginado.

Com a garrafa de aguardente na mão, o estalajadeiro agarrou-a pelo cotovelo, puxando-a para o fundo da taberna.

— Está me machucando. — Sofia tropeçou, batendo o quadril na quina de uma mesa.

O estalajadeiro não cedeu, nem mesmo olhou para ela. Nem os homens do outro lado da sala vieram em seu auxílio, claramente não se importavam com sua situação.

Tarde demais, ela pensou em pegar a faca que veio com o jantar, embora duvidasse que fosse afiada o suficiente para ser de alguma utilidade.

— Pare! Me deixe ir! Codruț, ajude! — Foi o choque que deixou a voz dela tão fina? Ela balançou sua bolsa, mas seus esforços foram ineficazes.

Codruț! Isso era coisa dele? Deixá-la ali? Roubá-la? Sua valise e os baús no teto da carruagem alugada continham tudo o que ela possuía.

Ela seria assassinada e jogada na ravina?

Ninguém a encontraria.

Mas Codruț poderia ter feito isso a qualquer momento. Por que esperou, trazendo-a para este lugar?

Sofia gemeu de medo. Em resposta, o estalajadeiro se virou e torceu o braço dela, de modo que ela caiu em seu peito, assaltada pelo fedor de suor e alho.

Foi-se qualquer indício de subserviência.

— Meu irmão se juntará a nós. — O proprietário zombou. — Mas será para ajudar a mim e não a você.

O grito de Sofia foi interrompido pela mão áspera que cobriu sua boca.

Nesse exato momento, a porta da pousada se abriu. Uma rajada de flocos de neve voou pelo chão, levada pelo frio da noite, e uma figura encapuzada preencheu a soleira.

A lâmpada pendurada nas vigas mais altas balançou, enviando um arco de sombra e luz sobre um rosto que era ao mesmo tempo perigoso e belo em sua perfeição... espreitando aquele lugar nefasto.

Seu olhar não percorria a sala, mas parecia ver e entender tudo. Alto, elegante, mas exercendo grande presença física, ele ficou totalmente imóvel.

Iluminado pelo fogo, aquele olhar fixo em Sofia e as mãos sujas sobre ela se desvaneceram.

Choramingando, o estalajadeiro dobrou os joelhos antes de se prostrar no chão. Do outro lado da sala, os outros se encolheram, seu medo palpável, seus rostos traindo o encolhimento de suas entranhas. Um se benzeu, sua voz fraca enviando uma oração chorosa.

Aqueles olhos escuros e dominadores mantinham Sofia paralisada, seu olhar enviando ondas de calor e de gelo, fazendo-a desejar fugir e correr para ele.

Cada linha de seu rosto esculpido era familiar; este homem que a fazia tremer, que fazia seu pulso acelerar e seu coração doer dentro do peito.

Não era um estranho. Era seu marido.

CAPÍTULO

DOIS

Sofia esfregou o pescoço. Ela estava deitada desajeitadamente, dobrada na cintura e com a bochecha achatada no assento da carruagem. Empurrando-se para cima, piscou contra a escuridão. O cheiro de couro curtido disse a ela que esta não era a carruagem que havia alugado.

Couro; e uma fragrância suavemente apimentada que mexeu com sua memória, embora já tivessem se passado cinco anos...

Ele puxou a cortina da carruagem, colocando uma fina haste de prata entre eles. Olhos verdes observaram Sofia do assento oposto.

Havia muitas coisas que Sofia desejava dizer... palavras ensaiadas em noites intermináveis, mas ela não começaria com raiva. Só iria expor o quão profundamente ele a machucou.

— Beba. — Aquela voz... carregada com um sotaque que era exclusivamente dele, era aristocrática e sedutora.

Ela aceitou o frasco oferecido, bebericando um gole de água, depois um longo gole.

Não estavam mais na passagem da montanha, mas em um terreno mais baixo. A neve e o gelo foram substituídos pela floresta, pressionando a borda da estrada. O luar mal penetrava nos densos abetos. Mesmo assim, ela viu pontinhos amarelos, refletidos na visão de alguma criatura noturna. Então, sumiram, substituídos por um flash de pelo cinza, correndo pelo lado antes de se afastar, desaparecendo nas profundezas.

Quantas horas se passaram? Não conseguia se lembrar de nada além de Constantin aparecendo na taverna.

Ele estava franzindo a testa em sua direção.

— O telegrama que enviou antes de sair de Bucareste chegou ontem. Eu esperava interceptá-la em Sighișoara e fazê-la voltar. Só por acaso paramos naquela pocilga.

Sofia conteve uma réplica. Claro, ele iria querer fazê-la mudar de ideia, fazê-la voltar para a cidade.

— Fez uma entrada e tanto. — Disso ela se lembrava... e de como tinha ficado assustada. Constantin tinha chegado quando era mais necessário. Alguma parte dela se recusava a atribuir isso ao acaso.

Sua expressão era vazia.

— Eles sabem quem eu sou... um Roznovatu.

— Mesmo tão longe do castelo? — Sofia não resistiu ao comentário improvisado.

Claro, ele seria conhecido. Os Roznovatus dominavam todas essas terras. Além disso, Constantin não era um homem de quem se esquecessem.

Aqueles olhos e cabelos... escuros como ébano, encardidos acima dos ombros largos. Embora seus dias de batalha tivessem passado, mantinha a postura de um guerreiro. Diziam que seus adversários turcos largaram suas espadas e fugiram com sua abordagem. Essas histórias eram contadas porque as pessoas precisavam de heróis..., mas, com Constantin, dava para acreditar.

Não era de admirar que tenha perdido a cabeça, o coração, a razão. Ela se convenceu de estar apaixonada.

Constantin recostou-se, estendendo as pernas à sua frente, embora sua atenção permanecesse fixa nela.

— Aqueles que são temidos são sempre conhecidos. Eles nos chamam de profanos.

Enquanto tomava mais água, Sofia gaguejou. Ele queria assustá-la? Para dissuadi-la do que veio buscar?

— Isso dificilmente parece...

Ele interrompeu.

— Alguns dizem que estamos além da benevolência de Deus. Outros que temos um pacto com o diabo. É superstição camponesa, mas útil quando se deseja ser obedecido.

Sofia havia prometido obedecer, no dia em que ele colocou a aliança em sua mão, mas ele não cumpriu sua parte no trato. Se esperava que o obedecesse agora, ficaria desapontado.

Ela puxou um lenço de sua bolsa e enxugou os lábios.

Sua bolsa estava ao lado dela! E a valise... no chão!

O alívio e a gratidão foram imediatos.

— O resto da minha bagagem...?

— Oleg e eu tivemos que persuadir seu cocheiro de se separar dela. — Ele se inclinou para frente, e seu cheiro a envolveu: sândalo, especiarias e fumaça.

— Falou gentilmente. — Ninguém a machucou?

— Estou bem. — Ela não tinha viajado até ali para satisfazer sentimentos tolos nem, Deus me livre, tentar reavivar sua afeição por ela. Essas esperanças há muito foram esmagadas.

No entanto, por um momento, o tom amável da pergunta, o leve abrandamento, trouxe uma onda de sentimento caloroso, atraindo-a para ele.

Se a abraçasse, ela temia que permitiria. Seus lábios se lembraram dos beijos que compartilharam uma vez.

No entanto, as noites de lágrimas lhe ensinaram muito. Ela precisava de Constantin, mas abrir seu coração era um caminho certo para a loucura.

Sofia levantou o queixo, desejando permanecer distante.

— Eu poderia ter resolvido a situação sozinha, mas agradeço-lhe, claro. — Ela desviou o olhar. — Eles não teriam... isto é... tenho certeza que...

Constantin fez um som de escárnio.

— Aquele covil de degoladores? O melhor que se pode dizer é que não incomodarão mais os viajantes.

O aço em sua voz deixou Sofia com medo de perguntar mais. Ela limpou a

garganta.

— Foi galante. Desculpe-me por qualquer inconveniência...

— Eu disse para não vir.

Sofia cerrou os dentes. Houve várias cartas ao longo dos anos, mas nenhuma dirigida a ela. A correspondência de Constantin era exclusivamente com o pai, e foi nessas cartas que leu sobre o retorno do marido à propriedade da família, depois de alguns anos em Viena. Seu pai só havia compartilhado os detalhes mais importantes. Após a morte dele, ela examinou o embrulho amarrado com fita à vontade e ficou irritada ao descobrir que Constantin quase não falava dela. Em vez disso, havia principalmente conversas científicas... seu pai tendo um interesse amador.

A discussão recorrente era a insistência de Constantin para que Sofia permanecesse sob o teto de seu pai. Uma soma substancial era depositada anualmente. Com isso, seu noivo viu suas obrigações cumpridas.

As cartas sem emoção! No entanto, escrita pelo homem que havia prometido amá-la até que apenas a morte os separasse.

Lançou todas nas chamas.

Sofia engoliu o puxão em seu peito. Sua dor ainda era crua, voltando mais no tempo do que a morte de seu pai. No entanto, ela se concentraria no assunto em questão.

— Devo procurar proteção com sua família. O castelo tem quartos suficientes, suponho?

— Não pode! — Constantin maldisse baixinho.

— E eu digo que sim! — Sofia deixou a própria voz subir. — Não espero que caia de joelhos dizendo que senti minha falta, mas mereço ser tratada dignamente como uma esposa. Eu não serei ignorada!



Foi atingido pela velha atração insuperável. Vê-la com raiva só aumentou isso.

Não que mudasse alguma coisa, mas tendo-a ao alcance de seus braços, ficou tentado a ver como seria beijá-la novamente.

Os anos que se passaram a viram crescer em sua beleza, embora seu nariz permanecesse mais pronunciado do que estava na moda. Ela sempre foi diferente... ou desajeitada, como diziam as fofocas mais cruéis... expressando sua opinião onde não era solicitada, teimosamente franca.

Constantin via determinação e uma mente inquisitiva. Ela era original e o havia cativado.

A Sofia dos dias atuais estava ofegante por causa de sua pequena explosão, que enviou um rubor para suas bochechas. O pulso batia rápido em sua garganta.

Todos esses anos, nunca levou outra para sua cama. Havia bastante disso em sua família para tornar a ideia eternamente repugnante.

Houve um punhado de outras antes de Sofia, mas nenhuma desde então. Ele cuidava de suas próprias necessidades, e havia apenas um rosto e um par

de lábios que imaginava acariciando onde seu punho puxava.

Eles compartilharam apenas uma noite, na qual ele a tomou com ternura, e depois duas vezes menos gentilmente. A lembrança disso o sustentou nesses cinco anos, através de seu próprio inferno escuro.

Quando ela falou novamente, sua voz mal passava de um sussurro.

— Não tenho ilusões de que me ame, Constantin, mas desejo fazer parte da sua família, ter um lugar do qual possa ter segurança. Eu preciso pertencer... a algum lugar.

Ela queria pertencer? Não a ele... não disse isso..., mas à dinastia cujo nome acreditava ecoar gloriosamente através dos tempos.

A ironia quase o fez rir.

Roznovatu... um nome que já inspirou orgulho, mas não mais. Era repugnante para ele, destruído, além da redenção.

Ele quase escapou. Seu serviço no exército o havia levado para longe, e naquelas batalhas sangrentas lutou como alguém que teria ficado feliz em morrer ali, com sua própria vida dada em algum peso na balança.

Apenas conhecer Sofia mudou seu pensamento. Pensou que ela era seu novo começo, mas era apenas uma continuação de tudo o que estava maculado. Ainda assim, sob sua pele, ele era um homem. A necessidade de cuidar dela era mais do que um dever... e ela havia chegado tão longe.

— Pode ficar — disse por fim. — Mas só até que arranjos alternativos sejam feitos. Existem outros ramos da família... em Sorrento, São Petersburgo e Paris. Será feliz em qualquer lugar, mas não aqui.

Ela fez menção de protestar, mas em vez disso se afastou... cansada demais para se opor a ele, ou sábia o suficiente para saber quando deixar de lado uma discussão.

— Mas pode esquecer qualquer ideia de dividirmos a cama — acrescentou. — Só complicaria as coisas.

— Como se eu fosse lhe conceder esse privilégio! Não passei todos esses anos que estivemos separados simplesmente esperando para me jogar em seus braços!

Apesar de todos os problemas que ela causava no momento, não pôde deixar de sorrir. Ali estava a Sofia que conhecia: rápida com seu temperamento e sua língua.

Uma mudança sutil na luz lhe disse que estavam emergindo da floresta, contornando o vale que jazia imerso na sombra de seu lar ancestral. Muito abaixo, a névoa havia se instalado, escondendo as pastagens e as almas da aldeia adormecidas em suas camas. Apenas uma parte da velha igreja era visível, sua torre sineira perfurando a neblina.

A carruagem deu um solavanco quando pegaram a trilha que se curvava para cima. O ar ficou mais cortante e as árvores mais esparsas... raízes se retorcendo sobre o solo mais pedregoso, buscando alimento entre as rochas inóspitas. Outra curva na trilha e a fortaleza dos Roznovatus apareceu: construída em granito puro, empoleirada no alto, com suas torres voltadas

para o céu, sustentadas pela rocha.

Sofia esticou o pescoço para a frente e se perguntou o que via. As varandas altas e as janelas em arco davam certo grau de elegância, mas as paredes eram de um cinza implacável. Apenas o telhado dava um toque de cor... escuro como sangue quando iluminado pela lua, os ladrilhos carmesins na luz rastejante da aurora.

Ao se aproximarem da muralha externa, os portões se abriram e cruzaram o curto espaço até a porta levadiça do próprio castelo, passando para o pátio interno. Os cavalos relincharam, seus cascos ecoando, batendo na pedra.

Constantin saltou e se virou para oferecer a mão a Sofia, impaciente demais para esperar que os degraus fossem trazidos. Ela hesitou. Apesar de toda sua bravata, devia estar ansiosa, vindo a este lugar tão remoto, com seus habitantes estranhos.

Uma porta se escancarou.

— Constantin!

A aparição que voou pelas pedras era mais um espectro do que uma mulher, seu cabelo de ébano desgrenhado sobre os ombros. As saias de sua camisola esvoaçavam para trás, seu roupão se abrindo enquanto corria.

— Tatiana! Que diabos? Deveria estar na cama.

Ela se jogou em seus braços, enterrando o rosto em seu peito.

— Estava esperando-o. — seus ombros tremeram. — Algo terrível aconteceu!

CAPÍTULO

FRÊS

Sofia se irritou.

Tatiana, era isso? Com a camisola caindo de um ombro, ela tinha a aparência de quem tinha se levantado a pouco. E seus lábios! Poderia jurar que ela usava *rouge*... bem como suas bochechas.

Claro, era pelo menos dez anos mais velha que Sofia. Nessa idade, as mulheres às vezes recorriam à pintura para emular o esplendor da juventude.

Constantin se soltou do aperto da mulher por tempo suficiente para ajudar Sofia a apear da carruagem antes de desaparecer pelas grandes portas.

Embora Tatiana lançasse apenas um breve olhar para Sofia, houve um inconfundível lampejo de triunfo antes que se virasse para segui-lo.

Bem, realmente! Sofia ergueu as saias. Supôs que, se algo tivesse acontecido, deveria ver se poderia ser útil.

Dentro do hall de entrada, um único braseiro lançava sombras em um alto teto abobadado e nas paredes de pedra nua. O frio envolvente era agudo. Múltiplos arcos se sucediam, envoltos em escuridão, mas o som de passos retumbantes disse a Sofia que os que estavam à frente haviam subido as escadas. Sem querer ser abandonada, correu atrás, confiando nos vislumbres da camisola de Tatiana, balançando acima.

Chegando ao andar superior, Sofia espiou o corredor. Mais braseiros lançaram suas chamas opacas e não muito longe estavam reunidos aqueles que Sofia imaginou serem servos do castelo, a maioria em roupas de dormir.

Separaram-se com a aproximação de Constantin e Tatiana e ela correu atrás deles, entrando em uma câmara na qual várias velas foram acesas. Ao redor da cama, as cortinas estavam fechadas, e Sofia conteve um grito ao ver o que havia ali.

O ocupante estava deitado de costas, seu cabelo grosso e escuro como o de Constantin, mas seu olhar estava fixo para o dossel de brocado acima. Sob seu nariz havia um filete escarlate, que escorria por sua boca.

Constantin pressionou os dedos no pescoço do homem.

Uma mulher estava do outro lado, enxugando os olhos com um lenço. Seu cabelo, trançado de prata, caía perfeitamente sobre o ombro do roupão.

— Ele se foi... em algum momento da noite, enquanto todos dormiam. Um final tranquilo.

Tatiana cerrou os punhos.

— Grigore merecia a morte muitas vezes, mamãe, mas acho que não podemos chamar isso de passagem serena. — Pegou a ponta da colcha, afastando-a.

Sofia não conseguiu conter a exclamação, pois os lençóis estavam

encharcados de vermelho.

Constantin xingou em voz alta.

— Quem foi o último a vir aqui?

— Fui eu, *Șăpânul*. — Do grupo de curiosos além da porta, um deu um passo à frente: uma mulher de aparência severa, sua trança presa firmemente no alto da cabeça.

Os que estavam na cama se viraram, e a elegante mulher que Tatiana havia chamado de Mamă encontrou os olhos de Sofia, acenando brevemente em reconhecimento de sua presença.

— *Doamnă* Albescu? — Constantin dirigiu seu olhar imperioso para a recém-chegada, convidando-a a falar.

— O mestre teve outro de seus ataques ontem, e foi atormentado com dor de cabeça, mas estava bem o suficiente para tomar sopa no início da noite. Trouxe leite quente antes de me deitar. — Ela acenou com a cabeça na direção do cadáver. — Voltei há uma hora e o encontrei assim.

A mãe de Tatiana franziu a testa.

— O sangramento nasal pode tê-lo matado?

— A senhora não tem olhos? — a filha pôs as mãos na cintura. — Veja acima de seu coração!

Os outros se aproximaram, olhando para onde Tatiana apontava. A camisola estava desabotoada, revelando uma ferida que sangrava.

— Ele tirou a própria vida! — declarou a criada, fazendo o sinal da cruz sobre o peito. — Escolheu acabar com seu sofrimento... e o dos outros!

Os que estavam no corredor começaram a murmurar.

— Basta! — A voz de Constantin aumentou com raiva. — Fora, todos. Para suas camas, ou para o trabalho.

Tatiana colocou a mão no braço dele.

— A verdade é difícil, mas olhe para a mesa de cabeceira. A arma está lá.

Constantin pegou a navalha, ainda aberta, com o fio carmesim, e então a colocou cuidadosamente sobre a mesa novamente, sua expressão ilegível.

A mãe de Tatiana deu um pequeno soluço e voltou a usar o lenço.

Sofia estremeceu. O que levaria um homem a tirar sua vida dessa maneira... cortando acima de seu coração?

— Tia, Tatiana vai acompanhá-la. — Constantin falou baixinho agora. — Vamos sepultá-lo antes do anoitecer.

— Mas, um médico, com certeza... ou um padre? — Sofia atraiu os olhares de todos na sala.

Constantin a olhou severamente.

— Nenhum dos dois é necessário. Meu irmão está morto, e quando um Roznovatu morre, fazemos as coisas do nosso jeito.

Sofia conteve a vontade de retrucar. Por que deveria se importar com um homem que nunca conheceu? Ela era a esposa de Constantin, mas uma estranha para esta casa. Sua opinião era irrelevante.

Parte dela queria correr do quarto, fugir de tudo aquilo, fazer o que

Constantin desejava e deixar este lugar para sempre. O marido deixou claro que não era bem-vinda.

E ser saudada pela morte antes mesmo de tirar a capa de viagem! Não era supersticiosa, mas muitos considerariam isso um sinal de que sua estada ali não seria feliz.

Enquanto Sofia seguia as outras mulheres para fora do aposento, ocorreu-lhe que sabia o nome de Grigore pelas cartas de Constantin que tinha encontrado. Ele se tornou o chefe da família com a morte de seu pai... cerca de dois anos atrás.

E agora? Constantin não era mais apenas um filho mais novo, mas o mais importante deles, detendo o poder não apenas sobre os habitantes do castelo, mas também sobre as terras vizinhas: seu título era o de Conde Roznovatu.

Inclinando-se sobre o irmão, Constantin tocou a bochecha do homem. Havia gentileza e intimidade no gesto.

Sofia baixou os olhos. Se ela fosse uma verdadeira esposa, iria consolá-lo em sua dor, mas Constantin tinha se mostrado distante como se apenas tolerasse a sua presença, nada mais.

Se ele não tivesse se sentido obrigado a encontrá-la na estrada, certamente estaria ali... talvez sentado com Grigore. Algo afiado atingiu as costelas de Sofia. Se não fosse por ela, ele poderia ter evitado a morte de seu irmão.



No corredor, a mãe de Tatiana apertou a mão de Sofia, mas estava muito emocionada para conversar mais, e Tatiana evidentemente não tinha vontade de se demorar. As duas voltaram para seus aposentos, deixando Sofia aos cuidados da governanta e de sua filha, Olga.

Subiram uma escada em espiral e Sofia foi conduzida a uma câmara que parecia ter sido arrumada às pressas. Partículas de poeira giravam devido a movimentações recentes.

Embora o fogo ainda não tivesse sido aceso, a rica paleta da sala transmitia calor e luxo. Dosséis com tecidos avermelhados e dourados sobre a cama ecoavam nas almofadas da poltrona da lareira e nas pesadas cortinas das três janelas estreitas do quarto. Amplos tapetes cobriam o chão... todos de estilo turco.

Enquanto Olga se ajoelhava para cuidar dos gravetos e das toras na lareira, trouxeram os baús de Sofia e uma bacia de água quente.

— Vai tomar café da manhã? — perguntou *Doamnă* Albescu.

Sofia olhou ansiosamente para a cama. Com tudo o que aconteceu, ela só queria dormir.

— Algo leve, mais tarde, se não for incômodo.

— Como quiser. — A mulher não perdeu tempo em virar as costas. — Olga vai desempacotar seus pertences. Se precisar de mais alguma coisa, é só lhe pedir.

— É muito gentil. — Sofia tirou as luvas e desabotoou a capa, colocando-a sobre a poltrona de espaldar alto ao lado da lareira.

Não havia nada de indelicado nas palavras da mulher Albescu, mas as maneiras estavam longe de serem respeitosas. Sofia ficou feliz em vê-la partir.

A criada levantou-se, examinando as crescentes chamas com aprovação, então se aproximou do baú.

— A chave, minha senhora?

Sofia abriu sua bolsa, passando-a com um sorriso.

— Tem um traje preto que pode aprontar para mim. O resto das minhas roupas pode esperar.

Olga assentiu.

— Trarei uma bandeja na hora do almoço e volto algumas horas antes do crepúsculo para ajudá-la a se vestir.

Crepúsculo? Claro...

Sofia franziu a testa, pensando no homem que jazia no quarto em algum lugar abaixo... isto é, se já não tivesse sido movido. Nunca tinha ouvido falar de um cadáver sendo tratado tão prontamente. Havia países onde não havia demora, mas não era por conta do calor? E eles não eram cremados, em vez de enterrados?

Foi assaltada pela memória de seu pai sendo baixado para o túmulo no cemitério Serban Vodă. A geada estava tão forte que teve que pagar mais pela escavação. Embora os dedos dos pés e das mãos estivessem dolorosamente dormientes, ficou ali, de pé, até que a última pá de terra o cobrisse.

O pensamento do pai sozinho, debaixo da terra, a perseguiu por semanas. Daria qualquer coisa para que ele voltasse; e para que a abraçasse novamente.

— Olga, é sempre tão rápido... o sepultamento?

A mulher pareceu surpresa.

— É uma tradição familiar. Alguns vão para os níveis mais baixos da cripta. O resto fica na capela. — Ela assentiu e saiu.

Sofia olhou para a porta fechada. Descansou a mão sobre a madeira escura por apenas um momento antes de girar a fechadura.



A cripta não ficava no pátio, nem em terrenos adjacentes, mas embaixo do castelo. Em procissão, desceram, pisando em pedras mal colocadas. Constantin liderava, enquanto dois criados carregavam o último conde, envolto em veludo carmesim.

A tia seguia, amparada pela filha, com Sofia atrás.

Passando por uma porta de ferro, o teto era coroado por arcos góticos, embora de pouca altura. Nada dividia a parte central do átrio, exceto os pilares que sustentavam o teto. Presumia-se que algum altar deveria se encontrar mais adiante na câmara, mas a atmosfera de uma tumba, escura e silenciosa, com o ar úmido e rançoso.

Sofia não queria pensar nos ocupantes dos sarcófagos intercalados entre as colunas, nem nos ossos esfarelados envoltos em linho apodrecido.

Pelas solas dos pés, o frio subiu.

Com sua tocha, Constantin acendeu um braseiro. A sombra dançante

apenas enfatizava os ângulos de seu rosto e, apesar da luz das chamas, ele parecia pálido. Seus olhos brilharam naquela iluminação estranha e trêmula.

Não havia outro membro da família na residência além de Constantin, Tatiana e sua mãe, a baronesa... assim Olga havia dito a Sofia enquanto fechava os botões na gola de seu vestido de tafetá preto. Ninguém além de Sigismund... irmão do pai de Constantin... e, sendo de idade avançada, ele não saía de seus aposentos.

Nenhum servo teve permissão para comparecer, além daqueles que carregavam o falecido conde Grigore para se juntar a seus ancestrais. A tampa ficava de um lado do caixão de pedra.

O olhar de Sofia vagou para aqueles ao seu redor. Preto não era a cor de Tatiana, fazendo sua palidez parecer além do natural; como se não tivesse sangue. Ela percebeu a atenção de Sofia, e o flash dentro daquele olhar estava longe de ser acolhedor.

Conscientemente, Sofia voltou seu olhar para o cadáver envolto em uma mortalha.

Viera com o desejo de se juntar a esta família, mas era uma intrusa. Ninguém a queria ali, e o homem sendo velado não era nada para ela.

Houve um suspiro audível quando o corpo foi erguido. Sofia presumiu que fosse de um dos homens, gemendo sob o peso de seu fardo, mas não parecia, pois ambos pularam de susto. Desajeitados, eles o soltaram e o corpo caiu no chão com um baque. O antebraço esquerdo se soltou quando a mortalha se desfez e, para horror de Sofia, os dedos se contraíram.

Tatiana ofegou, arrastando sua mãe de volta.

— Querido Deus! — exclamou a baronesa. — Ele está vivo!

Constantin xingou os homens, mas eles apenas olharam assustados. Ambos cruzaram os braços.

— Strigoi! — choramingou um. — Este blestemul!

— Têm razão! — Os olhos de Tatiana eram selvagens. — É a maldição. O mal está sobre nós!

Constantin ordenou aos homens que retomassem seu dever, mas os dois fugiram, desaparecendo escada acima.

Sofia olhou para Tatiana. Tais explosões condenavam as mulheres como histéricas. Não tinha tempo para tais dramas, mas não podia ignorar as evidências.

— Ele se mexeu, Constantin, gemeu também. Não ouviu?

— Eu ouvi apenas o som do ar escapando dos pulmões de um morto. — Seu rosto estava sem expressão.

— Mas a mão dele! — Tatiana se agarrou à mãe.

— Os membros podem se mover muito depois da morte. Não significa nada. — Um músculo estava pulsando na mandíbula de Constantin, mas não deu nenhuma outra indicação de estar perturbado. — Vejo que devo fazer o que os outros não podem. — Curvando-se, ele enfiou o braço de volta nas bandagens e içou para cima, até que seu irmão estivesse sobre o ombro.

Deve ter exigido grande esforço físico, mas ele carregou o irmão até a cova aberta e o abaixou lá dentro. Houve um baque suave quando o corpo encontrou seu lugar de descanso.

— Agora, a tampa. Eu não posso lidar com isso sozinho. — Constantin olhou primeiro para Tatiana, mas, não obtendo resposta, voltou-se para Sofia.

A ideia de se aproximar era abominável, mas fez o que ele pediu. Pegando a ponta da laje de pedra, ergueu-a conforme o marido contava e, de alguma forma, eles a colocaram no lugar. O esforço final foi todo dele, pois Sofia estava sem fôlego, com uma dor do lado do corpo. Então, se livrou daquele peso, e houve um som de raspagem quando a tampa se moveu para o lugar.

Constantin apagou as tochas e, em silêncio, subiram as escadas.

APÍTULO

QUATRO

Sofia se escondeu sob a colcha, grata pela panela quente colocada entre os lençóis.

Depois de sacudir as roupas de Sofia, a criada pendurou-as e atçou o fogo para que as brasas brilhassem noite adentro.

O dia tinha sido tão estranho. Não era surpresa alguma que Constantin tivesse mantido distância dela, mas esperava que a baronesa e Tatiana pudessem dar uma abertura. Claro, era natural que sua chegada tivesse ficado em segundo plano depois de uma morte súbita e chocante.

Sofia não conseguia imaginar como as outras mulheres estavam se sentindo... nem Constantin. Ele tinha sido próximo de seu irmão, com certeza.

Constantin havia enviado instruções de que fariam a refeição da noite em seus quartos e que desejava que Sofia permanecesse no dela até novo aviso. No momento, ela concordou, mas, daqui para frente, tinha suas próprias ideias. Pois não se deu ao trabalho de viajar para este local desolado apenas para ser enviada de volta.

Sofia havia deixado Bucareste com a intenção de fazer do Castelo Roznov seu lar, independentemente de como Constantin optasse por recebê-la. Ela dificilmente teria a chance de convencê-lo das vantagens de deixá-la ficar se não tivesse permissão para falar com ele, ou se apresentar adequadamente a sua tia e prima.

Por mais distante que Constantin estivesse sendo, sua família estava aqui, e estava determinada a fazer dessa família a dela também. Acima de tudo, era o que desejava... pertencer a algum lugar, entre pessoas que pudessem cuidar dela.

Estava claro que o conforto no castelo poderia ser melhorado, e Sofia começou a planejar. Ela atualizou a residência de seu pai em Bucareste, e um castelo não deveria ser muito diferente.

A primeira coisa a resolver era a sala de banho anexada ao quarto. A sensação mais terrível era a corrente de ar subindo pelo traseiro, tornando o penico quase preferível. Quanto ao destino do conteúdo, ela preferia não pensar.

E, pelo que entendeu, os criados eram obrigados a carregar água por vários lances para encher uma tina de cobre. Olga informou que um banho seria preparado para ela pela manhã, e que Daria e Alina, que ajudavam no trabalho pesado a ajudariam nesse esforço.

Sofia notou o semblante exausto da mulher. Ela estava claramente sobrecarregada, e isso simplesmente não funcionaria. Ou o castelo precisava

de mais funcionários ou medidas práticas precisavam ser tomadas para aliviar sua carga de trabalho.

Na cidade, a maioria das casas tinha caldeiras que forneciam água deliciosamente aquecida quando quisessem, sem falar no que havia de mais moderno em louças sanitárias. Transportar essas coisas para Roznovatu não seria fácil, mas não se conquista uma montanha desistindo ao primeiro sinal de um caminho rochoso.

E Sofia supôs que as cozinhas estariam no mesmo estado atrasado. Ela não ficaria surpresa se ainda assassem a carne no espeto em uma lareira aberta.

De manhã, assim que tomasse banho e se vestisse, falaria com a cozinheira e com quem quer que estivesse por perto, e teria uma boa e longa conversa com a governanta. Entre eles, certamente poderiam bolar um plano para trazer o castelo para a era moderna.

Sem dúvida, a baronesa e Tatiana a considerariam ousada, se interferisse na administração da casa, mas logo a agradeceriam quando vissem o benefício de um pequeno investimento nas instalações. Constantin até perceberia que Sofia poderia ser um trunfo, embora provavelmente nunca admitisse isso.

Seu devaneio foi interrompido pela aproximação de Olga.

— Há mais alguma coisa, minha senhora? Se não, vou me retirar. Estou encarregada dos cuidados de Lorde Sigismund esta noite.

— Nada, obrigada. — Sofia acabou rapidamente com o resto do leite que Olga trouxera.

Quando a empregada estendeu a mão para pegar a xícara, Sofia notou uma marca vermelha raivosa logo acima do pulso.

— Ai, Olga! Machucou-se?

Ela rapidamente baixou o punho.

— Algum inseto me mordeu. Deixei a janela entreaberta durante a noite. — Seu olhar foi para a janela de Sofia, embora ela tivesse verificado a tranca apenas alguns minutos antes.

— Nesta época do ano? — Sofia mal conseguiu conter o espanto. Esses tipos de criaturas não hibernavam até que chegasse o tempo quente, escondendo-se sob troncos, pedras e restolho de folhas?

— É quase primavera — respondeu Olga um tanto secamente.

— Claro. — Sofia não estava totalmente convencida. — Mas, Olga, devo perguntar se está bem.

Suas sobranceiras se ergueram.

— Por que não estaria?

Perguntar pela saúde dos outros era sempre estranho.

— Eu só quis dizer que parece ter muitos deveres. Não há uma enfermeira contratada para cuidar de Lorde Sigismund?

— Havia, mas ela e o conde Roznovatu... Lorde Grigore, quero dizer... tiveram um desentendimento. Minha mãe tem a tarefa agora, com a minha ajuda. Tivemos algumas garotas da aldeia, mas elas nunca ficam muito tempo.

— Ah, entendo — disse Sofia, embora não tivesse certeza disso.

Não poderia haver muitas oportunidades de emprego que se equiparassem às oferecidas pelos Roznovatus. Uma posição no castelo devia ser cobiçada, e cuidar de um ancião... o homem não poderia ser tão terrível; ele provavelmente dormia a maior parte do dia. Embora os inválidos possam ser mal-humorados.

— Deve ser solitário para ele ficar confinado em seu quarto. — Sofia preguiçou a colcha com os dedos. — Pena que não tem mulher nem filhos que lhe façam companhia.

Olga havia falado com recato antes, mas agora seu tom mudou completamente.

— Mas ele tem uma esposa... e bem debaixo deste teto, embora eu não saiba que tipo de esposa seria ela! — Ela franziu os lábios. — Quanto aos filhos, eu não poderia dizer...

— Tenho certeza de que o conde Roznovatu não gostaria de ouvi-la falar dessa maneira; nem a baronesa. — A indignação de Sofia aumentou em nome da tia do marido.

Ela ainda não havia entendido as relações entre todos os membros da família, mas supôs que não poderia haver outra candidata. Era improvável que Sigismund fosse casado com a cozinheira! Embora, neste caso, estranhasse a baronesa continuar usando o título do primeiro casamento. Tanto quanto sabia, Sigismund não tinha título próprio... barão ou outro.

Quaisquer que fossem os arranjos, certamente não cabia aos empregados comentarem.

A empregada piscou, parecendo confusa e um tanto arrependida.

— Desculpe, minha senhora. Talvez eu esteja cansada. Por favor, esqueça que eu disse alguma coisa.

Olga fez menção de sair, mas, hesitando um momento, voltou a olhar para Sofia.

— O patrão me disse para trancar a porta esta noite e guardar a chave, mas não me parece certo. Vou deixar aqui, na fechadura... para a senhora fechar depois que eu for embora.

— Meu marido lhe pediu para me trancar?

— Não conte a ele, sim, que pensei melhor sobre o assunto? — A criada preocupou-se com os lábios.

— Claro que não. — Havia todo tipo de coisa que Sofia pretendia fazer com Constantin, mas não queria colocar Olga em apuros.

Balançando os pés no chão, Sofia correu até a porta, girando a chave. Voltou rápido para se enterrar sob as cobertas novamente. Mesmo com o fogo ardendo, estava muito frio para ficar fora da cama.

Ela fechou os olhos. O dia seguinte seria agitado, e teria que lidar com todos com cuidado ou eles a odiariam de uma só tacada.

Descansar era a melhor coisa agora. O céu sabia que ela precisava disso. Mas os minutos passaram; e por alguma razão, o sono fugia.

Maldição!

Sabia muito bem o motivo, e era sua própria culpa por permitir que Constantin ocupasse seus pensamentos.

Não foi a primeira mulher a ter a Terra Prometida e depois ser trocada assim que o anel estava em seu dedo. Não era assim que funcionava o mundo? Os homens pegavam o que queriam e depois faziam o que fosse melhor para eles, deixando um rastro de decepção para trás.

Havia exceções, claro. Seu próprio pai tinha sido um marido fiel e atencioso, tanto quanto sabia. Embora a perspectiva de Sofia sobre isso pudesse ser distorcida. Afinal de contas, sua mãe viajara o mundo atrás dele durante toda a vida de casada, sem nunca ter o conforto de uma casa própria. Quando criança, nunca tinha pensado em perguntar como ela se sentia sobre isso, mudando de uma cidade para outra.

A realidade era que Sofia nunca havia superado a humilhação de ser abandonada na manhã seguinte ao que havia sido a noite mais maravilhosa, emocionante e apaixonante de...

Pare com isso!

Ela refletiu sobre sua noite de núpcias e os eventos que se seguiram, sem parar, sem nunca ser capaz de entender por que o homem que ela pensava que a amava havia escolhido partir.

Somente após a morte de seu pai ela encontrou as cartas de Constantin, guardadas no fundo da mesa do escritório. Com dedos trêmulos, puxou cada papel dobrado de seu envelope, mas as cartas não lhe diziam nada: linhas superficiais informando que Constantin continuava capaz de cumprir sua obrigação financeira com a esposa que deixara aos cuidados de seu pai.

As somas depositadas para sua manutenção eram generosas, mas nada falava do casamento, nem pedia notícias de Sofia. Quanto às muitas cartas que ela escreveu... enviadas ao castelo Roznov por falta de outro endereço, não tinha ideia se Constantin as havia recebido.

O pai dela ao menos as postou?

Não que isso mudasse alguma coisa. Ela quase esperava que aquelas páginas manchadas de lágrimas nunca tivessem chegado ao homem a quem se destinavam.

Constantin não precisaria ler suas falas exageradas para saber que havia partido seu coração. Enquanto isso, nenhuma carta chegou até ela do homem que jurou amá-la até que a morte os separasse.

O que quer que Constantin tenha sido em sua vida, ele tinha se tornado um estranho agora. Tudo o que haviam compartilhado e esperado poderia nunca acontecer, ou, pelo menos, era assim que ele desejava que fosse. Pois tinha deixado claro.

Quanto aos seus motivos, permaneciam desconhecidos para ela, e talvez fosse melhor assim. Realmente queria saber as maneiras pelas quais se mostrou inadequada?

Sentando-se, Sofia acendeu o abajur ao lado da cama e pegou o lenço. Deu uma boa assoada no nariz.

Era fraqueza dela querer entender? Por mais doloroso ou trivial que fosse o motivo, não merecia ouvir a verdade?

E, uma vez que soubesse? O que faria?

Resolveu reivindicar seu lugar de direito ao lado do marido, independentemente de a querer ou não, porque merecia respeito e a posição, e um lugar ao qual pertencer. Ela não acreditou nem por um momento que estarem sob o mesmo teto reacenderia o afeto.

Deus me livre!

Ela nunca mais se colocaria naquela posição... de estar sob o poder de um homem, de se permitir ser ferida. Uma vez não foi o suficiente?

E, no entanto, não conseguia deixar de imaginar Constantin de joelhos, implorando seu perdão, pedindo para que ficasse, admitindo que tinha sido um tolo. Dizendo que a amava todo esse tempo.

Sob suas costelas, a velha sensação de vazio corroía.

O homem que se afastou tão impiedosamente nunca diria tais coisas, e ela era tola por se permitir pensar, mesmo por um momento, que sua presença ali mudaria qualquer coisa.

CAPÍTULO

CINCO

Enquanto os criados enchiam a banheira no quarto de Sofia, ela comeu o mingau adoçado com geleia. Ficou aliviada, pelo menos, ao descobrir que Olga tinha ajuda.

Daria e Alina eram primas da cozinheira. Com suas próprias famílias na aldeia, não poderiam ficar no castelo durante toda a semana, mas concordaram em ajudar com a lavanderia e outras tarefas diversas. As mulheres pareciam mais fortes do que Olga e muito mais adequadas para o trabalho pesado.

— Aí está, minha senhora. — Tendo esvaziado seu último balde de água na banheira, Daria arregaçou suas mangas.

A outra, uma versão mais alta e angulosa de sua irmã, examinou Sofia com olhos firmes.

— Sangue novo! — declarou. — É o que este lugar precisa!

— Cale-se! Não cabe a nós... — interrompeu a outra.

— Só estou dizendo! — Alina cruzou os braços. — Eu não teria vindo se não fosse pela nossa Mălina não saber o que fazer. Uma santa, ela é!

— Está ganhando o dobro do que deveria... mas isso é para trabalhar, não para ficar tagarelando — disparou Olga.

— Ouça o que está falando! — Alina parecia pronta para continuar discutindo, mas depois pareceu pensar melhor, e as duas saíram apressadas, carregando os baldes vazios.

Olga ajoelhou-se para testar a água.

— Lamento que tenha que ouvir isso. Elas não deveriam estar aqui. Se houvesse mais alguém que viesse... — O rubor de seu rosto mostrou como a conversa a incomodava. — Minha mãe vai falar com elas.

Sofia se contorceu para fora da cama. O tom de Alina tinha sido extremamente impertinente, totalmente sem deferência, mas havia algo em sua franqueza que atraía Sofia. Adoraria ser uma mosca na parede durante qualquer discussão que houvesse entre Alina e a *Doamnă* Albescu.

— Todos devem estar inquietos. — Sofia levantou a camisola e mergulhou um dedo do pé na água. Não estava tão quente quanto estava acostumada, mas era seu primeiro banho em vários dias. Descendo na banheira, levantou os joelhos para que o calor cobrisse seus ombros.

Deixando uma toalha ao alcance, Olga foi arrumar a cama.

Sofia tentou parecer indiferente enquanto se ensaboava.

— Tirar a própria vida, e dessa maneira! Algo terrível deve ter atormentado a mente do falecido conde.

— Eu não poderia dizer. — Era óbvio que Olga não estava disposta a

compartilhar seus pensamentos.

Sofia respeitou isso. Muitos no mundo prosperam em fofocas. Descansou a cabeça na borda da banheira.

— As outras senhoras... sabe se... estão prontas?

— Vão ficar um pouco mais na cama, depois irão tomar banho e essas coisas. Costumam se reunir para almoçar — Olga hesitou — ou podem nem descer.

Sofia balançou a cabeça. Sempre foi encorajada a acordar cedo e ser útil... sendo hábil com sua agulha ou arranjando flores. Na casa de seu pai, muitas vezes havia um sarau para organizar ou algo assim, sem falar nos convites para escrever e responder.

Em Bucareste, ela até ajudava na cozinha de vez em quando, apreciando o intrincado trabalho de decorar os pequenos *petit fours* e canapés que sua cozinheira era perita em fazer. Supôs que as senhoras do castelo Roznov eram muito importantes para se rebaixar para ajudar em qualquer trabalho tradicionalmente atribuído aos criados.

Parecia que gostavam demais de dizer que não faziam muita coisa, mas dificilmente ganharia o favor delas criticando seus hábitos.

Em todo caso, pode não haver muita distração para se preocuparem. Pelo que lembrava do mapa, não havia vizinhos próximos, além das pessoas da aldeia no vale abaixo.

Haveria ocasiões para festividades simples comandadas pelo castelo, mas não ocorriam com frequência suficiente para exigir muita atenção da baronesa e de sua filha. E, com a morte de Lorde Grigore, a casa provavelmente se tornaria sombria.

Com um último esguicho de água no rosto, Sofia pegou a toalha.

Era hora de explorar o lugar, e Constantin poderia esperar sentado se pensasse que ela tinha alguma intenção de fazer o contrário.



Embora a cozinha estivesse localizada longe das áreas públicas do castelo, Sofia foi guiada até lá pelo cheiro de bolo. Era exatamente como havia imaginado: um espaço cavernoso em que a lareira ocupava grande parte de uma parede, com fornos de cada lado, embutidos nas pedras. O aposento era bastante escuro, tendo apenas uma janela mais perto do teto do que do chão, mas era agradavelmente quente.

Várias panelas estavam penduradas sobre a mesa central, enquanto uma fileira de coelhos pendia no canto, esperando para serem esfolados e preparados para cozimento. A empregada, que Sofia reconheceu como Daria, estava esfregando algo vigorosamente sobre uma longa pia de madeira. No outro extremo, Alina estava carrancuda sobre uma pilha de vegetais irregulares.

— Bom dia a todas. — Sofia deu seu sorriso mais brilhante. — Meu Deus! O cheiro é delicioso.

De um dos fornos, a cozinheira extraía uma torta de massa dourada.

— Bom dia para a senhora; Sra. Fox, não é? Espero que eu não esteja incomodando. — Enquanto Olga prendia o cabelo, Sofia perguntava o nome das outras criadas, querendo se apresentar informalmente.

Limpando as mãos no avental, a sra. Fox inclinou-se para a frente, semicerrando os olhos por cima da mesa.

— A nova noiva, é?

Meu Deus, ela é cega como um morcego! pensou Sofia.

— Como dissemos, prima. — Daria saiu de seu trabalho, fazendo uma rápida reverência na direção de Sofia.

Ela está lavando guardanapos em um lado da pia, enquanto a irmã descascava nabos ou o que quer que fossem no outro. Sofia mordeu a língua. Essa era uma conversa para outro dia!

— Sou a esposa de Lorde Constantin, embora não seja exatamente nova. — Sofia franziu a testa. Supôs que, de certa forma, talvez fosse.

A cozinheira piscou novamente.

— E com a aparência Roznovatu. Como a mãe dele, com aquele seu cabelo negro. — Ela cruzou os braços sob um busto amplo. — Semelhante encontra semelhante, e sangue encontra sangue. Vou lhe fazer uma oração.

— Perdão? — Sofia tinha ouvido perfeitamente bem, mas preferia não ter ouvido. As palavras da cozinheira tinham um tom amargo.

O que importava que seu cabelo fosse escuro? A de Tatiana não era igual, e a de sua mãe provavelmente também não. O tom não era incomum.

Ela estava prestes a dizer isso quando notou que Daria e Alina haviam parado o que estavam fazendo, claramente esperando para ouvir como responderia.

Sofia colocou suas feições em um aspecto de compostura. Constantin insinuou que as pessoas pensavam que algum tipo de infortúnio pairava sobre a família. Seria melhor evitar qualquer coisa que alimentasse as chamas.

Naquele momento, uma mão agarrou seu cotovelo por trás.

— Milady? — A voz era nítida. — Algo de errado com seu banho ou café da manhã? Minha filha não providenciou tudo o que precisava?

— *Doamnă* Albescu! — Sofia girou, sentindo-se pega em algo errado. — Estou simplesmente inspecionando as cozinhas e conhecendo todo mundo.

— Entendo... — A governanta respondeu. — Quer inspecionar aqueles que a servem. Devo convocar Florin? Ele tem servido como valete e mordomo para os homens Roznovatu durante vinte anos. Seu filho, Oleg, conduziu a carruagem em que chegou. Sem dúvida, ele está nos estábulos, ou o encontraremos na horta. — O ressentimento na voz dela era óbvio.

— Isso não será necessário. Tenho certeza de que nos encontraremos no devido tempo. — Sofia pensou em perguntar à cozinheira e à governanta se poderiam sugerir suas próprias ideias para melhorias, mas seus modos lhe diziam que provavelmente apenas as irritaria. Claramente, precisariam de mais tempo para se acostumar com a presença dela.

Sofia de repente só queria sair dali.

— Vou continuar meu passeio. A senhora está ocupada, tenho certeza, então não se preocupe em me acompanhar. Vou encontrar o caminho.

A governanta estreitou os olhos para Sofia.

— Não devia esperar que a baronesa a acompanhasse, ou o próprio patrão?

— Sofia percebeu que o olhar da governanta se desviava e teve certeza de que ela trocara um olhar com a cozinheira, por cima do ombro. — Como a senhora da casa, pode ir a qualquer lugar que quiser, mas tome cuidado ao entrar na torre leste, onde Lorde Sigismund dorme. Os degraus são irregulares e seria uma tragédia se perdesse o equilíbrio e caísse. — O olhar fulminante da governanta falava que ela não desejava nada além de encontrar os membros de Sofia torcidos em uma pilha aos pés de alguma escada em ruínas.

CAPÍTULO

SEIS

Sofia refez seus passos, emergindo no hall de entrada, onde a luz do sol entrava fracamente pelas janelas estreitas que havia dos dois lados da porta. O braseiro ainda estava aceso, mas tudo estava em silêncio, como se ninguém morasse ali e ela estivesse sozinha.

Quantos arcos?

Ela contou quatro, ao lado da pequena entrada escondida sob a escada, que levava à cozinha.

Sofia viu o que não tinha percebido na noite anterior, que cada arco levava a uma porta recuada. Constantin estava por trás de algum deles?

Agarrando o pesado anel de ferro na mais próxima, ergueu o trinco, tanto esperançosa quanto temerosa de o encontrar.

Seu pulso acelerou ao entrar, pois havia entrado em uma biblioteca, e era lá que o dono da casa provavelmente estaria. No entanto, uma pesquisa das poltronas vazias agrupadas ao redor da lareira fria e a mesa desocupada no outro extremo indicaram que a sala estava sem uso.

As janelas se estendiam altas, quase até o teto, proporcionando muita luz para a leitura. Os Roznovatus eram realmente cultos, se as edições encadernadas em couro trouxessem evidências verdadeiras de seu aprendizado. Havia famílias que colecionavam livros simplesmente para parecer que tinham sido lidos, é claro, ou pelo prestígio de possuir edições raras.

Sofia passou os dedos pelas lombadas verde-escuras e carmesim: grego, latim, alemão, francês. Ela puxou um volume de seu lugar. A capa trazia um motivo incomum... triângulos entrelaçados circundados por uma cobra, e outra serpente no centro, perfurada por uma flecha. Os outros emblemas pareciam quase heráldicos: um leão, uma águia, um touro, e aquilo era um anjo? Uma figura com asas, de qualquer forma. Os únicos outros símbolos eram a lua e o sol, em oposição.

Uma olhada no livro lhe deu o título: *A Irmandade Hermética de Luxor*.

Ah, até aqui seguiam a moda da egiptologia!

O próprio pai de Sofia havia guardado vários volumes, detalhando as façanhas daqueles ousados arqueólogos na terra dos faraós. Nos últimos dias, ela havia lido para ele quando não tinha forças para fazê-lo sozinho: uma biografia de Belzoni. Apavorante, na verdade, como os italianos usaram um aríete para abrir as tumbas à força.

Sofia levou o livro para uma mesa e virou as páginas. As ilustrações eram de boa qualidade, mas, estranhamente, não parecia haver nada sobre as pirâmides, nem sobre a Esfinge.

Na verdade, os desenhos pareciam totalmente simbólicos, mostrando os homens nas mais estranhas atitudes. Um apareceu para mostrar o processo de alguém mudando a forma humana... primeiro para a de um lobo, e depois para um morcego, ao que parecia.

Muito fantasioso.

Sofia fechou a tampa novamente e recolocou-a na prateleira.

Havia outras edições em inglês mais adiante, embora a maioria fosse dedicada a doenças. Ela passou por *Coagulação do Sangue*, seguida por *Diátese Hemorrágica em Casos de Icterícia*.

O pai de Sofia teria aprovado, fascinado pelo funcionamento do corpo, mas ela olhou desesperadamente para as fileiras de livros. Não havia um romance disponível.

Fechando a porta atrás dela, se viu novamente no corredor.

A próxima sala era uma espécie de arsenal, com espadas altamente polidas e lanças de aparência letal, bem como machados que provavelmente eram pesados demais para levantar, muito menos manejar com precisão. Estandartes pendurados no alto, do tipo que se imagina serem levados para a batalha. O trabalho era muito bom: dragões de ouro bordados em uma faixa de seda vermelha.

O mesmo desenho foi esculpido na cornija de pedra acima da lareira.

O brasão de armas de Roznovatu? Sofia supôs que sim.

Adivinhava-se que o armamento não era usado há muitos anos, mas não havia vestígios de poeira.

Não era de admirar que as empregadas continuassem partindo! Ser encarregada do polimento contínuo de tais itens, devia ser muito exasperante.

A próxima sala, no lado oposto, era a maior até então, talvez trinta metros de ponta a ponta, o teto alto. Havia painéis de carvalho escuro e grandes tapeçarias penduradas em suas paredes. O salão ostentava três grandes lareiras, embora, como as outras câmaras, estas estivessem frias.

Os passos de Sofia soaram ocos enquanto percorria sua extensão. A sala foi claramente projetada para acomodar todos os homens, mulheres e crianças que se ajoelhassem diante do senhor feudal a quem servissem.

As longas mesas e bancos de tempos passados permaneciam, sendo facilmente afastados. Na outra extremidade havia um estrado elevado, com uma galeria de menestrel. Desejando ver o grande refeitório daquele ponto privilegiado, Sofia experimentou uma pequena porta enfiada no canto. Como havia imaginado, degraus estreitos levavam ao local de onde os músicos tocavam seus alaúdes e violinos.

Subindo, inclinou-se sobre a balaustrada. Quando uma banda completa festejara ali pela última vez? Os Roznovatus convidaram os aldeões para comemorar com eles na virada do ano? Havia dança e canto?

Era difícil imaginar Constantin presidindo tal alegria. Seu irmão tinha uma natureza diferente, ou seu pai antes disso?

Sofia estava prestes a descer os degraus quando vozes abafadas seguiram

seu caminho. Dois dos criados, supôs, mas o tom era mais refinado do que qualquer outro que ela ouviu abaixo da escada.

Uma porta dava para o fundo da galeria. Embora estivesse praticamente escondida dentro dos painéis de madeira, alguém a deixara entreaberta, e era de lá que as vozes se originaram. Sofia aproximou-se e, espiando, verificou que havia uma pequena sala de estar do outro lado.

— É muito precipitada! — A primeira voz, agora levantada em aborrecimento, era certamente a da baronesa.

— Só desejo agarrar a felicidade que puder. — A segunda obviamente foi Tatiana.

Sua mãe continuou.

— Mas é quase impossível. Deve ver isso! Ele não é para você e nunca foi.

A mente de Sofia disparou para como Tatiana havia recebido Constantin na chegada deles na manhã anterior. Olga havia indicado que a baronesa era irmã da falecida mãe de Constantin. Isso fazia de Tatiana sua prima.

Tais associações íntimas eram um tanto desaprovadas nos dias de hoje, em casos de casamento..., mas não proibidas. Estariam noivos há muito tempo, antes de Constantin escolher Sofia como noiva?

A mulher mais velha falou novamente.

— Eu esperava que esse caso fosse coisa do passado, mas agora vejo que não.

Um caso?

Sofia sentiu-se balançar e foi obrigada a apoiar-se na parede.

Cinco anos se passaram.

Havia imaginado, muitas vezes, onde seu marido poderia estar e a quais atividades se dedicaria. Pelas cartas de seu pai, soube que passou algum tempo em Viena.

Se já tinha se perguntado se ele poderia buscar consolo nos braços de outra pessoa, rapidamente afastou tais pensamentos. Agora, o tormento aumentou. Ele rejeitou a cama de Sofia, mas nenhum homem de sangue quente em seu auge renunciaria aos prazeres da carne sem motivos, e essa Tatiana parecia exatamente o tipo de pessoa disposta a isso.

— Não prejudicamos ninguém. — O beicinho de Tatiana era perceptível.

Sua mãe fez um som de escárnio.

— Vamos lá, minha querida. Pode dizer isso a si mesma, mas nós duas sabemos que não é verdade.

Fechando os olhos, Sofia apoiou a testa no batente da porta. Nenhuma das mulheres a mencionou, mas sua chegada deve ter inspirado essa conversa. Tatiana podia não ter moral, mas sua mãe claramente desaprovava flertes com um homem casado.

Sofia respirou fundo e soltou o ar lentamente. A descoberta foi inesperada e mais dolorosa do que poderia ter previsto. No entanto, ela veio não para conquistar o coração do marido, mas para estabelecer seu lugar na família dele; e dificilmente poderia fazer isso enquanto se esgueirava pelas portas,

fingindo não ter ouvido verdades incômodas.

Sofia deu uma batida suave antes de abrir o painel e passar.

— Glória a Deus! — A baronesa deu um pulo na cadeira. Levando a mão ao peito, ela deu uma risada nervosa.

Sofia reuniu o que esperava ser um sorriso encantador.

— Me perdoe. Eu estava explorando e me deparei com a galeria...

O rosto de Tatiana traiu um momento semelhante de choque, mas ela se recuperou rapidamente. Atravessando a sala, pegou a mão de Sofia e a conduziu até uma cadeira.

— Vamos, Sofia... posso te chamar assim, não posso? Deve experimentar nosso licor de flor de sabugueiro. — Servindo de uma jarra, ela passou um pouco para Sofia. — As flores estão apenas aparecendo, então este é o primeiro da temporada.

— Oh, sim! Diga-nos o que acha deste. — A baronesa pegou seu próprio copo. — Um verdadeiro sabor das montanhas, e a própria Tatiana fez este. É uma receita simples, claro, feita por todos nesta parte do mundo, mas muito boa para a digestão.

Sofia tinha que admitir isso... elas eram quase tão frias perto do fogo quanto Constantin. Ela educadamente tomou um gole e proclamou a bebida deliciosa.

— Peço desculpas por invadir. — Sofia olhou as duas mulheres nos olhos. — Ouvi vozes e pensei que seria falta de educação se não me desse a conhecer.

Deixe-as pensar disso o que quiserem!

— Nós que pedimos desculpas — disse a baronesa graciosamente. — O que deve pensar! Deveríamos ter lhe convidado para se juntar a nós, mas com tudo o que está acontecendo...

Sofia assentiu.

— Cheguei na pior hora.

Ela deixou seu olhar viajar pela sala. Tinha a coleção usual de molduras douradas nas paredes... pinturas de cachorros e gatinhos, vasos de flores e tigelas de frutas, e um belo retrato feminino sobre a lareira. No entanto, a decoração tinha um toque mais leve do que na maioria dos outros quartos: amarelos delicados e verdes suaves, com motivos florais no estofamento. A sala era pequena o suficiente para que o fogo fizesse seu trabalho de aquecê-la bem.

O cansaço tomou conta dela. Como desejava simplesmente relaxar e fazer amizade com a baronesa e sua filha para discutir com elas seus pensamentos, esperanças e desejos.

Qualquer que fosse a história entre Tatiana e Constantin terminaria agora que ela estava ali. Muitos aspectos da natureza de Constantin eram um mistério para Sofia, mas uma coisa da qual tinha certeza era seu senso de honra. Ele nunca iria para a cama com outra mulher enquanto sua esposa dormisse sob o mesmo teto.

E, no entanto, algo a segurou. Seria imprudente baixar a guarda, até que entendesse melhor o castelo e a família.

— Por favor, aceite minhas condolências. É natural que a morte do conde tenha causado transtornos, e a cerimônia foi inquietante em si. Quanto à forma como os dois criados fugiram! — Sofia tomou mais um gole do líquido agri-doce. — Florin e Oleg, não é? — Ela se sentiu bastante orgulhosa de lembrar os nomes. — Ninguém imagina homens crescidos se assustando assim... e o que era aquele *strigoi*? Acho que nunca ouvi ninguém usar a palavra...

— Muito! — a baronesa interveio. — Um negócio assustador.

— Morto-vivo! — declarou Tatiana.

Sua mãe lhe lançou um olhar de alarme.

— Sério, Tatiana, não precisa...

— Por que não? — O olhar de retorno foi de desafio. — Passamos muito tempo sem falar sobre as coisas que importam. Ela é uma noiva Roznovatu, não é?

A baronesa franziu a testa, mas evitou mais interrupções.

— Conhece a história do *Holandês Voador*? — Tatiana levantou uma sobrancelha enquanto fixava Sofia em sua mira.

— O navio, quer dizer? — Sofia procurou em sua memória, embora não pudesse começar a pensar no que isso tinha a ver com Constantin. — Não é aquele de *Rokeby*... o poema de Sir Walter Scott?

Tatiana assentiu.

— Há um assassinato a bordo, e então a praga irrompe entre a tripulação, fechando todos os portos ao navio.

— Não tem nada a ver com fazer um juramento a Satã, e o navio ter que ficar no mar para sempre? — Mesmo quando Sofia disse isso, a observação de Constantin voltou para ela... sobre as pessoas dizerem que a família era amaldiçoada.

Era indigno de uma mente educada; ainda assim, um calafrio passou por ela.

— Exatamente! — Tatiana sorriu, embora não houvesse calor ali. — Se me perguntar, este castelo está igualmente amaldiçoado. O castelo e todos nele. — Seus olhos brilharam. — Há segredos aqui, e segredos apodrecem. É uma doença, tão real quanto qualquer outra, não concorda?

Sofia esfregou a têmpora. Nada que Tatiana disse fazia sentido; sua própria existência não era um segredo, certo? Constantin deve ter contado a sua família sobre seu casamento. Se não, então sua carta anunciando sua chegada teria sido...

Um rubor subiu pelas bochechas de Sofia, acompanhado por um constrangimento horrível.

— Claro que não há como guardar segredo dos criados, e o que lhes falta em fatos sobra em imaginação — continuou Tatiana.

— Desculpe, não estou entendendo. — Sofia sentiu uma dor de cabeça

chegando.

— Os mortos-vivos, por exemplo. — Tatiana parecia estar entrando no ritmo. — Existem dois tipos, aparentemente. O primeiro é atormentado na morte. Incapazes de alcançar a salvação, eles se levantam da sepultura, decididos a buscar aquela força que move todas as coisas vivas.

Uma animação sombria tomou conta dela agora, e sua voz se elevou.

— Sangue! É o que querem e farão de tudo para consegui-lo. — Ela deu uma risada oca. — É uma necessidade que nunca pode ser satisfeita, pois por mais que bebam, sua natureza permanece como sempre foi. Eles são amaldiçoados eternamente, como a tripulação daquele navio. — As mãos de Tatiana começaram a tremer. — Quanto ao segundo, são ainda piores. Apesar de vivos, nunca estão satisfeitos com o que têm. Eles sugam a vida das pessoas mais próximas a eles, deliciando-se em esmagar a felicidade dos outros. Todos ao seu redor enfraquecem, até que percam a vontade de viver.

— Basta! — sua mãe bateu com a palma da mão na mesinha. — Tatiana, está perdendo o controle.

De olhos ocos, Tatiana caiu para trás em sua cadeira, cobrindo o rosto.

— Por favor, perdoe-a. Ela está exausta. — a baronesa levantou-se para ficar atrás da cadeira da filha. — Há muitas superstições aqui, nas montanhas, mas são apenas velhas lendas. — A mulher mais velha pousou as pontas dos dedos nos ombros de Tatiana. — Não estamos na idade das trevas e não há nada a temer à noite. Nem demônios, nem espíritos malévolos.

E quanto aos humanos que vivem com o mal em seus corações? O pensamento veio espontaneamente para Sofia.

Havia algo errado no castelo? Tatiana tinha falado de segredos. Todas as famílias enfrentaram infortúnios, mas os Roznovatus sofreram mais do que a maioria. Quanto tempo se passou desde que a mãe de Constantin morreu, e depois seu pai? Agora, seu irmão havia se juntado a eles na tumba.

Tatiana acreditava que ela era a próxima?

Ou era por Constantin que temia?

CAPÍTULO

SETE

A baronesa declarou necessitar de descanso, e Tatiana estava visivelmente perturbada. Sofia retirou-se, sendo sua própria companhia durante o resto do dia, uma vez que continuava sem saber de Constantin.

No entanto, no final da tarde, recebeu a notícia da tia do marido de que a família se reuniria para jantar e que sua presença seria bem-vinda.

O alívio de Sofia foi grande, já que Constantin presumivelmente havia aprovado o convite, mesmo assim seu estômago revirou. Desde que chegara ao Castelo Roznov, as coisas tinham sido estranhas e seus esforços para fazer amizade com as mulheres da casa dificilmente poderiam ser considerados um sucesso.

Sofia pressentia que a baronesa se tornaria uma aliada, com o tempo, mas Tatiana com os seus humores voláteis era outra história. Seu histrionismo era tal que Sofia se perguntou se ela estava sã. Tal comportamento poderia ser causado apenas pelo choque com a morte de seu primo Grigore? Suas palavras ao lado da cama, naquele dia, desmentiam qualquer sentimento caloroso, pois Tatiana havia dado a entender que ele merecia um fim prematuro.

Não importava, Sofia estava determinada a ser amigável. As amizades não eram construídas da noite para o dia e, como recém-chegada à casa, cabia a ela o ônus de ser aceita.

Olga ajudou-a a vestir um vestido de noite de tafetá preto que Sofia encomendara às pressas após a morte do pai. Tendo afundado na dor, não se interessou pelos detalhes de seu traje de luto, deixando-os inteiramente para a costureira.

Embora a renda guipure na parte superior do corpete servisse o suficiente para esconder seu decote, o vestido exibia mais a curva externa dos ombros de Sofia do que ela considerava adequado. Porém, logo remediou isso pegando um xale.

Olga a conduziu a um cômodo acessado pelo hall de entrada do castelo que ficava atrás da única porta que Sofia ainda não havia tentado.

Poderia ter encontrado o caminho facilmente, pois precisava apenas seguir o cheiro de fumaça de madeira. Em Bucareste, um laçaio teria sido colocado para abrir as portas para ela, mas ali não havia tal luxo. Sofia respirou fundo para se recompor antes de virar a maçaneta de ferro e entrar.

A cena do outro lado não era como ela esperava. A sala estava surpreendentemente quente, graças às toras crepitando na lareira, e havia muita luz. Candelabros enfeitavam aparadores ao longo das paredes apaineladas, com mais alguns colocados ao longo do centro da mesa, e dois

grandes candelabros iluminados de cima. Enquanto o grande salão de banquetes era decorado com tapeçarias, ali, os retratos forneciam o adorno da sala.

Parecia que ela estava um pouco atrasada, pois os outros já estavam sentados, as duas mulheres em laterais opostas, ligeiramente afastadas da entrada. Sofia mal havia fechado a porta atrás de si quando ouviu uma gargalhada de Tatiana, dirigida a Constantin, que estava sentado no outro extremo da mesa.

A inesperada alegria fez Sofia hesitar, fazendo-a sentir-se bastante insegura de si mesma. Todos os olhos se voltaram para ela, os de Tatiana brilhando com seu habitual ar de travessura.

— Minha querida, venha e sente-se. — A baronesa apontou para o local mais próximo da porta. Como a mesa poderia facilmente acomodar vinte pessoas, havia uma grande distância entre ela e Constantin. Tatiana e sua mãe ocupavam a seção do meio, uma de frente para a outra.

Tatiana, pegando sua taça de vinho, não disse nada.

Constantin levantou-se, cobrindo rapidamente a distância entre eles para puxar o assento de Sofia.

Mais uma vez, a falta de um laçao!

A cadeira, de espaldar alto e forrada de roxo, parecia imensamente pesada... principalmente devido às grandes garras esculpidas nos pés e nos braços. Constantin, porém, não pareceu ter dificuldade, nem em puxar a cadeira, nem em ajudar Sofia a se aproximar da mesa.

— Deve nos achar indecorosamente alegres — a baronesa tomou um gole de seu copo —, mas devemos buscar nossa alegria onde pudermos, mesmo em meio à tristeza. Tatiana estava apenas nos lembrando que em breve chegará a hora do ritual Căluș na aldeia; marcando o fim da primavera, sabe, e a chegada do verão... embora as geadas só tenham diminuído nas campinas nas últimas semanas. O inverno está durando muito este ano.

— Um motivo de alegria, certamente. — Sofia se obrigou a sorrir. Havia algo na maneira como Tatiana ria que a fez duvidar que fosse em homenagem à mudança das estações.

— E Constantin nos proibiu de usarmos o luto pesado. — A baronesa tocou levemente com os dedos a pala do vestido, que era de cor violeta, e não preto, enquanto o de Tatiana era de tafetá esmeralda escuro, sobreposto por renda preta.

Os vestidos eram diferentes de qualquer um que Sofia tivesse visto em Bucareste, ou em nenhuma das cidades europeias de suas viagens. Ambos os trajes tinham decotes rigidamente quadrados e mangas que se fechavam nos ombros, estendendo-se volumosamente perto do pulso, sendo presos apenas nos últimos centímetros. O estilo lhes caía bem, mas era muito fora de moda.

Sofia supôs que isso poderia ser dito de quase tudo dentro do castelo, fazendo-lhe se perguntar quando as mulheres deixaram o lugar pela última vez.

Por que Constantin instruíra sua família a abandonar as formalidades do luto tão rapidamente? Seu próprio traje de noite também era de outra época, sendo de veludo pesado, usado com uma camisa muito franzida na frente e nos punhos, como se tivesse invadido algum guarda-roupa antigo para a moda da época de seu avô.

Uma economia louvável, supôs Sofia, fazer uso de tecidos caros que escaparam de ser festejados por traças. Era comum adaptar tais artigos para atender às tendências da época, mas talvez a localização remota do castelo e a falta de companhia tornassem tais sutilezas irrelevantes.

Sem dúvida, Tatiana teria encomendado um novo guarda-roupa se surgisse a oportunidade, pois ela parecia a Sofia uma mulher que cuidava da aparência. Seu cabelo, esta noite, estava especialmente arrumado, deixando longos cachos caídos sedutoramente sobre um ombro. E, Sofia jurava que ela havia pintado os lábios!

A baronesa tagarelava o tempo todo, embora Sofia não tivesse prestado muita atenção.

— Naturalmente, ainda está de luto por seu pai, então deve vestir o que ficar mais confortável— concluiu com um aceno de mão.

Tatiana já havia se voltado para Constantin e estava mais uma vez puxando conversa com ele, que parecia estar lhe dando uma atenção educada.

Sofia deslizou sub-repticiamente o xale para pousá-lo sobre os cotovelos e tirou o guardanapo da argola. No entanto, quando foi colocá-lo no colo, recuou assustada.

Uma cabeça enorme e desgrenhada apareceu ao lado dela, presa a uma fera quase tão alta quanto a mesa.

— É só meu cão. — A voz de Constantin veio do outro lado da sala. — Ele nunca fará mal àqueles que são bem-vindos.

Sofia estremeceu. Ela era bem-vinda? Esperava, pelo menos, que o cachorro acreditasse nisso, pois o animal era grande o suficiente para pegar a cabeça dela com sua mandíbula.

Nesse momento, a porta se abriu e *Doamnă* Albescu entrou, carregando uma terrina. Colocou-o sobre um dos aparadores e começou a despejar o caldo perfumado em tigelas à espera.

— Lupus, fora! — Constantin estalou os dedos e o cachorro partiu, fazendo seu caminho para se jogar ao lado da lareira.

— Ah, *Ciorba de Bureti*... sopa de cogumelos! — A baronesa virou-se para Sofia enquanto a governanta colocava a tigela diante dela. — Outra de nossas especialidades, querida. Não há tantos cogumelos crescendo nesta época do ano, mas *Doamnă* Vulpe faz um trabalho maravilhoso, temperando-os com salsa e adicionando creme azedo.

A baronesa sorriu.

— Os das nossas florestas de montanha são os mais suculentos, e o Oleg e a Olga vão colhê-los muito cedo, para garantir uma frescura absoluta no sabor.

Sofia levou a colher aos lábios e murmurou seu apreço. Não havia dúvida

de que a sopa estava deliciosa.

— Claro, tem que tomar cuidado — completou Tatiana. — Existem variedades que são venenosas, e não seria nada bom que uma delas caísse na panela. — O sorriso que lançou para Sofia não chegou aos olhos dela.

Sofia largou a colher, incerta, de repente, de seu apetite.

A voz de Constantin veio mais uma vez do outro lado da mesa, desta vez com um tom cortante.

— A única variedade perigosa que cresce perto do castelo é o amanita manchado de vermelho. Eles são distintos demais para serem escolhidos por acidente. Ninguém seria tão tolo... nem mesmo você Tatiana!

Tatiana devolveu o olhar e voltou a consumir sua sopa.

— É claro que, com o tratamento certo, até mesmo cogumelos amanita podem se tornar comestíveis — Constantin continuou, ignorando de forma clara a prima. — A fervura enfraquece a toxicidade, de modo que a ingestão resulta em episódios alucinógenos. Há relatos desse uso desde os povos nativos da Sibéria até os Países Baixos, para quem essa iguaria tem significado religioso. Claro, os efeitos são sempre imprevisíveis. Pode-se simplesmente sentir náusea, confusão ou sonolência, ou sofrer alterações de humor. Mesmo aqueles que têm a forma grave de envenenamento, sofrendo convulsões ou coma por alguns dias, tendem a se recuperar, embora possam ficar com amnésia.

— Meu Deus, Constantin! — As sobrancelhas de sua tia arquearam. — Não sabia que tinha estudado tanto sobre isso!

— Todas as coisas que cercam este castelo são interessantes, não concorda? — Ele olhou diretamente da mesa para Sofia. — E existem milagres de cura na natureza, assim como perigos. A urtiga simples, por exemplo, é conhecida por seus poderes regenerativos e há muito é um alimento básico da culinária da aldeia.

— Eu aprovo — interveio Sofia, depois sentiu que corava, já que sua voz saía muito mais alta do que pretendia. Moderando sua voz, dirigiu-se à mesa em geral. — Meu pai acreditava o mesmo, que para tratar os humores do corpo, devemos olhar para o mundo natural. Embora seu trabalho diplomático não estivesse relacionado a esse campo, ele dedicou seu lazer a estudos semelhantes.

— Foi por isso que eu mais o admirei. — Constantin parecia prestes a dizer mais, mas em vez disso pressionou o guardanapo no canto da boca.

— Ah, o próximo prato! — Sua tia pareceu aliviada quando *Doamnă* Albescu voltou. Sua filha limpou os pratos enquanto a governanta trazia uma travessa de carneiro e legumes para cada um deles.

A carne, no entanto, estava levemente cozida. Ao aplicar a faca, sucos escarlates inundaram o prato de Sofia e ela se lembrou horivelmente de Grigore, encontrado com o sangue escorrendo.

A baronesa esperou até que as duas criadas saíssem da sala e então comentou:

— O que faremos sem nossas queridas Olga e Elena. Elas são indispensáveis. — Parecendo não compartilhar a aversão de Sofia à carne sangrenta, ela mastigou um pedaço com prazer. — *Doamnă* Albescu... Elena está aqui desde os primeiros dias do casamento da minha irmã, sabe. Quase um membro da família, pode-se dizer. — Ela sorriu para Sofia. — Ela ajudou no parto de Constantin e de Grigore, é claro.

— Sério, mamã! — Tatiana franziu os lábios em desgosto.

— É justo que Sofia aprenda um pouco da história e dos deveres dos criados — censurou a mãe.

— Elena atua como criada para mim e para Tatiana, e supervisiona o pessoal e o abastecimento do castelo — continuou ela. — Enquanto isso, Olga cuida de Sigismund e tem várias outras obrigações. Ela atenderá suas necessidades, até que queira nomear outra. Pode mandar buscar alguém de Bucareste, se alguém puder ser persuadido a viajar para este local remoto.

— Não quero sobrecarregar Olga com mais trabalho, mas tenho certeza de que ela se sairá muito bem — respondeu Sofia —, a não ser que alguém da aldeia queira se juntar à casa. Afinal, é dever de residências grandiosas como esta dar emprego para quem mora perto.

— Verdade. — A baronesa pareceu refletir por um momento. — Mas pode ser difícil manter seus serviços. Os jovens valorizam sua liberdade, e há muitas escadas aqui para os mais velhos.

— Olga não anda tão ocupada assim, tenho certeza. — O tom de Tatiana foi rápido. — Além disso, ela logo será dispensada de uma de suas funções. Sigismund não pode durar muito mais; é um milagre que tenha atingido a idade que tem! — Sua mãe lhe lançou um olhar de advertência, mas Tatiana continuou. — Deve saber que ele tem dores terríveis nas juntas, e se machuca facilmente. Sem mencionar que havia sangue em sua urina e fezes nos últimos dias.

— Tatiana! — Os talheres da baronesa bateram em seu prato. — Essa não é uma conversa apropriada para a mesa de jantar.

Sofia olhou de um para o outro, mal acreditando no que ouvia.

Com aparente indiferença, Constantin pegou sua taça, girando o vinho escuro dentro dela.

— Tem um temperamento impiedoso, prima. — Seu tom era austero.

Tatiana fez uma careta antes de tomar um gole profundo do clarete.

— Tenho um coração para quem merece.

Seguiu-se um minuto inteiro de silêncio, durante o qual Sofia voltou os olhos para os retratos pendurados nas paredes. Em suas molduras muito douradas se retratavam uma variedade de ancestrais, ela presumiu... pois todos eles tinham as mesmas feições imponentes de Constantin, e os mesmos cabelos negros, grossos e ondulados. Uma em particular se parecia tanto com ele que se perguntou se a pintura era, de fato, de seu marido.

— Está admirando Balthazar, estou vendo. — A baronesa olhou por cima do ombro. — E não é de admirar, pois foi o homem mais bonito que já

conheci.

— De fato, ele tem presença, mesmo na tela — refletiu Sofia. — Lamento não ter podido conhecê-lo, nem à falecida condessa.

— Constantin é tão bonito quanto. — Tatiana o examinou com um meio sorriso.

No entanto, Constantin parecia de boca fechada.

— Não tenho aspirações de ser admirado pela aparência de Roznovatu.

— Mas talvez seja como ele de outras maneiras? — Tatiana espetou um pedaço de cordeiro no garfo antes de colocá-lo na boca. — Essa é a questão. Tanta vitalidade vem do sangue, como dizem.

Sofia pensou ter ouvido um rosnado, mas um olhar para Lupus disse a ela que ele estava totalmente reclinado de costas. Ela olhou para Constantin. Seus dedos estavam pálidos em seu punho, segurando sua faca com muito mais força do que o necessário.

— Ora, ora... — Sua tia deu um tom matronal de reprovação. — Acalmem-se, meus queridos. É natural que nossos nervos fiquem sensíveis, mas lembre-se de que todo esse mau humor provavelmente é causado por nossa perda recente.

— Bah! — Tatiana exclamou rudemente.

Sua mãe continuou.

— A morte de Grigore o libertou. Ele nunca foi feliz, porque não sabia o que era amar... ou o procurava nos lugares errados, e isso estava destinado a trazer apenas dor. Tatiana, de todas as pessoas, deveria ter empatia.

Carrancuda, Tatiana pegou a jarra. Sofia ficou muito chocada, mas nem Constantin nem a baronesa comentaram.

— O único jeito é seguir em frente — disse a tia. — E, para isso, o passado deve ser deixado de lado. A família merece um futuro melhor.

— Exceto que nunca podemos escapar do passado. Isso nos torna quem somos, não é, Constantin? O passado e nosso sangue. — O jeito de Tatiana era provocador. Fez um gesto com a cabeça na direção de Sofia. — Ou acha que tê-la aqui muda isso? E agora terá sua felicidade, afinal não é o Conde Roznovatu, senhor de tudo?

Tão venenoso foi o olhar que Tatiana lançou a Sofia que ela sentiu como se seu túmulo tivesse sido pisado. Agarrando o xale, puxou-o rapidamente sobre os ombros.

Houve um grande baque quando a cadeira de Constantin caiu para trás. Ele pairava ferozmente sobre a mesa, embora sua voz fosse friamente calma.

— Eu não trouxe minha esposa aqui, e ela não vai ficar. Ela não foi convidada, e nem é bem-vinda.

Sofia encolheu-se. Ser rejeitada tão sem rodeios, e perante a família de Constantin, era humilhante. Com dificuldade, ela segurou as lágrimas.

— E todos devemos fazer o que diz? — Tatiana também se levantou da mesa, longe de se acovardar. — Deixe sua esposa ficar se ela quiser, e faça o melhor com isso, como todos nós fazemos!

A porta da sala de jantar se abriu novamente e *Doamnă* Albescu entrou silenciosamente, colocando um grande pudim rosa sobre a mesa, como se não tivesse ouvido nada e tudo fosse tão civilizado quanto um chá na corte da Rainha Vitória. Com grande eficiência, recolheu os pratos do curso anterior e saiu novamente.

Num redemoinho de saias, Tatiana saiu atrás dela, deixando a gelatina de pudim balançando no prato.

A baronesa olhou para Constantin.

— Sei que sua prima às vezes é difícil, mas a morte de Grigore o torna chefe desta família. Por isso deve fazer um esforço para forjar a paz. E não há discussão sobre sua esposa partir; ela é sua condessa e seu dever é ficar ao seu lado. Passaram muito tempo separados.

Voltando-se para Sofia, a expressão da baronesa continha partes iguais de pena e melancolia.

— Se puderem encontrar uma maneira de amar um ao outro, tanto melhor, pois de outra forma será uma existência solitária.

Silenciosamente, Constantin endireitou a cadeira, enquanto sua tia cortava a sobremesa. Por algum tempo, não se ouviu nenhum som a não ser o tilintar de prata contra porcelana.

Parecia que, pelo menos por enquanto, Sofia realizou seu desejo. Por que então seu coração parecia tão pesado?

APÍTULO

OITO

Três dias de granizo, trazidos por ventos fortes, desceram assobiando das montanhas para atingir as muralhas do castelo, como se os antigos otomanos estivessem às portas.

As pequenas vidraças das janelas da biblioteca tremiam. Lupus esparramado diante da lareira, sua pata descansando sobre o pé de seu mestre.

Pela terceira vez em poucos minutos, Constantin pegou seu relógio de bolso para ver as horas. Esfregou o pelo áspero das costas do cão de caça.

— Desculpe, velho amigo, mas não consigo ficar parado como você.

Afastando as pesadas cortinas de brocado, Constantin olhou para fora. A vista não havia mudado. Um véu cinza envolvia floresta e céu. O ataque implacável da chuva gelada tornava as montanhas invisíveis.

Um tronco deslocou-se na grelha e estalou inesperadamente, cuspidando brasas. Lupus ergueu a cabeça, examinando primeiro o fogo, depois a porta, antes de cair de volta no tapete.

Constantin olhou fugazmente na mesma direção. Havia enviado um bilhete pedindo a Sofia que se juntasse a ele há meia hora. Se o estava fazendo esperar de propósito, seria bem-feito, por ter se comportado de maneira abominável.

Esconder-se em seus aposentos privados, fingindo que nada estava errado, era algo de covarde. A questão era qual complicação resolver primeiro.

Aquela com que pensou ter lidado cinco anos atrás agora estava instalada no castelo como sua condessa. Não havia como lhe negar esse direito, como sua tia o havia lembrado severamente.

Sofia deveria ter ficado onde estava. Quanto a tentar cruzar a passagem sozinha, ele temia pensar no que teria acontecido se não a tivesse encontrado quando o fez.

Não que não tivesse sido corajosa em suas viagens, mas também na cripta. Afinal, fora ela quem o ajudara com o corpo de Grigore. Deve ter sentido medo naquele lugar de decadência e morte, mas superou o temor para fazer o que ele pediu. Apesar de sua educação gentil, Sofia tinha determinação.

Envergonhava-o pensar em como a tratara. Sofia tinha escrito, é claro, direcionando suas cartas para Roznovatu. Um farto embrulho havia sido encaminhado a ele em Viena por sua mãe, acompanhado de um bilhete dela, pedindo-lhe que explicasse suas ações.

Ele respondeu da maneira mais superficial. E não deu nenhuma resposta, embora mantivesse correspondência com o pai dela. Convinha a ele acreditar que o apego dela era uma fantasia de menina, mas suas cartas continuaram. Ele não teve coragem de lê-las, adivinhando o conteúdo.

Sofia tinha todo o direito de estar zangada, mas evitava revelar o que o levava a agir daquela maneira. Qualquer que fosse a angústia que sofresse, a confissão dele só pioraria seu tormento.

Quanto ao segundo problema, ele não fazia ideia de por onde começar. Fez o possível para esconder seus sentimentos sobre a morte de Grigore, mas não acreditava que seu irmão tivesse tirado a própria vida. Mesmo antes da morte de sua mãe, quando as visitas de Grigore eram tão raras quanto as de Constantin, ele dificilmente inspirava o amor das pessoas ao seu redor. Uma vez que assumiu o manto de chefe da família, seu comportamento tornou-se insuportável. Constantin tinha um palpite que alguém ajudou na morte de seu irmão. Quanto o responsável, poderia ser penalizado?

Constantin voltou para prestar homenagem a sua mãe, recentemente colocada na cripta, apenas para ser confrontado com a morte de seu pai poucos dias após sua chegada ... um acidente de caça que os chocou quase tanto quanto a queda de sua mãe.

Constantin queria voltar para Viena, para seus estudos de fisionomia e anatomia. No entanto, alguns dias na companhia de Grigore lhe mostraram que o irmão não estava apto para os deveres colocados sobre seus ombros. Houve pouca escolha para Constantin a não ser ficar.

Mesmo em seu estado enfraquecido, confinado em grande parte em seu quarto, a natureza suja de Grigore havia tocado todos os homens e mulheres do castelo.

Agora, Constantin sozinho carregava o fardo. Havia seu irmão mais novo, Laslar, porém deixara claro que ele deveria se manter afastado. Se Laslar tivesse juízo, permaneceria em Sorbonne e aproveitaria ao máximo o tempo que tivesse por lá.

Por fim, Sofia entrou, parecendo ao mesmo tempo desafiadora e um tanto ansiosa. Linda também, seus cabelos presos, escuros e sedosos, acentuando a elegância de seu pescoço. E aqueles olhos! Não o verde comum em sua família, mas uma mistura de avelã, ouro e esmeralda.

— Por favor sente-se. — Ele apontou para a poltrona que havia preparado ao lado da sua.

Eram apenas quatro horas, mas ela assentiu quando apontou para a garrafa de clarete.

Lupus se mexeu, vindo lambar a mão de seu mestre antes de se virar para Sofia. Ela recuou nervosamente quando o cachorro colocou o queixo em seu joelho.

— Ele gosta de você. — Constantin deu tapinhas encorajador no cão de caça. — Não tenha medo.

Cautelosamente, alisou o pelo macio atrás das orelhas do cachorro. Quando voltou a colocar as mãos no colo, ele enfiou o focinho na palma da mão dela, olhando para cima com olhos suplicantes.

Ela riu disso.

— Ele não é o bruto que parece.

— Poucos de nós somos. — Constantin sabia que tinha que fazer mais do que colocar a cabeça no colo dela para que pensasse bem dele novamente. — Lupus era do meu pai. Grigore não gostava muito de cachorros, então eu o tomei como meu companheiro.

— A pintura... — Ela indicou a que estava pendurada em cima da lareira... — É linda.

Até o dia anterior, a tela a que se referia estava pendurada no quarto de sua mãe. Por capricho, ele a carregou para baixo. As duas mulheres, vestidas de branco diáfano para debutantes, olhavam para baixo da moldura dourada com expressões de esperança romântica.

— Tia Carmilla e minha mãe.

Sofia se aproximou.

— O artista as capturou lindamente. Sua tia e sua mãe eram muito parecidas.

— Na aparência, mas minha mãe era uma pessoa mais reservada... fala mansa, quase tímida.

E consumida por uma grande tristeza, por saber que não era amada como desejava ser.

Constantin tomou um gole de seu clarete.

— Por outro lado, minha tia é muito mais sociável.

Sofia esfregou as orelhas de Lupus novamente, embora seus pensamentos estivessem claramente na pintura.

Constantin continuou.

— Debutaram juntas na corte, em Bucareste. Imagino que tivessem muitos admiradores, mas meu pai reivindicou a mão de minha mãe, e Carmilla logo depois ficou noiva de um barão menor... um “von Hund”. Ele era rico o suficiente, mas carecia de constituição, aparentemente, pois morreu quase sete meses depois de se casarem. O choque causado pela chegada antecipada de minha prima, segundo me disseram.

— Que horror! — A testa de Sofia franziu em simpatia. — Posso entender por que Carmilla quis vir para cá. Foi gentil da parte de seu pai fornecer um lar.

— Minha tia e meu pai se davam muito bem. — Constantin deu um sorriso tenso. — Ele sabia ser charmoso quando queria.

— Assim como você, se bem me lembro. — Sofia olhou para ele com o canto do olho. — Esqueceu como nos conhecemos, no lago congelado nos Jardins Cişmigių?

— Com esta cicatriz como lembrança? — Ele enfiou a língua no local abaixo do lábio inferior, onde a tênue linha branca permanecia do contato com a lâmina do patim.

Seu rosto se iluminou.

— Foi a única coisa que descobri em que não se destacava.

— Eu estava bem até cair em cima de mim — refletiu ele.

Sofia inclinou a cabeça para o lado.

— Pois se fosse tão bom no gelo, não ficaria sentado nele, criando um obstáculo para patinadores distraídos. Mas suas desculpas por me fazer tropeçar em você, o tempo todo cuidando de seu lábio ferido, foram encantadoras ao extremo. Admirei seu bom temperamento.

— E quanto ao nosso segundo encontro? — Foi há uma era. Ele esteve em Bucareste para a coroação do príncipe Karl de Hohenzollern-Sigmaringen, com um grande baile marcando as comemorações de seu novo rei. Não gostando da aglomeração dos dançarinos e sem vontade de jogar conversa fora, se refugiou em um canto sossegado.

— Ah sim. — Seu tom era melancólico. — Também não fomos formalmente apresentados, então não tenho certeza se isso conta, já que estava escondido atrás de uma palmeira. Todas as mulheres em idade de casar estavam desesperadas para ganhar sua atenção.

— Exceto por você? — Ele fez a pergunta de brincadeira, gostando do clima que havia surgido entre eles, mas ela respondeu categoricamente.

— Foi você quem me perseguiu. — Afastando-se, ela pegou seu copo.

Ela estava certa, é claro. O trabalho tinha sido todo dele, mesmo aquele beijo roubado. Ria dele, até que encostou a boca na dela. Com a mão na parte inferior em suas costas, puxou-a com a menor pressão, e uma centelha de desejo cresceu dentro dele. Não apenas por seus beijos e o que eles poderiam levar, mas por ser alguém muito distante de tudo o que conhecia.

Sofia era assim. O papel diplomático de seu pai permitiu algum ingresso nos círculos em que Constantin se movia, mas a linhagem da nobreza britânica do homem era muito diluída. Ele teve a sorte de subir tanto quanto pôde.

Constantin esfregou a testa. Ele a convidou ao escritório para consertar pontes, não para insultá-la.

— Ainda joga xadrez? — Sem esperar resposta, pegou a caixa e passou por cima de uma mesa dobrável para colocar o tabuleiro e as peças entre eles.

— Faz muito tempo. — Ela franziu a testa, claramente hesitante.

Constantin colocou um peão preto em seu punho e branco no outro, segurando-os para que ela escolhesse.

— Vai lembrar.

Em seus dias de namoro, era uma maneira de se sentar com ela, no tabuleiro de xadrez. Ela era adepta. Mais de uma vez, ela encurralou Constantin com alguns movimentos.

Com um leve toque, ela reivindicou o branco. A distração do jogo era bem-vinda, pois Sofia pareceu relaxar.

Ela permaneceria em Roznovatu pelo menos por enquanto e seria mais fácil se pudessem ser civilizados.

Ele olhou para cima, antes de mover seu cavaleiro.

— Suportou uma grande reviravolta. É desejar demais que se sinta à vontade, mas espero que esteja se sentindo confortável.

— Bastante confortável. — A mão dela pairou sobre o bispo antes de trazê-

la para a frente para levar o cavalo que ele acabara de conduzir para o centro do tabuleiro.

— Naturalmente, a complicação é toda do seu lado. — Embora sorrisse docemente, havia uma pontada em seu tom. — Adaptar-se à sua nova posição como conde e às responsabilidades que isso traz.

— Tem razão. — Ele ofereceu um sorriso espontâneo. — Se Grigore tivesse casado e gerado um filho, eu não me encontraria como estou.

Ela procurou seu olhar e o sustentou.

— Antes de nos conhecermos, serviu seu país no campo de batalha. Agora tem outra oportunidade e outro dever.

Ele não precisava dela para lembrá-lo.

— Somos empurrados em direções que nem sempre são desejáveis. Não há motivo para se sentir insultada. Falo do mundo em geral e da minha pátria em particular. Desde a época de Vlad, o Empalador, nossos principados formaram uma linha de frente entre o Ocidente e o Oriente, entre os Impérios Habsburgo, Russo e Otomano. Defendemos nossas terras contra invasores estrangeiros, mas sempre há novos poderes querendo exercer influência sobre nós.

Após aqueles anos sangrentos de guerra, as delegações britânica e russa ajudaram a Romênia a obter sua independência do Império Otomano, mas havia condições. Quando não houve um preço a ser pago?

— Todos sabem de seu destemor durante o cerco de Plevna, lutando sob o comando do príncipe Karl, antes dele se tornar rei. Sem homens como você, a cidade nunca teria se livrado da ocupação otomana — disse Sofia.

Ele moveu uma de suas peças, antes de esvaziar o copo. Segurando-o, olhou através das facetas do cristal, examinando uma centena de versões distorcidas do que estava diante dele.

Ninguém queria ouvir falar dos terrores daquela campanha, apenas admirar os uniformes elegantes e os botões polidos daqueles que venceram o inimigo.

Uma névoa vermelha de auto aversão surgiu, trazendo consigo o desejo de jogar o cálice para longe, para vê-lo quebrar e estilhaçar. Seus dedos apertaram a haste.

— Constantin! — a voz de Sofia interrompeu. A expressão ansiosa dela o trouxe de volta a si.

— Ainda vejo as carroças de feridos. — Constantin recolocou cuidadosamente o copo sobre a mesa. — As forças otomanas estavam entrincheiradas em Plevna, equipadas com poder de fogo muito superior ao nosso. Durante meses, eles frustraram nossos avanços. Por fim, nosso cerco à cidade trouxe uma crise. Com os suprimentos acabando, o inimigo emergiu na calada da noite, rompendo a primeira linha de nossas trincheiras. Lutamos baioneta contra baioneta.

Ela saberia o que isso significava? A monstruosidade de esfaquear um homem antes que ele tivesse a chance de fazer o mesmo? Em seguida, repetindo o ato até que deixasse de ver qualquer coisa humana à sua frente...

apenas uma força a ser reprimida; o tempo todo, suas mãos viscosas de sangue, impulsionadas pelo desejo de viver.

E quando terminava, afundar na lama e nas entranhas, cansado demais para falar ou ficar em pé, querendo apenas ficar longe do fedor e daqueles terríveis gemidos moribundos.

Das amizades forjadas naquele abismo do inferno, nenhuma conseguiu voltar para Bucareste, exceto ele. No final, havia apenas dois de seu grupo... até que um projétil arrancou as pernas de Cristian acima do joelho. Constantin havia encontrado um casaco rasgado e colocado sobre ele, cobrindo o corpo encurtado até o pescoço.

Ele evitou proximidade com qualquer camarada depois disso. Era uma das coisas que ele e Sofia quase tinham em comum. A transitoriedade de sua vida, mudando de cidade em cidade... Viena, Varsóvia, Belgrado, Bucareste a deixou reticente em fazer amizades. Mas claro que não era a mesma coisa.

Ela o olhava, sem dúvida esperando um bom final para a história. Era mais fácil lhe dar isso do que a verdade.



— Nós os expulsamos e, no dia seguinte, Osman Pasha rendeu a cidade, a guarnição e sua espada. — Ele acenou com a mão sobre as peças. — Sua vez.

As estratégias de Constantin eram fáceis de prever, mas ela estava distraída com essa mudança nele. Foi solícito e respondeu bem à lembrança provocante de seu namoro. E estava prestes a lhe dizer algo pertinente. Mas arruinou o clima com sua maldade... como se marcar pontos contra ele a fizesse se sentir melhor.

Além da viagem de carruagem, esta era a primeira conversa privada que tinham.

Lupus veio colocar a cabeça na coxa de seu mestre. Quando Constantin começou a acariciar o pescoço do cão, Sofia não pôde deixar de ansiar aquele toque, imaginando a mão dele em sua própria pele.

Jurou nunca mais permitir que ele tivesse o poder de machucá-la..., mas ele sabia quanto sofrimento havia causado? Não apenas na partida, mas nos meses e anos que se seguiram? Talvez seus sentimentos nunca tenham sido sinceros; e, no entanto, eles pareciam reais na época.

Nunca imaginou que o guerreiro favorito do rei a escolheria para sua noiva. Depois que Constantin começou a cortejá-la, ele aceitou convites apenas quando Sofia também estava na lista de convidados. Da noite para o dia, seu status havia se transformado.

Na verdade, ela era parente distante dos Roznovatus por meio de sua mãe, mas a conexão era tênue demais para ser mencionada; e, tinha lhe agradado que Constantin parecesse adorá-la, apesar de sua ascendência humilde.

Seus dedos finos pegaram a torre dela e ele a olhou com curiosidade. Ele observou sua falta de concentração, mas poderia adivinhar a causa? Que estava se lembrando de muito mais do que aquele beijo no Baile da Coroação.

Houve outros beijos naqueles dias de namoro, mas nada que se comparasse

com os abraços do leito conjugal. Ele reivindicou uma parte dela que ela não sabia que existia. E agora? Como deveria parecer lamentável: a esposa abandonada, retirando-se todas as noites como uma solteirona.

Constantin dificilmente havia sido forçado a uma abstinência semelhante. Quantas viúvas atraentes se lançaram sobre ele durante sua estada em Viena? Sem falar nas cantoras de ópera e dançarinas de teatro.

E agora, quanto tempo levaria para Tatiana chegar rastejando ao quarto de Constantin? Uma onda de raiva explodiu, enchendo Sofia de raiva impotente.

Deixe a vadia tentar qualquer coisa! Ela logo se arrependeria!

— Ama-a? Tatiana? — As palavras saíram antes que Sofia tivesse tempo de pensar.

As sobrancelhas de Constantin se ergueram.

— Achei que estávamos discutindo a guerra com os otomanos.

— Sim, claro. — Sofia beliscou a ponta do nariz. — Deve me achar uma idiota.

Ele não estaria muito errado. Sua imaginação corria a uma velocidade alarmante, e o que a havia possuído para perguntar a ele imediatamente?

— Eu estava pensando que deve ter sido difícil sair de casa para entrar no exército. Tatiana cresceu aqui ao seu lado, como uma companheira de brincadeiras, suponho.

— Estar muito próximo da proteção da família é prejudicial, e todos os jovens desejam experimentar o mundo. — Constantin aproximou-se para encher novamente o copo, oferecendo o mesmo a Sofia, mas ela prontamente cobriu o cálice com a mão. — Quer saber se somos amantes? — Caindo de volta na cadeira, cruzou uma perna sobre a outra. — Fico feliz em satisfazer sua curiosidade. Não somos e nunca fomos. Houve um tempo em que pensei que poderíamos combinar, mas somos muito parecidos para que isso seja uma boa ideia.

Ela sabia que deveria estar satisfeita, mas a incomodava que ele tivesse considerado isso. Mesmo esse conhecimento alimentou pequenas chamas de ciúme.

— Já pensou que Tatiana pode estar apaixonada por você?

— Duvido muito. — Ele girou o clarete. — Ela é muito egocêntrica para amar alguém além de si mesma.

Ocorreu a Sofia como era estranho Tatiana ter permanecido no castelo todo esse tempo. Ela estava muito além da idade em que uma mulher procurava um marido. Ou permaneceu por sua própria escolha? Era uma espécie de vida independente.

Sofia escolheu as palavras com cuidado.

— Não acha que ela estaria mais feliz em algum lugar com mais companhia e diversão?

— Tenho certeza que sim. — Constantin fez um som de escárnio. — Mas ela arrumou a cama e deve se deitar nela. O castelo é a casa dela e tem responsabilidades aqui. Quando estiver livre disso, pode fazer o que quiser.

Naturalmente, a baronesa precisava de companhia, pensou Sofia, mas parecia difícil para Tatiana permanecer ao lado da mãe, em detrimento de sua própria felicidade.

O carrilhão do relógio sobre a lareira interrompeu seus pensamentos.

— Quase seis. Olga esperará para atendê-la antes de jantarmos. — O tom desdenhoso de Constantin era inconfundível. Ele não disse nada sobre retomar o jogo de xadrez outro dia.

Enquanto Sofia subia as escadas, ela ponderou... se Tatiana não combinava com Constantin, então o que o fez pensar que ela, Sofia, era uma proposta melhor?

CAPÍTULO

NOVE

Uma semana se passou. Os ventos gelados recuaram e o sol apareceu com força gloriosa.

Enquanto isso, Sofia fez pouco progresso em conquistar os residentes do Castelo Roznov. *Doamnă* Vulpe e *Doamnă* Albescu estavam claramente insatisfeitas com sua carga de trabalho, mas não foram receptivas às sugestões de Sofia para contratar aldeãs. Quanto à sua proposta de encomendar um novo fogão em Bucareste, as duas mulheres pareceram horrorizadas.

A baronesa era bastante agradável, mas cada vez que Sofia tentava trazer à tona um assunto importante, ela se distraía. A conversa de Tatiana era mais animada, mas repleta de comentários mordazes. Constantin ela via apenas para o jantar e mal falava uma palavra.

Sofia nunca esperara que as coisas fossem fáceis, mas a situação era desanimadora.

Envolvendo um xale quente sobre seu traje de viagem, decidiu explorar os terrenos do lado sul do castelo. O céu azul que se estendia prometia um belo dia, e poderia haver algum lugar protegido para desfrutar do calor em seu rosto.

No entanto, mal havia atravessado o pátio interno antes de ser abordada. O braço de Tatiana passou por baixo do de Sofia, puxando-a para um abraço abrupto.

Tatiana estava vestida com bastante elegância em um traje bem ajustado de lã cor de vinho, a jaqueta fechada com botões ornamentados de corda preta. Sofia se sentiu aborrecida por estar usando algo comparativamente desleixado.

— Todo esse sol está me deixando inquieta, e vejo que você também. Então, devemos ficar inquietas juntas!

Por mais inesperada que fosse a abertura de Tatiana, Sofia sorriu.

— Pensei em explorar o jardim murado. Talvez possa ir comigo?

— O jardim pode esperar. — Tatiana puxou Sofia gentilmente na direção oposta. — Deveria visitar a aldeia. É a época dos rituais Căluș, então podemos ver os homens dançando. Iria gostar, eu acho.

A ideia do passeio era atraente, embora Sofia lamentasse ainda mais estar vestida para ser mais prática do que para a aparência.

— Mas, Constantin não deveria comparecer se o festival é tão importante?

Tatiana deu de ombros.

— Os aldeões não esperam que ninguém do castelo esteja presente, embora eu tenha certeza de que ficarão felizes em vê-la tanto quanto você em conhecê-los.

Oleg conduziu duas éguas puxando a carroça. Tatiana saltou diretamente e tomou as rédeas.

— Vai conduzir? — Sofia olhou dela para Oleg.

— Lady Tatiana lida com os cavalos tão bem quanto nosso mestre. — O jovem deu um aceno de aprovação.

— Além disso, só cabem dois — disse Tatiana. — Posso levar Oleg comigo, se quiser, mas primeiro irei lhe dar a preferência no assento ao meu lado.

Mas que coisa! Ela é impossível!

Sofia não pôde deixar de se divertir, no entanto. Tatiana nunca hesitava em falar o que pensava.

Enquanto desciam a trilha, as montanhas distantes eram visíveis; então a floresta tomou conta, com seu cheiro forte de zimbro. Sofia se abaixou quando passaram sob uma saliência de arbustos, enquanto Tatiana colheu bagas dos caules elegantes.

— Aqui. — Ela entregou alguns para Sofia. — Elas mal amadureceram, então serão um pouco amargas, mas bastante deliciosas.

Sofia cutucou a oferta com cautela.

— Eu não vou te envenenar. — Os olhos de Tatiana brilharam maliciosamente. — Só as folhas fazem isso.

Levando uma fruta escura à boca, ela a esmagou entre os dentes. Assim, Sofia fez o mesmo e estremeceu com a acidez.

Tatiana sorriu com os lábios manchados de roxo.

— Mais um mês e estarão mais doces, mas os ursos começarão a comê-las antes que chegue a hora.

— Ursos? — Sofia olhou em volta assustada.

Tatiana apenas riu.

— Não se preocupe. Eu carrego uma pequena pistola. Não que eu fosse machucar essas criaturas, mas o barulho assustaria qualquer um que nos considerasse um jantar fácil.

Sofia não estava totalmente tranquila, mas tentou fazer pouco caso.

— E já viu um urso?

— Só uma vez — admitiu. — Uma ursa com filhotes. Ela não queria problemas. Fiquei imóvel enquanto se retirava. É mais provável que encontremos veados, embora o barulho de nossa carroça provavelmente os assuste.

E lobos? ponderou Sofia. Ela tinha certeza de ter visto um em sua jornada para o castelo, embora à noite.

À medida que desciam, as árvores ficavam mais densas e, fora da luz do sol, o ar parecia úmido e frio. No entanto, em vez de incitar os cavalos a andar mais rápido, Tatiana os levou a um ritmo mais lento.

Deixando cair o queixo, olhou para Sofia timidamente.

— Já sabe que sou impaciente e egoísta, e meu temperamento é horrível. Por isso, imploro que me perdoe. — Tatiana adotou um olhar queixoso. —

Claro, eu entendo se não puder.

Sofia não confiava em Tatiana, mas desejava muito descobrir sobre o castelo e sua história, e os outros membros da família de Constantin. Ela se mexeu em seu assento.

— Concordo. Nós deveríamos ser amigas.

— Ah! — Tatiana batia palmas animadamente, o que os cavalos pareciam entender como uma deixa para acelerar novamente. — Por isso, estou feliz. O castelo é um lugar tão monótono. Eu estou meio louca de tédio; mais que meio, eu acho!

Ela deu um sorriso largo para Sofia.

— Claro, deve me perguntar todas as coisas sobre as quais está curiosa. E talvez eu tenha perguntas também, à medida que avançamos.

Sem dúvida terá, pensou Sofia.

Ela ponderou por um momento. Várias situações surgiram em sua mente que estavam comendo sua curiosidade, mas todas eram assuntos delicados, e Sofia se esquivou de mencioná-las. Felizmente, Tatiana não tinha tais escrúpulos.

— Vejo que tem modos melhores do que eu, então vou começar, e pode participar como quiser. — Tatiana olhou para ela pelo canto do olho. — Em primeiro lugar, deve estar se perguntando sobre Grigore.

Sofia olhou para o colo. Tudo em torno de sua morte era estranho, mas, seja o que for que ele tenha sido em vida, estava além do reino humano agora, e era vulgar falar mal dos mortos.

— Lembra do que eu disse na manhã em que o encontramos? — Embora estivessem totalmente sozinhas, Tatiana falou quase um sussurro.

O canto dos pássaros já havia seguido a carroça ao longo da trilha, a escuridão distante dos abetos viva com gorjeios e chamados. Agora, um silêncio caiu, como se os pássaros tivessem se calado para ouvir. Naturalmente, haveria alguma explicação comum. Talvez a luz do sol os tivesse atraído para voar sobre os prados, onde um banquete de larvas e coisas rastejantes esperavam.

— Viu, não viu? — Um indício do fervor daquela noite entrou na voz de Tatiana. — Não foi morte natural.

— Foi uma coisa terrível. — Sofia mordeu o lábio. — Tirar a própria vida assim.

Tatiana apertou o pulso de Sofia.

— Ele era um valentão e um sedutor, e... — Ela soltou Sofia. — Não sei de tudo, mas há muitos que desejavam que Grigore morresse, e agora aconteceu.

— Acha que ele foi assassinado? — Sofia mal podia acreditar.

A boca de Tatiana se formou em uma linha dura.

— Eu não culparia ninguém por desejá-lo.

— Mas quem? — A mente de Sofia girou. Não podia acreditar que um dos criados fosse o responsável; pois eram muito tementes a Deus para cometer tal

pecado.

Tatiana era claramente inocente, assim como sua mãe; ninguém poderia fingir a angústia que Sofia havia testemunhado. Quanto a Sigismund, ele próprio estava à beira da morte, segundo todos os relatos.

Restava Constantin, mas ele partira do castelo várias horas antes do fatídico incidente. Era impossível que tivesse executado o ato. Mesmo que não tivesse tal álibi, nunca poderia acreditar que ele fosse culpado do mais hediondo dos crimes. Matar seu irmão? E para quê? Pois não gostava do papel que coube a ele. Era um fardo, assim como aparentemente era ser casado.

— Tenho me perguntado o mesmo, mas não importa. — Tatiana torceu as rédeas novamente. — Os homens desta família são cruéis e não merecem destino melhor. Eles colhem o que plantam.

A indignação de Sofia foi imediata.

— Mas Constantin não é assim. A senhorita não tem direito...

— Nossa! Com que rapidez luta por ele. — As sobancelhas de Tatiana se ergueram. — Ele a conquistou novamente com tanta facilidade assim? — Algo duro brilhou em seus olhos. — Constantin é de longe o pior, pois lhe faz acreditar que é importante e depois vai embora. É o truque mais cruel de todos.

O coração de Sofia batia forte no peito. Constantin a havia esmagado, e Tatiana falava como se tivesse recebido algo semelhante.

Sofia se obrigou a perguntar:

— Têm um passado juntos?

Se antes Tatiana estava com raiva, agora era toda indiferente.

— Minha mãe veio morar no castelo quando eu era bebê, depois que meu pai morreu. Ela e tia Anastasia eram próximas, e tio Balthazar nos acolheu. Ele gostava da minha mãe e nos tratava bem. Grigore e eu tínhamos quase a mesma idade, enquanto Constantin veio dois verões depois, e então havia Masha.

— Masha? — Sofia nunca tinha ouvido falar dela antes.

— Ela era uma coisinha doente, morreu logo após seu décimo sexto aniversário. — Tatiana acenou com a mão irritada. — Quase não a vi nos últimos meses. Acamada, nessa idade!

Tatiana bocejou.

— Não tive permissão para visitá-la, para não a cansar..., mas, como pode imaginar, não foi uma grande perda.

Os modos de Tatiana haviam voltado para sua forma usual, em que nada era atraente a menos que estivesse diretamente relacionado a ela. Sofia resistiu a fazer comentários, mais interessada em ouvir o resto da história.

— Constantin e eu crescemos como irmã e irmão, mas, à medida que me tornei mulher, ele desenvolveu uma ternura, como costumam fazer os jovens. Quando fiz dezenove anos, essas atenções se tornaram cansativas. Eu lhe disse que deveria procurar mais longe. Não muito tempo depois, ele ganhou a comissão sob as ordens do príncipe Karl. Fiquei zangada por muito tempo,

pois partiu abruptamente, logo após a morte de Masha, e não escreveu nenhuma vez.

A história de Tatiana não era muito diferente da versão dos eventos que Constantin havia compartilhado, embora Sofia estivesse convencida de que nenhum deles havia contado toda a verdade sobre o que havia acontecido entre eles.

Constantin encontrou seu primeiro amor em Tatiana, e Sofia não teve escolha a não ser aceitar o fato. Mas quais eram seus sentimentos por sua prima agora?

A carroça emergiu repentinamente ao sol novamente e o panorama do vale se abriu abaixo. Os telhados da aldeia eram visíveis, seguindo um riacho sinuoso.

— Espere — gritou Tatiana sem fôlego.

A inclinação não era íngreme o suficiente para ser perigosa, mas o suficiente para que os cavalos tomassem suas próprias cabeças e a carroça descesse em um ritmo mais rápido.

Sofia agarrou primeiro o chapéu e depois o apoio diante delas, travando as botas na plataforma.

Tatiana gritou com diversão maliciosa, enquanto dava às rédeas um movimento encorajador.

CAPÍTULO

DEZ

Ao entrarem na aldeia, Sofia ficou encantada ao ver como as casas eram lindamente decoradas, com persianas pintadas de cores emoldurando artisticamente cada porta.

A essa altura, o sol já estava alto e podia-se imaginar que a estação fértil finalmente havia chegado. Parecia inviável que, tão pouco tempo antes, o inverno tivesse mantido o vale em suas garras.

Considerando como o dia estava quente e bonito, estava surpreendentemente quieto. Estariam os aldeões nos campos, perguntou-se Sofia, cuidando da plantação? Certamente, não todos.

À medida que avançavam, no entanto, os acordes de um acordeão as alcançavam.

— Ah! Ouviu isso? — perguntou Tatiana. — Estão no lugar de sempre. — Parando a carroça, ela desceu e prendeu as rédeas nos batentes da porta da igreja.

— O que aconteceu? Houve uma tempestade? — Sofia olhou consternada para as madeiras carbonizadas do prédio. O que antes deveria ter sido um impressionante local de adoração agora estava em ruínas... um lugar para os pássaros se empoleirarem, e não para os fiéis se reunirem.

— Algo do tipo. — Tatiana deu a volta para acariciar o focinho de cada cavalo. — Meu tio discuti com o padre que cuidava da igreja. Logo depois, a torre foi atingida por um raio. Trouxeram água do córrego para apagar o fogo, mas pode ver o estrago.

— Mas certamente era dever do conde providenciar os reparos? — Sofia estava incrédula que tal pilar tivesse sido deixado para se desfazer.

Tatiana deu de ombros.

— Ele proibiu qualquer pessoa de tocar no prédio sem sua permissão. Os aldeões, cheios de superstições, disseram que o próprio Deus havia abandonado o lugar. Sempre enterraram os seus mortos na periferia da aldeia, e é um local de reunião, em determinadas ocasiões.

— Mas, o padre! Certamente se opôs, não? — Sofia foi se juntar a Tatiana.

— Talvez..., mas suas opiniões não tinham importância contra as do conde. Meu tio o instruiu a partir e nunca mais voltar; e não mandou chamar nenhum outro para substituí-lo.

— Mas isso foi há alguns anos. — Com os olhos semicerrados por causa do sol, Sofia examinou a torre do outrora encantador local de culto. — E Grigore? Ele poderia ter começado a restauração.

— Teria sido a última coisa a despertar seu interesse.

— Então é um alívio que Constantin esteja agora no comando — declarou

Sofia. — Ele tomará medidas necessárias para colocar as coisas em ordem.

— Ah, Sofia! Como idolatra esse seu marido. — Tatiana deu uma risada oca. — Talvez sim, talvez não. Quanto a mim, digo que a consciência de uma pessoa é seu melhor guia. Duvido que muitos aqui sintam falta de um clérigo lembrando-os da necessidade de lutar contra as tentações perversas do mundo.

Sofia conteve uma réplica. Por mais audaciosa que Tatiana fosse, muitas vezes havia verdade em suas declarações ultrajantes. Ainda assim, parecia errado que os aldeões carecessem de qualquer caminho formal de orientação espiritual. Quantos tinham uma Bíblia em casa, ou podiam ler, chegaram a isso?

Ela estava prestes a perguntar se a aldeia tinha pelo menos uma escola, quando houve um grande aplauso atrás de um aglomerado de árvores.

— Venha. — Tatiana acenou. — Devemos nos juntar a eles em silêncio, em vez de interromper os procedimentos. — Pegando no braço de Sofia conduziu-a aos sons da alegria.

Ao se aproximarem, Sofia não pôde deixar de sentir uma onda de entusiasmo. Fazia muito tempo que testemunhara uma reunião festiva, e a onda de prazer foi intensificada pelo cenário ao ar livre.

Ao lado do tocador de acordeão, havia dois velhos tocando rabeca e, embora os aldeões estivessem agrupados em volta, a altura de Sofia permitia que visse os dançarinos além.

Havia talvez vinte rapazes, cada um vestido de maneira extravagante e carregando uma bengala pintada. Seus chapéus de abas eram enfeitados com flores de tecido e longas fitas, enquanto suas camisas e coletes eram bordados de forma semelhante à blusa de Olga.

Dentro do círculo estava um que Sofia considerou ser o líder, pois gritava instruções enquanto os dançarinos dançavam. A cada salto dado tilintavam os sininhos presos às calças. À medida que a música aumentava, seus movimentos ficavam mais frenéticos, com muito bater de pés e saltos juntos.

— É maravilhoso, não é? — Tatiana batia palmas junto com a música. — O do meio é o *vataf*, que é o mestre da dança. É uma posição honrosa, pois herda o conhecimento dos passos especiais, para ensinar os outros e o ritual tem grande importância. Dizem que os dançarinos Călușari têm poderes mágicos, trazendo prosperidade e boa saúde para a aldeia.

— Sim, muito maravilhoso! — Sofia se viu hipnotizada pela complexa dança.

— É só o começo — acrescentou Tatiana. — Mais tarde haverá festa, depois jogos, cantos e danças para todos, até o pôr do sol.

Sofia se enchia de alegria ao saber que havia tanto espírito de júbilo no coração dos aldeões. Embora certamente houvesse dificuldades em seus trabalhos, não lutavam sozinhos. Eram uma comunidade próxima, sem dúvida, com cada família intimamente relacionado com os outros.

Ela ficou tão impressionada com o espetáculo e a música que só quando Tatiana a cutucou é que percebeu que não passavam despercebidas.

Embora a melodia e a dança continuassem, os aldeões em frente a elas pararam de bater palmas e se viraram para olhar. Algumas das mulheres fizeram mesuras indiferentes. Outras permaneceram corajosamente, com um olhar de desafio inegável.

E aqueles olhos!

Do mesmo verde gelado de Tatiana e Constantin.

Uma mulher próxima, com um bebê no colo, deu um passo à frente, mas não houve sorriso de saudação. Em vez disso, estava cheia de desdém.

Os olhos da criança, piscando lentamente, eram do mesmo tom pálido.

O que Tatiana disse? Sobre Grigore ser um sedutor de mulheres? E quanto aos seus antepassados? Olga havia insinuado o mesmo.

Um calafrio percorreu Sofia; o jeito que a mulher estava olhando para ela!

Quando falou, foi em um dialeto que Sofia nunca tinha ouvido antes. No entanto, o significado era inequívoco e reforçado pela cuspida desdenhosa da mulher no chão entre elas.

O sol parecia escurecer, à medida que o prazer que Sofia sentia se dissipou. Na boca do estômago, uma sensação de vazio corroeu. Ela não era bem-vinda. Mais que isso; por algum motivo que não conseguia entender, era abominada.

— Tatiana. — Sofia percebeu um tremor na voz. — Vamos embora; por favor.

— Acho melhor. — Tatiana não fez nenhuma tentativa de influenciar a decisão de Sofia. Juntas, caminharam apressadamente de volta para a carroça.

No entanto, para consternação de Sofia, alguém as esperava ali: uma senhora idosa, não só com o lenço na cabeça, mas também envolta em xales de cores vivas, apesar do calor do dia.

Embora sua cabeça estivesse inclinada, estendeu a mão para Tatiana, que a pegou e a cumprimentou.

— Sofia, permita-me que eu a apresente. — Tatiana pegou a mão de Sofia e colocou-a sobre a da mulher. — *Doamnă* Dascalu é hábil em fazer tinturas. Algumas das ervas mais úteis crescem apenas nas encostas da colina perto do castelo, então eu as trago sempre que visito a aldeia. — Tatiana foi até a traseira da carroça, pegando uma cesta com tampa.

Enquanto isso, *Doamnă* Dascalu virou a mão de Sofia, passando as pontas dos dedos levemente na palma de sua mão. Com uma voz rouca por conta da idade, começou a cantarolar, como se consolasse uma criança. Sofia fez menção de se retirar, mas o aperto da velha era firme e ela falou com mais fervor.

— Pare com isso! — Sofia afastou a mão, esfregando-a na saia. Era rude, sabia, mas a intimidade do toque era demais.

Apressando-se, Tatiana colocou o braço sobre os ombros da mulher e olhou com reprovação para Sofia.

— Ela não quer fazer mal! Na verdade, está lhe desejando uma vida longa e feliz. — Depois de colocar a cesta nas mãos da mulher, Tatiana ajeitou as saias e voltou a subir na carroça. — E, apesar de ser tão alta, ela te acha

bonita.

Sofia deu a volta para o outro lado, puxando-se para o assento.

— Acho que está inventando isso.

— Então não vai querer saber o que mais ela disse. — Tatiana deu um sorriso presunçoso.

— A senhorita é muito irritante! Assim que começo a pensar que podemos nos tornar amigas, você...

— Sim, sim. — interrompeu Tatiana. — Eu sou perversa e, sem dúvida, nunca mudarei. — Ela olhou para Sofia com um olhar travesso. — Claro, como não fala o dialeto da aldeia, eu poderia dizer qualquer coisa e assim não saberia se estou falando a verdade.

Sofia segurou a língua; discutir com Tatiana só piorava tudo. Enquanto o carrinho avançava novamente, olhou para trás por cima do ombro, a tempo de ver *Doamnă* Dascalu erguer o rosto, revelando olhos nublados de branco pela idade.



Seguiram pela viagem de volta sem mais conversa, Sofia irritada e um tanto desamparada. Até esperava que os aldeões fossem cautelosos, como uma recém-chegada, e vindo de tão longe..., mas não ser tratada com hostilidade. Tatiana sabia que eles reagiriam assim?

Eles estavam quase de volta ao castelo quando Tatiana parou os cavalos, deixando-os pastar na sombra.

— Há plantas úteis crescendo aqui. Não vou demorar, mas pode olhar comigo, se for do seu interesse. — Tatiana pulou e pegou uma cesta vazia na parte de trás da carroça.

Estavam longe da parte mais cerrada da floresta, com árvores intercaladas com áreas de grama aberta, antes que a paisagem ficasse mais acidentada. Não querendo ficar sentada no banco duro da carroça por mais tempo do que o necessário, Sofia também desceu.

Tatiana se aproximou de uma faixa de flores rosa espumosas, quase atingindo seu ombro.

— Valeriana — explicou. — É bom para dores de cabeça, mas principalmente para ajudar a dormir. Elena coloca no caldo de Sigismund.

— *Doamnă* Albescu? — Sofia passou os dedos pelas flores delicadas.

— Sim, mas ela é apenas Elena para nós. Ela era babá anos atrás, cuidando de todos quando éramos crianças. Só mais tarde se tornou governanta. — Tirando uma ferramenta afiada de sua cesta, Tatiana se curvou até a base da planta. — Elena é muito experiente. — Raspando uma porção de raiz, a cortou cuidadosamente. — Ela é especialista em ervas para fazer chás e tinturas. Minha mãe sabe um pouco, mas só por ter ajudado Elena.

— Isso certamente é útil. — Sofia esfregou as pétalas macias entre o indicador e o polegar. — Mas não há médico por perto?

— A família nunca gostou de trazer estranhos para o castelo. Elena sabe como endireitar ossos e dar pontos se alguém na cozinha se descuidar com a

faça. — Tatiana continuou com sua escavação. — Além disso, os médicos não podem curar todas as doenças. Algumas devem ser vividas.

Sofia não conseguia deixar de pensar que preferia ter um médico ao seu lado, se algum dia precisasse. Mas, supôs, devia ser difícil atrair alguém verdadeiramente qualificado para residir ali.

Tatiana examinou o conteúdo de sua cesta.

— A aldeia tem *Doamnă* Dascalu, que tem ensinado suas habilidades a algumas das mulheres mais jovens. Ela ajuda no parto de todas as crianças, sabe... Lembro-me dela chegando quando era hora de Masha nascer.

A misteriosa Masha, que Constantin nunca mencionou... e as tinturas de Elena não foram suficientes para salvá-la, pensou Sofia.

Caminhando um pouco mais adiante, Sofia se deparou com uma planta que reconheceu. Inclinando-se para as flores brancas em forma de estrela, inalou o aroma familiar.

— Oh, alho selvagem! A cozinha precisa de um pouco? Faz bem ao coração, não é... e purifica o sangue?

Sofia orgulhava-se de dizer que não carecia de conhecimentos, graças aos livros de ciências naturais do pai.

Tatiana sentou-se sobre os calcanhares abruptamente.

— Afaste-se, Sofia, ou irá vai feder a essa coisa horrível! Não posso tolerar isso, nem Constantin.

— Bem, se a senhorita sente um cheiro tão forte... — Sofia franziu a testa, mas fez o que Tatiana pediu.

— Venha, vou lhe mostrar algo muito mais útil. — Parecendo aliviada por ter vencido sua batalha tão facilmente, Tatiana acenou para Sofia em direção à linha das árvores, onde se abaixou para colher vários caules de uma planta baixa.

Ela tocou as flores roxas em seu queixo.

— Mandrágora! Para capturar o coração do homem que deseja. — Ela examinou Sofia com seu jeito meio provocador de sempre. — Por acaso precisa que Elena lhe faça uma tisana?

Megera! Determinada a manter a calma, Sofia respondeu da forma mais doce possível.

— Não preciso correr atrás do que já é meu.

— Como quiser. — Tatiana jogou as hastes com as outras, dando um sorriso malicioso.

Sofia voltou na direção da carroça.

No entanto, Tatiana apenas deu um passo ao lado dela.

— Eu mesmo beberei a poção e lhe informarei se for potente. Felizmente, é o momento certo, pois estou no meio do meu ciclo. É muito importante, sabe... que uma mulher as colha quando está mais fértil. Não que eu seja excessivamente escrupulosa. Para o efeito completo, deve rasgar o caule com os dentes... ao luar, é claro, e dançar em volta dele totalmente nua.

— Perdão? — Sofia se virou, apenas para Tatiana dar um beijo em sua

bochecha.

— Sêrio, Sofia, é fácil demais! — Sorrindo, ela a pegou pelo braço.



Entrando no pátio, foi Florin quem veio tomar posse da carroça.

— Onde está Oleg? — perguntou Tatiana.

— No jardim murado, *stăpâna*... é tempo de semear. — Florin baixou a cabeça em deferência, mas, Sofia notou, mais para Tatiana do que para si mesma.

— Que sorte — disse Sofia. — Ainda há calor à tarde. Talvez Oleg possa me contar o que planejou.

— Ah, sim! Eu a arrastei para longe de sua missão pretendida. — Para irritação de Sofia, Tatiana imediatamente deu os braços. — Não tenho tanto interesse em saber a intenção de Oleg com suas fileiras de cenouras, cebolas e nabos, mas vamos juntas.

Tatiana certamente estava se divertindo às custas de Sofia, mas havia pouco que pudesse fazer a respeito, sem fazer uma cena. Então, permitiu que a conduzisse pelo arco aberto ao lado do pátio e ao longo do caminho, seguindo o perímetro do castelo.

O jardim murado, disposto no lado sul, estava tão arrumado quanto se poderia esperar. Com quatro caminhos principais atravessando e outros quatro atravessando na direção oposta, as áreas foram divididas e um contornava o limite.

A altura do próprio muro de pedra era tal que o jardim estava bem protegido e certamente seria produtivo.

Uma árvore frutífera, que Sofia imaginou ser uma macieira, crescia no centro, dando um ponto focal ao arranjo. Agradavelmente, alguém colocou um banco largo e circular em torno de seu tronco, criando exatamente o tipo de assento que esperava encontrar.

Com certeza, Oleg estava do outro lado do jardim, revirando a terra com sua pá, mas não estava sozinho. Ao se aproximarem, viram Olga arrastando uma enxada na terra.

Sofia franziu a testa.

— Estamos tão sem pessoal? E Olga de todos os empregados! Ela já tem o suficiente para fazer.

Com isso fez menção de abordá-los.

Tatiana puxou o cotovelo de Sofia.

— Não tão rápido. Acha que Olga está realmente aqui para jardinagem ou pelo belo jardineiro?

Embora Olga usasse uma roupa totalmente em sarja marrom, sua trança escura estava cuidadosamente trançada, presa por um lenço brilhante na cabeça, e havia um brilho inconfundível sobre ela. Ela se virou para Oleg, sorrindo enquanto ele limpava algo de sua bochecha. Ele se inclinou e seus lábios se encontraram.

— Oh! — Sofia se virou. — Falo com ele outra hora.

— Concordo — disse Tatiana. — Pois não gostaria de se intrometer... e é uma coisa feliz, ver os outros apaixonados, não é?

Para Sofia, a implicação era clara... que Tatiana estava novamente questionando a autenticidade do sentimento dentro de seu casamento.

Era verdade; adoraria que Constantin expressasse afeição da maneira que testemunhou Oleg fazendo. Mas isso nunca seria possível, pois não parecia mais em sua natureza ser suave, mesmo que se inclinasse favoravelmente para ela.

Ela olhou para as paredes do castelo. Havia várias janelas daquele lado, aproveitando a riqueza da luz do sol do sul, mas uma em particular se destacou, por ser a única que ostentava uma varanda.

Um complemento elegante para a fortaleza original, pensou Sofia, mas algo que os antigos guerreiros teriam desprezado. Ela se perguntou qual quarto tinha o luxo da pequena plataforma de madeira, a janela sendo estendida para criar uma porta que dava para ela. Até então, desistira da ideia de explorar todos os cômodos do castelo, mas isso despertou sua curiosidade novamente.

— Notei para onde está olhando — Tatiana interrompeu o devaneio de Sofia. — E está pensando de quem é este quarto, sim... e por que ele tem esse acréscimo charmoso? Acha romântico.

Sofia assentiu. O quarto era de Constantin? Não havia sido convidada para lá, embora a envergonhasse admitir. Certamente, não confessaria tal coisa a Tatiana.

Tatiana baixou a voz.

— Se soubesse a verdade, não a acharia tão charmosa, pois minha tia caiu desta sacada para a morte.

Sofia ofegou.

— Anastasia? — Ela sabia que a mãe de Constantin havia morrido repentinamente, seguida de perto por seu pai, mas acreditou que fora uma doença infeliz.

— Um final horrível. — Tatiana estava olhando para a sacada.

— Como isso aconteceu? — Sofia teve que perguntar.

Tatiana ficou em silêncio por um momento.

— Se eu soubesse, contaria. Alguns dizem que meu tio foi o responsável, que a empurrou para a morte, não estando mais apaixonado, mas eu não acredito nisso. Ele não era o marido perfeito, mas estou convencida de que ficou tão chocado quanto todos. Ana era sua posse, tanto quanto tudo no castelo. — Apesar de suas palavras, os olhos de Tatiana mantinham um olhar de desconforto.

Sofia estremeceu. Acima, uma nuvem se moveu para cobrir o sol, e havia mais soprando.

— Hora de entrar. — Tatiana deu um meio sorriso para Sofia. — Foi um dia interessante, não foi?

Enquanto tomavam o caminho de volta ao pátio, Sofia espiou por cima do ombro. Oleg estava trabalhando com sua pá novamente, mas Olga as

observava, a expressão em seu rosto inescrutável.

APÍTULO

ONZE

Terminada a refeição da noite, a família foi para a sala de estar e Tatiana ocupou seu lugar, tocando uma ária melancólica.

Os pensamentos de Sofia desviaram-se para a história que ela lhe contara no jardim murado: de Anastasia encontrando sua morte triste e inesperada. Como seu marido deve ter sofrido... e sua irmã. Terrível para seus filhos também. Perder um dos pais em qualquer idade era um choque, e o velho conde logo depois. Ele morreu de coração partido? Dizia-se que tais coisas aconteciam.

Quando a peça terminou, a baronesa enxugou os olhos com um lenço.

— Muito bonito, minha querida.

Constantin levantou os olhos de seu livro, mas não deu nenhum elogio além de um aceno superficial.

A baronesa voltou-se para Sofia.

— Toca, minha querida? Será um prazer ouvi-la no instrumento.

Sofia respondeu que estava hesitante, depois de ouvir a performance perfeita de Tatiana.

— A senhora é muito modesta, tenho certeza — respondeu a baronesa, embora não insistisse no assunto. — Se é prática que lhe falta, logo ficará mais confiante aqui.

Já que temos tão pouco para nos ocupar, pensou Sofia. Se não conseguisse se tornar uma musicista mais competente durante seu tempo no castelo, certamente teria algo do que se envergonhar.

Sentando-se ao lado delas, Tatiana se dirigiu à mãe.

— Mencionei que fiz um passeio hoje? Os aldeões estavam realizando seu festival de boas-vindas à primavera. A senhora conhece esse, mamãe... com os sininhos tocando cada vez que os homens saltam.

— Meu Deus! — A baronesa parecia bastante perturbada. — Eu já lhe disse antes sobre ir para o vale. Não é conveniente nem prudente.

— Os aldeões foram perfeitamente cordiais. — Tatiana olhou para Sofia, como se a desafiasse a dizer o contrário. — Levei ervas para *Doamnă* Dascalu, pelo que ela ficou grata. Dificilmente pode se opor a isso.

A baronesa franziu os lábios.

— Mas ir sem acompanhante...

— Ah! Esqueci de dizer. — Tatiana deu um largo sorriso. — Sofia foi comigo.

— Para a vila? — A atenção de Constantin foi imediatamente despertada.

Lupus, até então adormecido sobre o tapete da lareira, começou a acordar, com as orelhas em pé.

— Deveria tê-la acompanhado, Constantin. — Tatiana não parecia nem um pouco intimidada. — Acha que os aldeões estão tão abaixo de sua posição que não merecem conhecer sua condessa?

Os nós dos dedos dele estavam brancos contra os braços da cadeira.

— Porém, não lhe cabia fazer a apresentação.

Sofia mordeu o lábio. Eles dificilmente poderiam alegar ter alcançado uma apresentação satisfatória. Tatiana pretendia colocá-la em uma posição desconfortável o tempo todo?

Tatiana cruzou os braços.

— Sofia deveria esperá-lo, enquanto finge que ela não existe?

Constantin olhou para sua prima, então se levantou. Seu olhar permaneceu em Sofia, e ela pensou que o maridoalaria algo. Em vez disso, se virou, desejando-lhes boa noite. Lupus olhou para trás com pesar antes de trotar atrás de seu mestre.

Assim que a porta se fechou, a baronesa se desculpou.

— Ele está fora de si, mas eu realmente sinto pela senhora, Sofia, depois de viajar até aqui...

Sofia fez o possível para não parecer afetada. Ela veio com poucas esperanças. No entanto, era humilhante ser tratada assim perante a família do marido.

Felizmente, a baronesa mudou rapidamente de assunto.

— Vivemos tranquilamente no Castelo Roznov, mas espero que não fique muito entediada. Temo que a biblioteca esteja cheia de histórias tristes, a maioria deles comprados pelo avô de Constantin. Felizmente, tenho um acordo com um livreiro em Bucareste. Ele envia os últimos volumes duas vezes por ano, e reuni uma coleção razoável, em alemão, francês e inglês.

A baronesa sorriu brilhantemente.

— Irei lhe selecionar nossos favoritos. Imagino que goste de romances, certo? Claro que gosta! Nenhuma mulher sensata diria o contrário.



Olga pegou a camisola de Sofia pendurada perto do fogo. Passou-o pelos braços erguidos de sua patroa e a ajudou a vestir o roupão.

Pegando o espartilho de Sofia, a empregada colocou-o cuidadosamente no baú de madeira ao pé da cama.

Como era mais simples o vestuário de Olga, sua saia vermelha, parando um pouco antes do chão, caía em dobras desde o quadril, permitindo facilidade de movimento. no entanto, a roupa estava longe de ser tão simples assim, pois a blusa de mangas compridas era lindamente decorada.

— O bordado é obra sua? — perguntou Sofia, admirando os motivos florais carmim ao longo de cada manga e ao longo do corpete de linho branco.

— Toda filha aprende esses pontos. São uma tradição passada pela família.

— Olga a conduziu até o banquinho diante da penteadeira. — Devíamos soltar seu cabelo, minha senhora.

Sofia rendeu-se ao prazer de ter os cabelos soltos dos grampos, e a escova

passar no comprimento.

Com os olhos fechados e nenhum som na sala a não ser o som do pentear e o crepitar das toras na lareira, Sofia quase podia fingir que era uma garotinha de novo. Que estava segura e amada, sem nenhum cuidado além de praticar o pianoforte e a conjugação de seus verbos franceses e alemães. Que era sua mãe quem tocava sua nuca, passando as mãos pelos longos cabelos escuros de Sofia, puxando delicadamente com a escova.

Quando os dedos ágeis de Olga começaram a trançar o comprimento, Sofia voltou a si.

Sua mãe se foi. Ninguém esperava uma carta dela, ou aguardava ansiosamente pelo seu retorno. Em Bucareste, não cultivou nenhuma amizade que justificasse uma correspondência afetuosa. Sofia foi forçada a ficar de pé após a morte de seu pai, porém sentia-se sozinha desde muito antes.

Olga já havia se aproximado da cama, tirando a panela de aquecimento para que Sofia pudesse subir.

Era tarde. Ela estava cansada e, sem dúvida, Olga também, mas não queria que ela fosse embora ainda. As noites eram longas e solitárias, e seus dias não eram melhores.

O desejo de alguém em quem confiar floresceu como um machucado dolorido, mas não conseguiu pensar em nenhum pretexto para detê-la. Assim, fez a primeira pergunta que lhe veio à cabeça.

— Há quanto tempo está aqui?

Olga ficou imóvel.

— Toda a minha vida, como minha mãe e minha avó. Sempre servimos o Roznovatu.

— Eles têm sorte de tê-la. Essa lealdade é rara. Pois poderia facilmente ir para outro lugar. — Sofia franziu a testa. Não deveria colocar ideias na cabeça dela. O castelo não podia se dar ao luxo de perdê-la.

— É assim que as coisas sempre foram. Nosso povo não abandona aqueles a quem estamos comprometidos. — Mudando de assunto, disse, — A baronesa reservou-lhe alguns vestidos da condessa anterior. Foram pouco usados. Podemos alterar se necessário.

— Isso é atencioso. — Na verdade, não tinha certeza de como se sentia ao usar roupas de outra mulher, mas havia algo de atraente no fato de os vestidos terem pertencido à mãe de Constantin. — Como ela era? — Sofia descobriu que queria muito saber.

Olga pareceu subitamente cautelosa.

— Infeliz; como qualquer mulher seria, casada com tal homem...

— Que homem? Olga, o que quer dizer?

— Os homens deste lugar trazem tristeza...

Uma batida na porta a interrompeu e, no momento seguinte, Tatiana entrou, carregando uma trouxa debaixo do braço.

— Meu Deus! — Ela recolheu o roupão confortável de Sofia, antes de depositar os livros na superfície mais próxima. — Uma maneira estranha de

atrair seu marido rebelde para sua cama.

Sofia cerrou os dentes. Já era ruim ter Tatiana falando assim com ela quando estavam sozinhas, mas na frente de sua criada, era ainda mais humilhante.

Com uma rápida reverência, Olga as deixou a sós.

— É muita gentileza trazer os livros, mas deve estar cansada. Poderia ter esperado até de manhã. — Sofia esperava que Tatiana entendesse isso como uma dica para se retirar.

— Eu não estou cansada. — Pegando um bombom de um prato próximo, Tatiana o enfiou na boca. — Na verdade, estou muito incomodada para pensar em dormir.

— Nada do que comeu, espero... — Recusando-se a olhar nos olhos de Tatiana, Sofia ergueu o livro de cima. Passando pelos títulos, reconheceu vários.

— De jeito nenhum. Eu nunca fico mal com meu estômago. — Tatiana apoiou o cotovelo na penteadeira. — É Sigismund! Estamos todos esperando que ele morra... e está demorando demais para isso.

Sofia ficou surpresa e isso ficou claro em seu rosto.

— Ah, não precisa ser tão santa e chocada — Tatiana fez beicinho. — Até Olga concordaria, já que é obrigada a esvaziar o penico do doente.

— Como pode ser tão insensível? — Furiosa, Sofia pôs-se de pé. Embora ainda não conhecesse o tio idoso de Constantin, sentia por alguém sendo menosprezado de forma tão impiedosa.

— É fácil para você dizer. Pois é casada com Constantin. Não tenho nada além de sonhos e desejos... nenhum dos quais se tornará realidade. — Tatiana passou da petulância ao desespero. Com um soluço, levantou-se de um salto e correu para a porta, abrindo-a de modo a bater contra a parede.

Bem, realmente! Sofia correu atrás dela, pronta para lhe dizer o que pensava, mas Tatiana havia desaparecido na penumbra do corredor. E não tinha uma vela para guiá-la.

Silenciosamente, fechou a porta. Tatiana crescera ali; provavelmente saberia se virar mesmo com os olhos vendados. Ainda assim, era estranho pensar em alguém andando pelo castelo sem iluminação.

Se Sofia fosse pega na escuridão do corredor, com a vela se apagando, não conseguiria ver nada. Esse pensamento era desagradável o suficiente, mas imaginar outra pessoa por perto, abrindo caminho sem ser visto, firmemente em sua direção...

O que ela estava fazendo... deixando sua imaginação voar assim! Porém, girou a chave na fechadura.

Antes de Tatiana aparecer, estava mais do que pronta para entrar debaixo das cobertas. Mas agora estava bem acordada, seu coração batendo rapidamente por causa da briga. Ela precisava de algo para distraí-la.

Havia os livros, é claro. Ela deu apenas uma olhada rápida nos títulos, mas havia um em inglês que nunca tinha visto antes. Voltando à pilha, pegou o

esguiu volume encadernado em couro rosa pálido a pilha.

Na frente, gravado em ouro, estava escrito: *O guia de uma Lady para todas as coisas úteis*. Logo dentro da capa havia uma inscrição em uma caligrafia bem cuidada:

À minha querida irmã, Carmilla,

Agora nós duas somos casadas e nossas vidas estão apenas começando. Desejo-lhe a mesma alegria que desejo para mim.

Sua Ana

Na época, fora um presente de casamento de uma irmã para outra. A edição certamente era preciosa para a baronesa, tornando o empréstimo ainda mais comovente.

Pegando a lanterna, Sofia levou o livro para a cabeceira e afofou os travesseiros para poder ler um pouco antes de apagar a luz.

Ela olhou para a lista de conteúdo. A maioria dos capítulos falava de boas maneiras à mesa e etiqueta em geral; alguns eram mais sobre vestimentas. Porém, como a edição datava de uns quarenta anos antes, quaisquer aspectos relacionados à moda estariam muito desatualizados.

Vários remédios detalhados para doenças comuns. Sofia leu:

Misture mel, bicarbonato de sódio e leite azedo para aplicar generosamente no rosto durante a noite e ter uma tez jovem e assim evitar espinhas.

Ela torceu o nariz. Uma sequência de instruções... presumivelmente, a preparação em si estava em evidência no canto inferior da página.

O capítulo seguinte foi intitulado *Postura*:

A crença de uma dama em si mesma... sua própria força de vontade, sua autoconfiança é seu maior trunfo. Acreditar estar no controle de seu destino é fazer com que aconteça.

Havia algo nisso, admitiu Sofia... embora fosse um pensamento exaustivo: ter uma crença perpétua em si mesmo e serenidade. Era possível?

Supôs que era preciso tentar.

Ao tentar um reencontro com Constantin, fazendo-o aceitá-la como parte de sua vida, deu o primeiro passo para moldar seu futuro. Não era culpa dela que as coisas não estivessem saído como planejado.

Ou talvez simplesmente não tenha se esforçado o suficiente.

Ela vinha dizendo a si mesma que tudo daria certo no devido tempo, mas estava começando a achar que isso era um absurdo.

Os leais servos do castelo pareciam ver através dela, sabendo instintivamente que ela não era “condessa” no verdadeiro sentido da palavra. Sem dúvida, a baronesa e Tatiana a viam da mesma forma, sabendo que Constantin não compartilhava sua cama.

Não havia nenhuma boa razão para que evitasse a companhia dela tão completamente... o que levantava a questão de porque era assim. Embora não tivesse experiência para comparar a conduta do marido na noite de núpcias, não podia acreditar que ele a tivesse achado deficiente. Sua memória do

prazer que deram um ao outro permanecia vívida.

Não! Havia algum outro motivo, ainda desconhecido para ela, mas não se descobre a verdade de tais assuntos enterrando a cabeça na areia.

E como conseguiria isso?

Voltando à lista de conteúdo, procurou algo que pudesse ser útil.

E lá estava. *Sedução!*

O que é mais impressionante do que o outro ver apenas o melhor em nós? Para fazê-los desejar ver o mundo através de nossos olhos. Na companhia deles, nos tornamos nosso melhor eu.

Um tipo de feitiço lançado pela mulher astuta.

Ela não precisa ser a mais bonita, nem ter a maior inteligência. Seu charme está em como ela fazia os outros se sentirem.

Sofia leu a passagem duas vezes. Ela sempre pensou em sedução em algo como ficar perto o suficiente para que um homem percebesse seu perfume, de encontrar seu olhar e depois desviar os olhos, talvez mordendo o lábio. Um toque sutil no braço, ou tocando a própria clavícula ou pescoço, para chamar a atenção para aquele local.

Constantin deixou claro que lamentava o dia em que se casou com ela, e seria preciso mais do que esperar cada palavra dele para mudar isso. Mas, se não encontrasse uma maneira de mudar as coisas, ainda havia uma chance de mandá-la embora, independentemente da intercessão de Carmilla em seu nome.

Fechando o livro com um tapa, jogou-o nos pés da cama e apagou a lanterna.

Um raio de luar penetrava onde as cortinas ainda não haviam sido completamente fechadas. Sofia olhou para o dossel e depois para o espaço ao lado dela. Cheia de colchas, a cama era confortável, mas seria muito mais convidativa se não estivesse sozinha.

Era inútil negar. Apesar de sua teimosia, ainda achava Constantin atraente e ficava inquieta pensando nele.

Doía que ele nunca tenha se preocupado em tentar.

Era porque não tinha interesse nela, ou por que outra pessoa já estava mantendo sua cama aquecida? Ele lhe disse que não era amante de Tatiana, e nunca foram, mas isso era para que não se metesse entre eles?

Não pela primeira vez, imaginou Tatiana deitada ao lado dele, tocando-o e sendo tocada do jeito que só ela, Sofia, deveria ser. A velha humilhação voltou, misturada com fúria e ciúme. Não podia continuar assim.

Vestiria o roupão... não o austero, mas o roupão de seda na cor ostra mais clara que mandara fazer como parte do enxoval, sem mais nada por baixo. Rastearia até o quarto dele e abriria a porta.

Se outra estivesse deitada com ele, pelo menos saberia a verdade.

E se ele estivesse sozinho...?

Sua respiração acelerou.

Ela deslizaria sob as cobertas e se pressionaria contra ele. E antes que

tivesse a chance de repreendê-la, envolveria sua perna sobre a dele, despertando aquela parte de um homem que exigia satisfação. Só haveria uma possibilidade: que ele se enterrasse dentro dela.

E quando acabasse?

Ele perceberia que não havia nenhuma razão terrena para que não estivessem juntos. Era tudo tão simples. Não precisava de um livro para lhe dizer o que fazer. Uma vez que Constantin provasse o que estava perdendo, ele veria sentido, e a proximidade física entre eles traria proximidade de outras maneiras.

Em vez de esperar que ele a procurasse, só precisava pegar o que desejava.

E não pode haver um resultado mais duradouro? Se a união deles produzisse um filho, ele não a mandaria embora. Não, então! Se concebesse seu herdeiro, seu lugar estaria seguro.

E não poderia haver mais? Toda uma ninhada para encher o castelo, para trazer alegria e luz a esses salões sombrios. Uma onda de excitação cresceu dentro dela. Já havia perdido tempo suficiente.

Acendendo a chama da lamparina novamente, vasculhou as gavetas no fundo do grande guarda-roupa. Com certeza, lá estava a fina seda creme, bordada com renda, amarrada na frente com uma única fita.

Ela se atreveria a usar isso e nada mais? Os aposentos de Constantin não ficavam longe... na ala entre as torres leste e sul, mas e se encontrasse um criado na passagem... À luz de velas, o tecido frágil ficaria quase transparente.

Seu lado sensato levou a melhor sobre ela e pegou a camisola combinando, para ser usada por baixo. O efeito ainda era atraente, embora não tão descaradamente sedutor.

E enrolaria seu xale de lã em volta da metade superior, só por segurança. Uma vez que alcançasse a porta, poderia deixá-lo lá fora.

Sem mais hesitar, aventurou-se a sair na escuridão do corredor.

CAPÍTULO

DOZE

Tudo estava silencioso, exceto pelo fraco som de um relógio em algum lugar no andar inferior. Sofia contou até dez. Esperava que não estivesse tão tarde a ponto de Constantin já estar dormindo, embora não houvesse razão para isso impedi-la.

Pelo que se lembrava, havia poucos móveis ao longo do corredor, então não precisava temer esbarrar em uma cadeira ou mesa mal posicionada. Ainda assim, foi cuidadosa e ficou contente por estar com o xale sobre os ombros, pois havia uma corrente fria soprando de algum lugar à frente.

Sem encontrar ninguém, caminhou mais rapidamente, virando para leste quando chegou à entrada da torre sul. Logo em seguida, viu uma luz fraca brilhando debaixo de uma porta.

Já que Constantin tinha a exclusividade dessa parte do castelo, não havia dúvida de que o quarto era dele. Sofia parou, seu coração de repente batendo forte ao pensar em realizar seu plano.

E se ele ainda não estivesse deitado? Pois tinha uma rotina estranha. Sabia que os criados não o incomodavam durante o dia, a menos que requisitasse seus serviços. Ele ria de sua tolice, pensando que ela poderia tentá-lo de forma tão óbvia?

Ela tocou seus dedos na porta e aproximou sua orelha da madeira. Tudo parecia tranquilo, porém discerniu vozes: a de Constantin, falando baixo e outra voz.

Quem seria?

Houve um rangido, como se alguém estivesse se movendo sobre o colchão, e então uma risada feminina. Um aperto frio e duro esmagou o peito de Sofia, dificultando sua respiração. Não podia haver engano.

Ele não estava sozinho, e a mulher só poderia ser Tatiana. Ela deve ter ido diretamente do quarto de Sofia para o de Constantin.

Como podiam continuar com aquilo, enquanto ela dormia sob o mesmo teto? A garantia de Constantin de que não havia nenhum relacionamento íntimo entre ele e sua prima era apenas uma mentira para acalmá-la. Sem dúvida, se deitava com Tatiana sempre que lhe convinha.

Tais eram as vantagens de dormir em uma ala diferente da de sua esposa. Assim poderia se envolver com quem quisesse, e ela não saberia de nada.

Do outro lado da porta veio um estrondo de algo caindo, e a risada de Tatiana novamente. Sofia se afastou, não querendo ouvi-los. Confrontá-los não traria nada além de mais humilhação para si mesma.

Tatiana não era nenhuma virgem recatada. Com seus cabelos caindo sobre sua nudez, seria tanto uma vadia entre os lençóis quanto era uma demônia na

sala de estar.

Sofia descansou sua testa contra a pedra fria da parede oposta. Nunca havia se sentido mais ridícula, parada em camisola de noite de núpcias enquanto seu marido fazia amor com a mulher que havia sido sua amante muito antes de conhecê-la. Agora entendia tudo. Tiveram apenas uma noite juntos porque ele havia comparado sua cópula com a de Tatiana e havia achado que Sofia era insuficiente.

Agarrando seu xale firmemente ao redor de si, Sofia correu, a lanterna balançando selvagemmente diante dela. Somente quando chegou ao fim da passagem, parou para respirar. Ela olhou para trás, subitamente com medo de ter sido barulhenta demais em sua fuga, mas só havia escuridão.

Isso trouxe um pouco de alívio.

A torre estava à sua frente, exceto que havia algo diferente. A escada em espiral que deveria estar à sua esquerda agora estava localizada à direita, e a passagem que deveria levar de volta ao seu quarto não estava ali. Em vez disso, havia uma parede sólida.

Confusa, ergueu a lanterna e olhou de volta para o caminho que havia percorrido. Em seu pânico, tomara a direção errada. A torre diante dela não era a sul, que dava vista para o jardim murado, mas sim a leste, construída na rocha da montanha atrás.

A Torre Leste, onde Sigismund aguardava pelos dias que ainda restavam. Quem estaria com ele esta noite? Olga, supôs Sofia. Duvidava que fosse a baronesa. Quem quer que fosse, provavelmente estava esperando que a tarefa logo não fosse mais necessária.

Mas talvez ele estivesse completamente sozinho.

O pensamento atingiu Sofia tão terrivelmente que ela sentiu as lágrimas surgirem. Enxugando uma delas da bochecha, sentiu a dor de sua própria tristeza novamente.

Ela e Sigismund... ambos indesejados.

Um desejo surgiu nela, então, de subir as escadas e visitar seu quarto. Poderia sentar-se com ele por um tempo. Se Olga estivesse lá, e acordada, simplesmente diria que não conseguiu dormir, pensando no velho homem.

Envolvendo o xale, e na penumbra, era possível que Olga não notasse a camisola diáfana de Sofia por baixo.

Tendo resolvido isso, subiu a escada. Era mais íngreme do que imaginara, estreita e bem curvada no estilo medieval. Nenhum atacante destro tinha espaço para erguer sua espada, toda a vantagem sendo para aqueles que lutavam de cima.

Teve o cuidado de manter a bacia levantada, mantendo-se na parte mais larga do degrau. Elena a advertiu de como estavam gastos, e ela certamente não lhe daria a satisfação de torcer o tornozelo ou cair para trás.

Depois de uns vinte degraus, a escadaria dava para uma câmara circular, sem porta e completamente vazia, a não ser por alguns velhos baús. O quarto de Sigismund estava bem no topo? Parecia uma maneira estranha de fazer as

coisas, pois suas bandejas e água para o banho eram levadas para muito longe. Seria sensato, certamente, estar localizado mais perto dos aposentos principais da família.

Quando começou a subir novamente, houve um guincho distante vindo de cima, seguido por um arranhão e um bater de asas. Uma coruja? Eles preferiam lugares altos, ouviu falar, e devia haver muitos ratos no castelo.

Ou morcegos?

E se descessem de repente, esvoaçando e se debatendo naquele espaço fechado, suas asas se prendendo no cabelo dela?

Esse pensamento quase a fez voltar correndo, porém disse a si mesma que não poderia ser muito mais longe.

Ela estava certa, pois outros vinte passos a levaram a um par de portas. Uma estava entreaberta, levando para fora, para as ameias. A fonte da corrente de ar, sem dúvida, e dos sons noturnos que chegavam até ela. Assim, hesitou apenas um momento antes de fechá-la e baixar o ferrolho.

A outra porta estava fechada, mas o trinco se levantou facilmente ao seu toque e não fez nenhum som quando o abriu. Alguém mantinha as dobradiças lubrificadas.

O quarto estava escuro, exceto por uma única vela acesa ao lado da cama. Então, pousou sua lamparina nos degraus, temendo que seu brilho o perturbasse.

Entrando, fechou a porta atrás de si e ficou parada por um momento, deixando seus olhos se ajustarem.

Depois do quarto abaixo, pensou que esse estava mais vazio, mas era exatamente o oposto. Havia tapeçarias nas paredes, embora os temas não fossem distinguíveis. Vários tapetes cobriam o chão e uma poltrona de espaldar alto estava do outro lado.

A cama, esculpida com ornamentos, era forrada de veludo rico, as cortinas de todos os lados fechadas contra o frio, de modo que o ocupante ficava escondido.

Sofia deu um passo à frente.

A poltrona não estava vazia, pois ela podia ver saias escuras. Outro passo mostrou que era Olga quem estava sentada, a cabeça inclinada para a frente, emitindo um ronco audível.

Sofia ficou feliz com isso.

Sigismund não estava sozinho, e Olga, exausta como deveria estar, descansava um pouco.

Sofia poderia sair agora e voltar para o quarto. Talvez assim encontrasse seu próprio sono. Há quanto tempo não folheava o livro da baronesa? Parecia uma eternidade. Quanto ao que viria depois, não queria pensar nisso. Haveria tempo e lágrimas suficientes para isso pela manhã.

Mas ela fez uma pausa. Podia ser sua única chance de ver Sigismund; olhar para ele enquanto vivia. Ela sabia muito pouco sobre a família. Como irmão do pai de Constantin, haveria alguma semelhança com o velho conde, assim

como com seu marido.

Rastejando para o outro lado, ficou em silêncio. Os roncoss de Olga continuaram, mas não havia nenhum vindo da cama.

O pensamento veio a Sofia abruptamente e um arrepio passou por ela.

E se encontrasse Sigismund morto...? Teria de acordar Olga e voltar rapidamente para o quarto. Não seria bom ser encontrada ali. O que pensariam a baronesa e Constantin?

Talvez fosse melhor não olhar, não saber.

No entanto, nesse momento, houve um chiado do outro lado das cortinas. Seu alívio foi imediato. Pelo som da exalação, longa e chocalhante ele estava perto de seu fim, mas ainda vivo.

Devia vê-lo. Parecia o certo. Trêmula, afastou a cortina.

A cabeça sobre o travesseiro estava voltada para ela, mas os olhos, ocoss nas órbitas, estavam fechados. Ela se perguntou novamente se estava morto, pois sua pele estava manchada de roxo, a carne gasta, grudada nos ossos.

Um rosto tão envelhecido que tornava impossível imaginá-lo em sua juventude... e ainda assim Sigismund era o irmão mais novo do pai de Constantin. Onde estava a bela vitalidade dos homens de Roznovatu?

Fosse qual fosse a doença que havia esgotado suas forças, os efeitos foram cruéis.

Sofia inclinou-se para perto.

Ele ainda respirava, embora as inalações fossem superficiais. Uma mão estava visível sobre a colcha. Cuidadosamente, levantou a colcha, enfiando aqueles dedos frágeis por baixo.

O velho estremeceu quando ela o fez, mas não emitiu nenhum som.

Recolocando a cortina, o véu desceu entre eles novamente, e Sofia recuou com passos silenciosos.



Ele nunca teria paz! Constantin cobriu o rosto com as mãos.

Foi necessária uma refutação direta para expulsar Tatiana de seu quarto. Ele normalmente nunca a deixaria entrar, mas, ao ouvir a batida na porta, pensou que poderia ser Sofia, por mais improvável que fosse. Foi pego de surpresa e Tatiana abriu caminho para seu quarto antes que tivesse a chance de intervir.

Seu flerte ultrajante dos últimos dias era inteiramente para provocar Sofia, presumia, já que um relacionamento físico entre eles estava fora de questão. Sua prima sempre gostou de travessuras, não importando as consequências.

Não que Tatiana tivesse qualquer desejo real de subir em sua cama. Sua agenda seguia inteiramente outro rumo, e conhecia muito bem os sentimentos dele sobre o assunto. Nenhuma quantidade de adulação faria com que mudasse de ideia.

Em relação a Sofia, sabia que havia agido com crueldade, mas fora com a melhor das intenções cortar os sentimentos de Sofia e os seus. Mal sabia que isso resultaria em cinco anos de arrependimento, somando sua sensação de

perda com uma vergonha permanente.

O que era ainda menos perdoável era que continuava a agir como um bruto. Sua tia tinha razão: se Sofia desejava morar ali, que direito tinha de recusá-la? E viver no castelo com animosidade era insuportável.

Não era culpa de sua esposa que mal conseguisse olhar para ela sem querer levá-la para sua cama: o mesmo lugar que jurou que nunca mais iriam. Saber que ela era proibida só tornava mais difícil resistir e foi por isso que a deixou em Bucareste, para começar.

Tirando a gravata, jogou-a longe e desabotoou a camisa. O impulso o levou até a garrafa ao lado da cama, mas a maldita estava vazia.

Desde que embarcara em seus dias de soldado, preferia manter a cabeça longe da embriaguez, mas a chegada de Sofia acabara com isso. Mais de uma vez, se mandava para a cama com conhaque. Como se isso resolvesse alguma coisa! Tudo o que o incomodava permanecia quando ele acordava, exceto que tinha muito menos paciência com uma cabeça latejando.

A última coisa que precisava era derramar álcool em sua garganta, mas era inútil tentar dormir em seu estado de espírito atual. Porém, o que precisava era de uma dose de ar fresco e do céu aberto acima dele.

Deixando Lupus cochilando perto das brasas do fogo, Constantin entrou na passagem... direto para o brilho da lanterna de outra pessoa.

— Sofia? — Vê-la fez seu coração pular.

Afinal, ela estava vindo? No entanto, parecia surpresa, quase alarmada.

A ideia de encontrá-lo era tão intimidante? Claro, era... pois ele não sentia o mesmo?

Os anos separados não tinham feito nada para amortecer seu ardor, mas tentar qualquer tipo de reconciliação era arriscar ouvir que ela não compartilhava desses sentimentos.

Seu cabelo escuro e sedoso pendia solto sobre um ombro, revelando o comprimento de seu pescoço esbelto. Seu olhar caiu sobre o lugar abaixo de sua orelha, onde a pele era mais pálida e seu pulso batia quente.

Seu desejo aumentou, mas ele empurrou para baixo a besta que estava sedenta pelo que Sofia poderia lhe dar. Pois aquilo não terminaria bem.

Em vez disso, pegou a lamparina dela e fechou a mão em seu pulso.

— Venha comigo.

APÍTULO

TREZE

Constantin pretendia arrastá-la até seu próprio quarto?

Claramente não, pois, ao chegar à torre na junção das duas alas, ele começou a ascensão em espiral. No esforço de acompanhá-lo, tropeçou. Seu xale escorregou, arrastando-se para trás.

— Constantin! Vá devagar.

Passaram por duas portas fechadas antes que ele a deixasse recuperar o fôlego, então a guiou para frente novamente, subindo até o topo.

As ameias! Era para lá que a estava levando? Quando ele soltou o trinco da porta externa, uma rajada de ar frio desceu.

É Tatiana que ele deseja, e minha chegada é um inconveniente a ser enfrentado. Essa é a resposta dele? Jogar-me deste lugar alto? Os outros pensarão que me aventurei aqui por curiosidade ou, em desespero, com o objetivo de tirar minha própria vida.

Dominada pelo medo, se afastou.

— Por favor, Constantin! — Ela se esforçou contra ele.

Como se percebesse sua angústia pela primeira vez, ele a soltou e ela quase caiu. Esfregando o pulso, ela olhou para a porta. Passar por ele seria impossível, a menos que o fechasse atrás de si. Tinha uma trava? Não tinha prestado atenção, pelo menos, não do outro lado.

Ele deu um passo mais perto, franzindo a testa.

— Não gosta de altura?

Ela se encolheu quando ele estendeu a mão, mas estava apenas pegando seu xale, colocando-o sobre seus ombros.

— Desculpe. Eu só... — Abruptamente, ele se virou.

Sofia manteve os olhos fixos nele. Ele era facilmente forte o suficiente para pegá-la e atirá-la no chão.

Mas, se essa era sua intenção, ele não faria isso e acabaria com tudo?

Em vez disso, caminhou até a beira do parapeito, olhando para a vastidão da noite.

Agora era sua chance de fugir. Por que então sentiu a necessidade de ir até ele, como se o mundo estivesse entorpecido e escuro, e sua própria existência dependesse de permanecer perto?

Ele ficou parado, sem falar, olhando para as infinitas estrelas brilhando frias.

No que estava pensando? Sofia gostaria de saber. Esse desejo era mais forte que seu instinto de autopreservação.

Algo o fez arrastá-la até aqui e, para seu alívio, não parecia que queria machucá-la. No entanto, se queria falar, se explicar, parecia que tinha perdido

a coragem ou não sabia por onde começar.

Havia muitas coisas que ela poderia lhe dizer, mas, assombrada pelo peso do que havia entre eles, o abismo era muito grande.

Que dupla formavam.

De algum lugar abaixo, houve um uivo longo e melancólico. Sofia espiou por cima do contraforte, mas viu apenas o jardim murado e a paisagem escarpada brilhando pálida ao luar, com a densa floresta além.

Estremeceu, pensando na besta que tinha corrido ao lado da carruagem em sua jornada para o castelo.

Constantin finalmente falou.

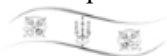
— Algo os atrai aqui. — Ele olhou para o céu, sua voz um murmúrio baixo. — Vemos e ouvimos as coisas de maneira diferente à noite, não acha? Como se as próprias montanhas estivessem nos chamando.

Sofia mal podia imaginar o que ele devia sentir. Ter sido criado em tal lugar deixaria sua marca em qualquer homem, mas saber que cada folha de grama, cada árvore e cada pedra pertenciam à sua própria família?

E agora, tudo isso era dele.

Embora tremesse, colocou os dedos em seu braço.

— Fala como alguém que realmente pertence a este lugar.



Ele estava ciente de sua mão em sua manga, e seu perfume... um almíscar sutil sobreposto com rosa.

Um homem melhor aproveitaria esta oportunidade para se desculpar. Constantin só conseguia pensar em como poderia sentá-la no parapeito e erguer suas saias finas, enterrando-se naquele perfume e na doçura de seu pescoço, tomando-a bem ali enquanto ela enrolava as pernas em volta de sua cintura.

Ele deu um gemido interior. Mesmo que Sofia permitisse, isso causaria problemas ainda maiores. Por fim, o odiaria ainda mais, e sua própria satisfação seria passageira. A realidade do que enfrentaram não podia ser ignorada.

Ela o olhava intensamente... com apreensão e incerteza; e mais alguma coisa, que não conseguia decifrar. O que foi que ela pensou ter visto?

Constantin sempre se ressentiu do poder exercido sobre ele por este lugar, por sua família, por seu sangue. Mas, parado ali, cercado pelas montanhas eternas, tocado pelo beijo da noite, sabia que nunca mais iria embora. A cada respiração, o lugar se tornava mais parte dele, e havia uma alegria feroz nisso.

Alegria coberta de miséria.

Pois o que era uma vida inteira como mestre de Roznov sem amor? Sem uma mulher que se colocasse dignamente ao seu lado, como sua companheira e confidente.

Olhando profundamente para o mistério verde sob seus cílios, ele falou o nome dela, demorando-se em cada sílaba lânguida.

— Sofia... — O nome dela saiu de seus lábios, caindo sobre seu rosto

erguido, sentindo-se tão proibido quanto tudo o que ele desejava.



Como o marido a olhava! Inabalável, intenso.

Onde quer que os olhos de Constantin tocassem, sentia que queimava, quente e fria. Como se já estivesse nua em seus braços, vestida apenas com a luz da lua e banhada na fome de seu desejo.

Ela conhecia o suficiente dos homens para saber a importância de tal olhar.

Tatiana era sua rival pelo amor de Constantin. Disso, Sofia não tinha dúvidas. Deveria estar enfurecida com ele, exigindo uma explicação para o que ouviu. Mas só conseguia pensar no quanto o queria. Para eclipsar Tatiana de suas afeições, precisava lembrar a Constantin o que os havia aproximado desde o início.

Ele colocou a mão sobre a dela. Um gesto casto, considerando que eram marido e mulher, mas o suficiente para acelerar sua respiração. Ele deslizou para cima sobre a nudez de seu braço e ela estremeceu, mas não pelo frescor da noite. Sob o tecido diáfano de sua túnica, estava quente, como se seu sangue acelerado fosse atraído para encontrar seu toque.

— Sofia. — Ele exalou lentamente, mergulhando para roçar sua bochecha contra o cabelo dela.

A proximidade era esmagadora. Ela sonhou com isso por tanto tempo... com Constantin sendo dela novamente, com a restauração de sua intimidade. Talvez fosse a melhor maneira de evitar palavras e deixar que suas ações falassem por eles. Enquanto o braço dele serpenteava ao redor de sua cintura, ela fechou os olhos.

Leves como um sussurro, seus lábios roçaram os dela, então voltaram a pressionar suavemente sua boca disposta. Ela se abriu para ele, convidando sua língua a provar onde seus lábios acariciavam. Seu desejo era grande demais para se contentar com gentileza. Queria um beijo no qual pudesse se perder completamente e esquecer a dor entre eles.

Sofia fez algum som, entre um suspiro e um gemido, e ele rosnou em resposta, puxando-a para mais perto. Segurando seu traseiro, trouxe seus quadris alinhados com os dele. Então, para seu choque total, a ergueu, empoleirando-a no precipício das ameias. Enquanto a inclinava, o xale escorregou de seus ombros, flutuando no vazio abaixo.

— Constantin! — Ela se debateu em pânico, agarrando as lapelas do paletó dele.

Sofia fechou os olhos com força, o coração martelando, mas o braço dele estava sobre ela, puxando-a para a dureza de seu corpo. O calor de sua respiração estava na base de sua garganta, e ela deixou a cabeça cair para trás.

Lá, ele roçou e brincou com sua língua, seus dentes, seus lábios... subindo para baixo de sua orelha, então para baixo novamente para se aninhar na curva de seu pescoço.

A outra mão dele estava em seu seio, segurando-o com firmeza sob seu traje de dormir. Em seu estado frenético, ela enrolou as pernas em volta da

cintura dele para se segurar melhor. Agora, através de suas calças, sentia sua excitação pressionada na fenda entre suas pernas.

Vagamente, se lembrou de sua intenção de seduzi-lo, de se entregar para talvez conceber um filho dele. Seu medo martelava por dentro, mas seu instinto lhe dizia que esse momento era inevitável.

Um desejo há muito enterrado desenrolou-se do fundo de sua barriga. Ele só tinha que se libertar e levantar a camisola dela. Ela estaria totalmente nua para sua penetração, incapaz de detê-lo.

O pensamento enviou uma dor latejante através de seu sexo. Ela pairava sobre o abismo, mas tudo em que conseguia pensar era que precisava dele por inteiro.

Os beijos de Constantin eram mais áspers agora, e a carícia em seu peito mais urgente. Encontrando seu mamilo tenso, ele o beliscou entre o indicador e o polegar, fazendo-a ofegar e abrir mais as coxas, fazendo-a se esfregar contra a parte dele que ela queria dentro.

Parecia que estavam de acordo, pois a mão dele deixou seu seio e estava juntando as dobras de sua camisola, expondo sua panturrilha, depois o joelho, ao ar fresco da noite.

Sua respiração veio irregular. Quando ele entrasse, seria em um único impulso? Fazia tanto tempo que provavelmente doeria, mas não se importava. Seu corpo logo se lembraria do que era necessário, esticando-se para acomodá-lo.

Ele alcançou o topo de sua coxa, juntando a seda em sua cintura.

Ela soltou uma lapela, movendo os dedos para baixo, para a fileira de botões que a separava do que desejava.

A protuberância tornava difícil abri-los, mas sua carne... veludo suave, quente e duro, estava rapidamente em sua palma. Envolvendo sua mão totalmente sobre ele, ela apertou, e ele deu outro gemido, mais animal do que humano.

Ela agarrou com mais força, tentando guiá-lo, reivindicar o que tanto precisava.

— Quero-o. Agora, Constantin. Eu não tenho medo.

Mas, longe de encorajá-lo, as palavras eram como o lançamento de um feitiço.

Ele levantou a cabeça, parecendo atordoado, suas pupilas escuras e dilatadas. Com isso franziu a testa, então um olhar de horror passou por suas feições.

Abruptamente, ela o soltou.

Ele se moveu para trás, para longe dela, longe do que estavam fazendo. Sofia ficou agarrada ao parapeito de pedra para se firmar, seus pés inesperadamente encontrando o chão, suas saias caindo.

— Me perdoe. — Ele estava enfiando a camisa de volta nas calças, fechando os botões novamente.

Ele deu mais um passo adiante, mas seus olhos permaneceram sobre ela...

meio suplicante, meio arrependido. Permaneceu assim por vários instantes, seu olhar fervente, como se fixasse a imagem dela em sua mente.

Então, com um olhar de desespero, dirigiu-se para a escada, afastando-se dela.

— Constantin...? — Ela não entendeu. Não era isso que os dois queriam?

Mas ele já havia se afastado; e a breve porta para o que quer que compartilhassem havia se fechado.



Amaldiçoando, Constantin desceu os degraus. O que deu nele para arrastar Sofia para o telhado? Seus impulsos animais levaram a melhor sobre ele, pura e simplesmente... e quase arruinou tudo.

Ao chegar à última câmara, na base da torre, estendeu a mão instintivamente para o dintel sobre a porta, passando a mão sobre a pedra até que seus dedos pousassem sobre a chave. Uma volta dupla na fechadura a abriu. Com cuidado, a fechou suavemente atrás de si.

Não muito rápido, pois Sofia o havia seguido com bastante rapidez. Ele havia deixado a lâmpada no topo da escada, então ela corria pouco risco de tropeçar na descida, e seus pés calçados com chinelos estavam quase silenciosos, mesmo assim a ouviu. Ela estava chorando?

Pressionou a orelha contra o carvalho antigo, meio temeroso de que ela descobriria onde estava escondido, meio esperando que ela tentasse a maçaneta. Pois não sabia se era forte o suficiente para resistir à tentação uma segunda vez.

Alguns momentos se passaram e decidiu que estava seguro. Constantin tentou acalmar a respiração, mas não pôde ignorar a rigidez ainda evidente em suas calças.

O encontro o deixou com uma dor de cabeça, e ele não seria capaz de pensar em mais nada, muito menos em dormir, até que fizesse algo a respeito.

Atravessando a sala que usava como local de trabalho privado, sentou-se na poltrona junto à lareira fria e desabotoou prontamente os botões. Com a carne em punho, ele deu vários golpes longos.

A satisfação foi imediata. Sua semente já estava escorrendo, lubrificando a cabeça inchada enquanto massageava seu comprimento.

A imagem de Sofia veio a sua mente, com o cabelo solto para trás e o pescoço exposto. Como sua pele era macia e como estremeceu de desejo, abrindo-se para ele enquanto a saboreava! A seda escorregando da curva externa de seu ombro, e seus seios quase visíveis através do tecido diáfano. O peso macio deles na palma da sua mão e o mamilo rosado pedindo para ser puxado e sugado.

Estava com muita pressa para dar ao corpo dela a atenção que merecia, mas estava pronta para ele mesmo assim.

Com as saias dela amarradas e as pernas em volta da cintura dele, mal teve a chance de apreciar a visão do que ela expôs entre as coxas pálidas, mas sua memória preenchia o que ele queria imaginar.

Seu sexo exposto, lábios rosados saindo do pelo escuro, e seu próprio desejo brilhando, oferecendo uma promessa quente e úmida para o que pretendia injetar nela.

Constantin apertou sua circunferência, pensando no aperto da bainha, e Sofia mordendo o lábio, balançada por cada estocada, mais profunda e mais forte.

Mais alguns puxões e uma onda de calor disparou por suas bolas, um prazer trepidante o alcançou, e pulsou quente sobre sua mão fechada. Ele jogou a cabeça para trás, sentindo a tensão diminuir em seu corpo.

Estava longe de ser a primeira vez que ele se tocou para liberar, pensando na mulher com quem dormiu apenas uma noite. Como não teve a chance de mostrar a ela uma extensão completa de satisfação conjugal, sua imaginação forneceu amplas possibilidades nos anos intermediários... do que eles poderiam ter experimentado, se tivessem seguido um caminho diferente.

Um lenço era suficiente para se limpar, e ficou feliz ao descobrir que o jarro e a bacia sobre o armário ainda continham água do início do dia.

Devido aos materiais com que trabalhava, gostava de lavar as mãos com frequência.

As cortinas abertas, de brocado escuro, eram as mesmas que estavam penduradas na época de seu pai, quando o quarto era seu local de retiro, mas os outros móveis foram arrumados de acordo com o gosto de Constantin.

A lua cheia brilhava através das janelas altas e estreitas, iluminando a longa mesa que havia colocado ali quando o quarto se tornou seu.

Grigore não fizera nenhuma objeção. Ele tinha pouca preocupação com qualquer coisa a ver com as terras que herdou após a morte de seu pai, e ainda menos interesse em lidar com o conteúdo do escritório de Balthazar. A velha escrivãzinha com tampo de couro, que havia sido preenchida com anos de papéis, permaneceu, mas empurrada para o lado.

Qualquer coisa importante, Constantin colocou nas gavetas inferiores. O resto ele queimou. Certas coisas precisavam apenas vislumbrar para saber que não deveriam ver a luz do dia.

A sala era dele agora, a mesa abrigando seus dois microscópios, uma pilha de pratos de vidro e uma série de livros... alguns empilhados, outros abertos em páginas pertinentes.

Naquela sala ele continuou a pesquisa que começou em Viena. Quantas horas passou testando amostras e registrando suas descobertas? Não o suficiente, embora parecesse que havia sido consumido por pouca coisa nos últimos anos. Tudo o que tinha era sua pesquisa e suas memórias do que abandonou.

Por hábito, acendeu a lâmpada mais próxima do maior dos microscópios e se inclinou para a ocular. Um pequeno ajuste colocou a amostra em foco. Não parecia diferente de várias horas atrás, o que não era uma surpresa.

Constantin bocejou.

Ele tinha sido metódico nessa linha de pensamento, testando com volumes

crescentes de ervas descascadas, mantidas em suspensões de água, depois álcool, depois a misturas dos dois. Não havia nada crescendo nas terras de Roznov que se prestasse a alterar a estrutura ou o comportamento do líquido viscoso espalhado entre as duas lâminas... pelo menos, não por meio de aplicação direta.

Mas sempre havia outras maneiras.

Primeiro, ele precisava descansar. Erguendo a lamparina, Constantin voltou em passos silenciosos para sua cama.

APÍTULO

QUATORZE

Pela luz acinzentada que penetrava pelas cortinas, Sofia deduziu que era quase madrugada. Tinha passado a noite acordada e taciturna, pensando em seu encontro com Constantin.

A princípio ele a assustara, mas o perigo de ficar empoleirada no parapeito certamente aumentara o *frisson*! Sofia deixou os dedos vagarem entre as pernas, tocando onde precisava de algo muito mais gratificante, porém seus próprios toques só a deixavam mais insatisfeita.

O que estava passando pela cabeça de Constantin? Suas ações simplesmente não faziam sentido. Frustrada, bateu no travesseiro. Ainda não havia desistido. Se paciência e coragem fossem necessárias, ela aceitaria o desafio.

Enquanto isso, deveria continuar encontrando a baronesa e aquela atrevida Tatiana. Sua tia, em particular, poderia oferecer informações sobre o inescrutável marido de Sofia.



Assim que a hora era respeitável, Sofia procurou a baronesa. Só esperava que Carmilla ignorasse o fato de que, da última vez que visitou sua sala de estar privada, ela entrou desajeitadamente de onde estava espionando o outro lado da parede de painéis.

Pelo menos, desta vez, estava entrando pela porta!

— Que delícia lhe ver, minha querida. — A mulher mais velha levantou os olhos do periódico que estava lendo. — Eu só estava tomando um chá. Deixe-me servir-lhe um pouco.

Sofia ocupou a poltrona em frente. Embora houvesse duas xícaras na bandeja, a baronesa estava sozinha. Tatiana provavelmente estava dando uma volta no jardim, ou estava vagando pela encosta novamente, procurando por suas ervas. Ela e a mãe eram próximas, mas Sofia achava que devia ser cansativo estar sempre na companhia uma da outra.

Enquanto a baronesa colocava de lado o coador e servia da chaleira, Sofia olhou em volta. Era realmente um lugar agradável para se sentar, especialmente em um dia como este, com a luz do sol entrando pelas janelas altas. Ambas as poltronas, assim como os banquinhos e uma chaise-longue, foram estofados em seda amarela com motivo de prímula.

Sofia mal estivera com vontade de estudar as pinturas da sala em sua última visita, mas agora via que a jovem retratada na tela sobre a lareira era a mais bonita: cabelos escuros, olhos claros e brilhantes.

— Minha irmã, Ana — disse a baronesa, presenciando o interesse de Sofia. — Existem vários retratos dela no castelo. — Entregou a bebida a Sofia. —

Como vê, Ana tem olhos Roznovatu, enquanto os meus são um pouco mais escuros. Nosso ramo da família é bem distante, mas o sangue é forte. Ana posou para este retrato em Bucareste, antes de ela e Balthazar se casarem. E o vestido é o mesmo que usou no baile do Palácio Sutu, oferecido pela princesa Irina.

— Oh, o Palácio Sutu! — Sofia tinha ouvido falar que os bailes de lá rivalizavam com os do Palácio Real. — Deve ter sido uma ocasião maravilhosa.

— Como um conto de fadas. Tanto dourado e cristal... e os candelabros... refletidos no espelho pendurado no topo da ampla escadaria. Minha irmã e eu estávamos no exterior, em uma escola de aperfeiçoamento em Lucerna, e o baile era o primeiro da temporada. Para nós duas, foi nossa primeira apresentação à sociedade, embora eu fosse quase dois anos mais velha. — A baronesa suspirou baixinho. — Foi no baile que vi Balthazar pela primeira vez... antes de Ana notá-lo, ou ele a ela. — Ela olhou diretamente para Sofia. — Já sabe, eu acho que os homens de Roznovatu são diferentes dos outros. Eles têm um poder que atrai... especialmente as mulheres. Mesmo quando os conhecemos melhor, às vezes não podemos ajudar a nós mesmas. Vemos o perigo, mas alguma força carismática não nos deixa escapar.

Sofia sabia muito bem, pois pensava na noite anterior... embora a baronesa não soubesse disso. *Obrigada, Senhor!*

— Balthazar já tinha seu título e sua herança, mas mesmo sem esses atrativos materiais, poderia ter qualquer mulher de sua escolha. Tão galante e bonito, encantava onde quer que fosse, mas era em mim que ele se fixou naquela noite. — Uma pequena expressão de triunfo cruzou o rosto da baronesa. — Dançamos é claro, e ele me levou para jantar. Então, muito depois da meia-noite, me levou a uma das varandas superiores do palácio. Tanta imprudência..., mas a atenção de minha mãe estava voltada para Ana e não era difícil evitá-la. Fomos primeiro a uma galeria que dava para o salão de baile e depois ao longo de um corredor. Antes que eu percebesse, estávamos totalmente sozinhos, a música bastante distante. — A expressão da baronesa era abstraída. — Bucareste inteira se estendia diante de nós, as luzes das casas mais grandiosas piscando por entre as árvores, então permiti que me abraçasse e me beijasse. Pode imaginar como era romântico para uma garota da minha idade. Acreditei-me imediatamente apaixonada, e que o próprio Balthazar devia estar apaixonado por mim.

Ela continuou, extasiada ao contar a história.

— No dia seguinte, esperei ansiosamente que me procurasse e, quando ele me chamou, imaginei que poderia me pedir em casamento na hora... menina boba que eu era. Em vez disso, era todo formal, prestando tanta cortesia a Anastasia como a mim mesma. Eu não estava dissuadida, no entanto. Duas noites depois, houve outro baile, desta vez oferecido por Madame Otetelesanu. — A baronesa franziu a testa. — Esperei que Balthazar viesse até mim... para dançar e, claro, esperava que me levasse embora, como já

havia feito antes. Mas foi Ana quem chamou sua atenção naquela noite. Em uma semana, ele pediu a mão de minha irmã a meu pai. Pode imaginar meus sentimentos, mas eu estava determinada por nem Ana nem Balthazar percebessem minha decepção.

Uma onda de empatia brotou no peito de Sofia. Todos esses anos, e aquela rejeição ainda estava gravada no coração da baronesa. Balthazar pode não ter quebrado uma promessa explícita, mas foi cruel.

— Resolvi encontrar um verdadeiro pretendente o mais rápido possível e selecionei o Barão von Hund. Ele foi gentil o suficiente, sem vícios óbvios, e logo fomos abençoados com nossa filha. — Carmilla olhou para sua xícara antes de tomar um pequeno gole. — Com a morte do meu marido, eu estava bem provida, mas não havia filho... só Tatiana. Algum primo von Hund ficou com o título. Ana... já um tanto solitária, eu acho, implorou para que eu viesse me juntar a ela aqui, e Balthazar não fez nenhuma objeção. — Carmilla deu uma risada oca. — E como vê, eu nunca parti.

Por vários momentos, Sofia não soube como responder. Apesar de sua indiferença, estava claro que a história da baronesa com o marido de sua irmã havia deixado uma espécie de ferida. O que deu em Carmilla para fazer sua casa sob o teto do homem que preferiu sua irmã a ela?

Mas então, parecia que a baronesa e Ana eram muito próximas. Quando criança, Sofia ansiava por ter um irmãozinho. Ela podia avaliar como alguém poderia suportar quase qualquer coisa para se reunir com uma irmã amada. Tal amor seria mais forte do que qualquer sentimento juvenil de ciúme ou ressentimento.

Ainda assim, não sabia por que a baronesa havia escolhido lhe contar a história. A tia de seu marido esperava avisá-la de que um amor poderia facilmente ser trocado por outro? Ela sabia alguma coisa... sobre Constantin e Tatiana, e essa era sua forma velada de encorajar Sofia a abrir os olhos?

A baronesa soltou um suspiro sentimental.

— Muitas vezes penso nela... minha Ana. Foi uma tragédia. A vida pode ser arrebatada tão facilmente.

— Eu entendo. — Sofia engoliu a dor profunda em seu peito. — Perdi minha mãe há alguns anos, e meu pai recentemente. Mas muitas vezes sinto que o mundo ao nosso redor ganha uma nova intensidade, na esteira de tal perda.

Carmilla assentiu.

— O cheiro das montanhas fica mais vivo. Até mesmo a pontada do frio do inverno se torna um prazer estranho, pois seu toque gelado nos lembra que ainda estamos vivos. Ah! Voltar a ser jovem, com tudo à minha frente... para rir e amar, sem me importar com o passar dos dias. — Uma ferocidade apareceu em seu rosto, quase como se fosse roubar a vitalidade de Sofia se isso revivesse sua própria juventude, mas se esvaiu tão rapidamente quanto havia surgido. — Agora, só importa a felicidade de Tatiana.

Sofia desaprovava a melancolia autoindulgente, mas, com Sigismund perto

da morte e o recente falecimento de seu sobrinho Grigore, a baronesa tinha o direito de se sentir um pouco taciturna, e outras preocupações poderiam estar pesando sobre a tia de seu marido.

Sofia se perguntou se ainda poderia mudar a conversa, perguntando sobre Constantin em sua juventude, mas sons de comoção vinham do corredor. A porta se abriu e Tatiana parou na soleira, ofegante, como se tivesse corrido uma certa distância pelo castelo.

— Minha querida! O que foi? — A baronesa ficou imediatamente preocupada.

Tatiana apertou o peito, mas seu semblante estava jubiloso, os olhos iluminados por qualquer notícia que viesse compartilhar. Ela falou entre suspiros.

— Achei que esse dia nunca chegaria, mas finalmente chegou. Ele está morto! Sigi se foi! — Tatiana começou a rir. — Eu estou livre! Finalmente uma viúva.

Sangue congelado se movia nas veias de Sofia. Ela interpretou mal a situação, pensando que a baronesa era casada com o tio acamado de Constantin. Em vez disso, parecia que Tatiana era sua esposa.

O que aconteceu para provocar aquele estranho emparelhamento, e o que Constantin disse a ela, na biblioteca, no dia em que estavam jogando xadrez?

Mas ela arrumou a cama e deve se deitar nela. O castelo é sua casa e tem responsabilidades aqui. Quando estiver livre disso, pode fazer o que quiser.

Esse dia havia chegado.

O que Tatiana queria, agora que não era mais uma mulher casada?

Sofia estava com medo de descobrir.

APÍTULO

QUINZE

Afastando-se do microscópio, Constantin passou as mãos pelos cabelos. Precisava de distração. Passou a manhã inteira em seu laboratório, mas faltava paciência para a tarefa.

Foi tudo uma perda de tempo? Provavelmente, porém dedicara muita energia à busca de respostas para desistir agora.

Pegando seu caderno, folheou as páginas. O último continha suas anotações dos últimos dias, medindo os tempos de coagulação das amostras que havia coletado de todos na casa. Todos menos Sofia.

Teria que perguntar. Seria negligente não o fazer, embora o resultado provavelmente não mudasse nada.

Fechando os olhos, ele estava no telhado novamente, provocando a pele macia do pescoço de Sofia, fazendo-a gemer, enquanto a dor crescia dentro dele... de se unir ao corpo dela, para que não houvesse mais espaço entre eles.

Prometeu a si mesmo não a tocar, nem mesmo desejá-la..., mas sua necessidade física era muito forte. E o pior de tudo? Se ela estivesse ali agora, provavelmente faria tudo de novo, e dane-se!

Estava indo bem até que ela invadiu a fortaleza que ele fez de sua casa. Deixou sua mão vagar para a protuberância dentro de suas calças. Se não pudesse agir de acordo com o impulso, só havia uma maneira de aliviar a provocação. Ele estava cansado de se agarrar para liberar, mas que escolha havia?

Mas só tinha chegado ao segundo botão quando, sem aviso, a porta se abriu e Sofia entrou.

Seu primeiro pensamento foi que tinha vindo para terminar o que haviam começado, e seu coração deu um salto estridente. Levou apenas um momento para perceber que suas maneiras não falavam nada de sedução.

— Constantin! Precisamos conversar. — Virou-se, fechando a porta atrás de si.

Amaldiçoando, ele se segurou novamente.

— Esqueceu como bater?

— Eu tinha que vê-lo. — Com um olhar de leve surpresa, ela olhou para o quarto.

— E aqui está. — Permanecendo exatamente onde estava, Constantin cruzou os braços. Independentemente de sua imaginação raivosa, não permitiria uma repetição da noite anterior.

— já está sabendo? Sobre seu tio? — Ela veio imediatamente em sua direção, contornando a borda de sua mesa de trabalho.

Ele franziu a testa. Havia apenas um tipo de relatório provável no que dizia

respeito a Sigismund, mas se ele finalmente tivesse ido ao seu criador, esperaria que alguém o tivesse informado antes de Sofia.

— Poderia ter me contado, Constantin... sobre ele ser casado com Tatiana.
— Sofia deu mais um passo à frente, seu tom mudando de simpático para repreensivo. — Mas não disse uma palavra!

Ele não tinha pensado em contar a ela, era verdade... apenas assumindo que sua tia, ou a própria Tatiana, mencionasse isso.

— Na verdade, é enlouquecedor! Já que esquece que não sei nada sobre a tua família. — Ela mordeu o lábio, como se não conseguisse decidir se gritava com ele de novo ou começava a chorar.

Constantin deu um suspiro interior. Supôs que lhe devia alguma explicação.

— Por que não se senta? — Indicou as poltronas junto à lareira, onde Lupus já se espreguiçava. O fogo estava baixo, mas bastou um ancinho grosso e a adição de outra tora para que crepitasse novamente.

— Eu mal tinha dezoito anos quando resolvi deixar o castelo, mas Tatiana implorou para vir comigo.

Sofia parecia prestes a dizer algo, mas apertou os lábios novamente, acenando para continuar.

— Teria sido totalmente impossível, mesmo que eu desejasse. — Constantin fez uma pausa. Não desejava contar todos os detalhes desagradáveis, e algumas partes da história não eram dele para contar.

Sofia estava inclinada para frente em sua cadeira, uma ruga entre as sobrancelhas, escutando fixamente. Sentiu que ela estava tentando parecer calma.

— Talvez possa imaginar... Grigore, Tatiana e eu... sempre juntos.

Ela interrompeu, declarando um pouco ferozmente.

— E Masha?

Ele pausou novamente.

O que Tatiana andou dizendo? Pelo olhar neutro no rosto de Sofia, imaginou que a prima havia mencionado sua irmã apenas de passagem.

— Masha era dois anos mais nova que eu e cinco menos que Grigore. — Constantin lançou os olhos para o fogo. — Grigore raramente a deixava participar de nossas diversões.

Sofia franziu a testa.

— Ela deve ter se sentido sozinha.

— Suponho que sim, mas houve outras ocasiões em que ela preferiu ficar sozinha ou ficar sentada em silêncio com nossa mãe.

— Não enfrentava Grigore? — Sofia estava claramente indignada.

Constantin pegou o atizador e golpeou o fogo.

— Ele era meu irmão mais velho. Eu particularmente não gostava dele, mas o admirava... e meu pai ficava do seu lado em qualquer disputa. Foi um dos motivos, entre muitos, que me levou a sair.

— Mas e Tatiana? — Sofia se inclinou ainda mais para a frente. — Como se casou com Sigismund?

— Descobri apenas por suas cartas, pois já havia ido embora quando aconteceu. — continuou Constantin. — Após a morte de Masha, Grigore começou a abordá-la, até afirmando o desejo de se casar. Tatiana e minha tia foram veementemente contra. Até meu pai bateu o pé, recusando-se a o sancionar o casamento. Grigore foi obrigado a aceitar isso, mas isso não o impediu de perseguir Tatiana de outras maneiras.

Os olhos de Sofia brilharam, mas ela não interrompeu.

— Meu pai organizou uma viagem para comparecer à corte real, na esperança de que Grigore encontrasse uma noiva adequada. Fez Tatiana ficar para trás, sob algum pretexto de querer que ela atendesse Sigismund, que estava doente há muito tempo. Já era dito que seus últimos dias estavam chegando.

— E voltaram para encontrar os dois marido e mulher? — Sofia estava claramente incrédula.

— Foi precipitado ao extremo, mas ela tinha alguma noção de que era uma forma de se livrar da influência de Grigore... e não posso culpá-la, sabendo o quão persistente ele podia ser. — Um gosto amargo encheu a boca de Constantin. Nunca conseguia pensar naquele tempo sem que a bile subisse para queimar sua garganta.

— Mas como foi possível? — Sofia balançou a cabeça. — Não se casa simplesmente da noite para o dia.

Constantin deu de ombros.

— Sigismund não estava bem, mas ainda tinha espírito suficiente para aprontar travessuras. Não tenho dúvidas de que Tatiana apresentou a ideia dessa maneira, e isso o teria atraído infinitamente. Tendo induzido o padre da aldeia a visitá-lo, o persuadiram a fazer o que fosse necessário. Meu pai ficou furioso. Ele demitiu o padre imediatamente e se recusou a contratar outro.

Sofia balançou a cabeça tristemente.

— E Tatiana ficou com as consequências.

— Sem falar em Sigismund — acrescentou Constantin. — Embora eu ache que ele durou todos esses anos apenas pelo prazer de manter Tatiana presa à corrente que ela inventou para si mesma.

Sofia afundou um pouco na cadeira, parecendo chocada, como deveria.

— Acha que ele sofreu?

Este era o momento de contar a Sofia mais sobre o que diferenciava sua família. Ela o olhava com expectativa, confiança, apesar de tudo.

— Espero que tenha sido um falecimento tranquilo — disse por fim. — Na vida, ele suportou muito desconforto. Com o passar dos anos, sofreu convulsões e paralisia.

Um olhar de angústia encheu o rosto de Sofia.

— Que terrível.

Constantin escolheu suas palavras com cuidado.

— A doença é uma que tenho estudado. O próprio filho da rainha Vitória experimentou a mesma doença do sangue. Eu me corripondi com o médico

do príncipe até uns dois anos atrás.

— Príncipe Leopoldo? — Sofia franziu a testa. — Achei que a morte dele foi devido a uma queda.

— Em uma maneira de falar. — Constantin fez uma pausa. — Algo tão simples como uma hemorragia nasal ou um dente perdido pode ser fatal, pois, uma vez que o sangue escorre, ele flui livremente. Mas há outras dificuldades, mesmo que a pessoa se esforce para nunca se machucar. Acredito que o sangramento pode ocorrer facilmente dentro do corpo... no cérebro, por exemplo, ou nas articulações.

Sofia empalideceu, mas assentiu, indicando para continuar.

— Sigismund reclamou de dores nos joelhos e tornozelos. Pelo inchaço arroxado da pele ao redor das juntas, concluo que havia uma espécie de hematoma, embora não tivesse saído da cama por muitos anos. Com relação às suas convulsões, está bem documentado que podem ser causadas por trauma na cabeça... pelo qual podemos assumir algum grau de sangramento sob a pele, talvez dentro do próprio tecido do cérebro.

Esse tipo de conversa médica não era assunto para uma conversa educada, mas Sofia não deu sinais de repulsa pelo assunto.

— Foi isso que pesquisou durante sua estada em Viena? — Seu olhar se moveu para o aparato colocado do outro lado da sala. Ela se levantou, indo direto para a mesa, atraída pelo microscópio.

Ele pulou para segui-la, para pedir a ela... o que exatamente? Não tocar?

Talvez esta fosse a melhor maneira de mostrar a ela, para que aprendesse a verdadeira importância do que estava dizendo.

Seus dedos... pálidos, esguios e elegantes pousaram na base do instrumento de aumento.

— Posso? — Ela se inclinou sobre a ocular.

Pegando a lâmina mais próxima, ele a colocou sob a ocular para que pudesse ver.

— Olhe diretamente para baixo. Feche o outro olho, de modo que veja apenas o que está por baixo.

Seu coração batia em um ritmo estranho, sabendo que era a primeira vez que ela via o que o ocupou por tanto tempo.

— O que é isso? Essas pequenas formas redondas? — Ela mexeu levemente os pés, removendo o olho da lente superior e retornando.

— Chamam-lhes de plaquetas. — Contra a nuca dela estava uma mecha de cabelo escuro, escapando do pesado coque preso acima. A vontade de roçar os lábios naquele lugar aumentou fortemente, obrigando-o a dar um passo adiante. — Elas têm a capacidade de se unir, por assim dizer, para formar um coágulo. É isso que nos impede de sangrar indefinidamente. Esta amostra em particular pertence a Lupus.

A cabeça de Sofia ergueu-se imediatamente.

— Esse é o sangue de Lupus! — Ela piscou maravilhada. — Que coisa incrível!

Seu rosto se iluminou de repente, com um brilho deslumbrante e abrangente. Fazia muito tempo que não a via sorrir daquele jeito, como se não houvesse nada entre eles que causasse dor. Uma memória veio à tona com intensidade; Sofia encostada no travesseiro, os cabelos cacheados sobre a seus ombros para fazer cócegas em sua bochecha, seus seios roçando levemente seu peito. Aquele mesmo sorriso brilhante, intocado por presságios ou mágoas.

Ela estava tão perto, seus olhos olhando para os dele, cheios de êxtase. Acima de tudo, desejava puxá-la em seus braços, compartilhar aquela sensação de alegria novamente, queimar sua culpa e angústia.

Com um sobressalto, percebeu que estava lhe pedindo algo.

— Podemos tentar de novo?

— De novo? — Seu coração deu um salto inesperado.

— Sim. Eu gostaria de ver se meu sangue é igual ao de Lupus, ou completamente diferente. Sou corajosa o suficiente para aguentar uma alfinetada.

Quando não respondeu, ela pigarreou impacientemente, balançando o dedo em sua mão.

— Constantin?

— Claro. — Sua voz saiu rouca. Ele estava querendo uma amostra dela, e ali estava a oportunidade. Assumindo o comando de si mesmo, rapidamente localizou o que era necessário.

— Agente firme. — A ponta fina entrou sem resistência. Um aperto suave e uma gota de rosa carmesim.

Ele engoliu. O desejo de levar o dedo aos lábios dele e lamber a gota escarlate foi imediato, mas tal intimidade desencadearia uma cadeia de ações que acharia difícil de conter.

— Agora uso isso? — A pergunta de Sofia interrompeu sua linha de imaginação. Com a outra mão, pegou o retângulo de vidro de onde ele o havia colocado.

Ele assentiu, olhando para o relógio de bolso antes de espalhar a gota na lâmina. Com um quadrado de vidro colocado acima, o líquido espalhado em uma fina película entre os dois.

Com toda a ansiedade, ela observou enquanto removia a amostra anterior e a substituíva pela dela. Aparentemente alheia a tudo mais, retomou seu lugar na ocular, olhando intensamente por quase um minuto inteiro.

— Oh! — Erguendo a cabeça novamente, ela parecia um tanto desapontada. — Não consigo ver nenhuma diferença.

Sofia deu um passo para o lado, convidando-o a ocupar seu lugar. Com o pulso batendo rápido, ele abaixou o olho para observar.

Ele já sabia que não havia como discernir visualmente entre o sangue do homem e o do animal. Era outra coisa que estava procurando, e lá estava...

A coagulação havia começado.

Um vislumbre de esperança cintilou em algum lugar dentro dele, mas

rapidamente controlou. A reação não significava nada em si. Os segredos do sangue frequentemente permaneciam adormecidos.

— É assim que deve ser. — Endireitando-se novamente, pegou a mão dela, observando que o local da pequena intrusão da agulha já havia parado de sangrar. — Aparentemente o mesmo, mas, no entanto, o seu é muito diferente.

— Como sabe? — Sofia olhou para baixo ao toque dele.

— Outros documentaram a prova há mais de dois séculos. — Constantin fechou a outra mão sobre a de Sofia, de modo que a dela ficou entre as dele. Ela não fez nenhum esforço para se retirar. — Houve muitos experimentos — continuou. — Alguns dizem que nossa natureza é governada por nosso sangue, agitada pelas estações e pelo movimento dos corpos celestes. Talvez outros fatores influenciem o fluxo e refluxo daquilo que nos dá vida. Pensava-se que uma mente atormentada, de tendências criminosas enlouquecidas, poderia ser subjugada pela pureza de um cordeiro, se o sangue fosse transfundido, ou que a paixão de um homem pudesse ser despertada pelo compartilhamento do sangue de um urso, um lobo ou outro animal selvagem.

— E qual foi o resultado? — Sofia piscou, olhando para ele. Ele juraria que o pulso dela acelerou quando esfregou o polegar na parte inferior da mão dela.

— Alguns viveram; a maioria morreu. — Puxando a mão dela para cima, a colocou sobre o peito, onde seu coração batia forte por ela. — Pois o humor do animal não é páreo para o do homem. O corpo se rebela, lutando contra si mesmo por dentro. Dependemos do sangue para viver, mas o tipo errado é...

— Mortal? — Sofia inclinou a cabeça para trás, olhando-o com os olhos semicerrados.

Todo o resto desapareceu quando a atraiu para ele. Sondando o calor úmido de sua boca, sua língua encontrou a dela, que gemeu, rendendo-se ao puxão de seus lábios. Soltando sua mão, ele a envolveu em seus braços com força, de modo que seu quadril se conectasse com sua crescente excitação.

Ele estava tão perdido no beijo que não tinha ideia de que alguém havia entrado na sala. Apenas a voz de Tatiana o alertou para o fato de que não estavam mais sozinhos.

— Vejo que estão tão tristes quanto eu com a morte de nosso querido Sigismund. — Tatiana comentou ironicamente.

Sofia saltou para trás, balançando ligeiramente em seus pés.

— Pois se conseguirem evitar de se agarrar um ao outro, devemos tomar as providências. O lugar do meu marido o aguarda na cripta da família.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Sofia olhou para o relógio sobre a lareira. Eram apenas oito horas, mas já estava vestida para dormir, com o cabelo preso em uma trança noturna. Embora tivesse sido um dia longo e agitado, não estava nem um pouco cansada.

Muito pelo contrário.

Antes do pôr do sol, Sigismund foi retirado de seu quarto. Apenas Constantin carregara o corpo envolto em uma mortalha... pouco mais que pele e osso.

A última viagem de Sigismund Roznovatu pelo castelo contou com a presença de apenas dois enlutados: seu sobrinho e a baronesa. Tatiana havia se recusado a acompanhar o marido até seu lugar de descanso final, declarando que não desejava vê-lo em vida, muito menos na morte.

Constantin tinha claramente decidido manter Sofia afastada dos assuntos familiares, pois havia pedido que permanecesse fora do caminho.

Depois disso, o jantar foi feito em silêncio, exceto pelo brinde de Constantin ao espírito falecido de seu tio. Até Tatiana parecia subjugada, depois de sua felicidade inicial quanto a sua liberdade.

Quanto mais Sofia descobria sobre essa estranha família, menos entendia. Quanto a Constantin, não conseguia acompanhar seu humor. Sua franqueza foi o primeiro passo para a intimidade que desejava, e os beijos que compartilharam não deixaram dúvidas de que a desejava. No entanto, sentiui que havia algo que ele temia.

Os pensamentos de Sofia estavam iluminados com tudo o que ela descobriu e especialmente sobre Sigismund. Ela ficou ao lado daquela figura frágil, observando-o dormir, e parecia errado não se despedir.

Ninguém saberia, e ela se sentiria melhor por ter feito o que era certo. Seria rápida. Pegando a lanterna, saiu antes que mudasse de ideia.



As teias de aranha eram poucas, já que foram remexidas mais cedo naquele dia, mas o cheiro forte de água estagnada e terra úmida era forte quando Sofia desceu para a cripta da capela.

Aquele ranço azedo; era mais forte do que antes? Malcheiroso e enjoativo, como carne estragada.

Chegando ao pé da escada, ergueu a lamparina, iluminando os pilares sob o teto baixo. Estava feliz por seu roupão, o ar que expirava subia em espirais brancas.

Tão frio quanto o túmulo.

Tudo estava como antes... a capela disposta mais como uma cripta do que

como um local de culto, os sarcófagos colocados em intervalos. No entanto, não exatamente o mesmo. A certa distância, havia um vislumbre de luz. Várias velas devem ter sido deixadas acesas sobre uma das tumbas.

Seus pés calçados com chinelos não faziam barulho enquanto se aproximava, a escuridão parecendo consumir seus passos enquanto se dirigia para o nicho dentro da parede oposta. Viu imediatamente que a tampa do sarcófago trazia o nome de Sigismund; o ano de seu nascimento também, embora o de sua morte ainda não estivesse gravado.

Sofia estremeceu ao pensar no túmulo de alguém a espera, para ser a próxima morada, sabendo que cada dia o aproximava do lugar onde seu destino foi traçado. Uma tumba predeterminada foi reservada para Constantin, e ela compartilharia a mesma?

Sigismund agora jazia sob a laje pesada, mas não conseguia imaginar Tatiana desejando ser colocada ao seu lado.

Sofia fechou os olhos, tentando imaginar como Sigismundo poderia ter sido em sua juventude.

Onde quer que seu espírito resida agora, espero que seja um lugar de conforto e paz.

Tendo feito o que pretendia, não desejava demorar. No entanto, ao erguer a lamparina, notou como o nicho era ornamentado.

Olhos profundos e alertas olhavam de rostos embutidos na pedra. Narinas dilatadas de focinhos esnobados, como se para farejá-la ali. E que dentes! Afiados nos lábios descascados.

Sofia recuou. Nenhum santo seria retratado assim. Um pavor súbito tomou conta dela, de que algo mais escuro do que as sombras, esperava além da parca luz que carregava.

O ar frio trouxe dedos invisíveis para acariciar sua bochecha. Sofia estremeceu, depois se repreendeu, pois o toque inesperado foi apenas uma mecha de cabelo levantada por uma corrente de ar. A câmara estava silenciosa, sem sequer o leve arranhão de um rato. Sua própria vontade a inspirou a vir, e nada impedia sua partida.

No entanto, lutou para se lembrar da rota que havia feito. Encontrar a tumba tinha sido simples quando guiado pelo tremeluzir distante das velas. Ela se lembrou de ir para a esquerda, depois para a direita, e ao longo do corredor, depois algo semelhante repetidamente, fazendo seu caminho para este canto. As escadas deviam estar distantes, na diagonal.

Querendo apenas ir embora, manteve o olhar à frente. Se houvesse outras esculturas de natureza semelhante, não gostaria de olhar para elas. Apressou-se, ansiosa para alcançar a parede mais distante e, de lá, encontrar as escadas mais uma vez.

Mais rapidamente do que esperava, teve uma vista da porta, ainda entreaberta. Foi um alívio, pois uma parte temia que pudesse ter se fechado atrás dela e não conseguiria abri-la.

Franzindo o nariz, olhou ao redor. O cheiro rançoso que impregnava a

câmara era mais pungente ali. Do bolso, retirou um lenço e o pressionou contra o nariz.

E então a fonte do mau cheiro tornou-se aparente pois encontrou o caixão de pedra do ex conde Roznovatu, e a tampa que ajudara a colocar no lugar agora estava inclinada para um lado.

Sofia não conseguia pensar em nenhuma razão para alguém fazer isso; no entanto, alguém esteve aqui antes dela, e recentemente. Poderia uma única pessoa mover uma pedra tão pesada? Talvez, se fosse determinado o bastante.

Um ou mais servos pensaram em encontrar algo valioso dentro do caixão? Sofia franziu a testa. Não lhe caía bem pensar mal daqueles que trabalhavam duro para servir a família, mas que outra explicação poderia haver? Se Constantin descobrisse a transgressão, não iria concluir o mesmo?

Pelo que Sofia tinha visto, ele era um mestre justo, mas ficaria zangado com razão. Agindo no calor do momento, poderia punir arbitrariamente?

Se pudesse apenas colocar a laje de volta no lugar, ninguém saberia, e o aborrecimento poderia ser evitado. Além disso, parecia errado deixar Grigore como estava.

O cheiro fétido que emanava do sarcófago falava do que descansava dentro do caixão, mas ela tinha que tentar, não importando o quão profundamente sua sensibilidade se rebelasse.

Sofia se aproximava conforme tentava evitar respirar o ar fétido. Embora tivesse pensado em desviar os olhos, a lamparina lançava seu brilho diretamente no vazio da tumba. Imediatamente, viu o cadáver, embora não mais envolto em sua mortalha. Um torno apertou o peito de Sofia, pois alguém havia puxado os lençóis para o lado, revelando o crânio pálido como a morte.

Grigore havia falecido há duas semanas. Sofia mal havia vislumbrado o rosto do homem na manhã de sua chegada. No entanto, viu sua semelhança com Constantin: a mesma sobrancelha forte e nariz proeminente, o queixo angular e o cabelo escuro como azeviche. Agora, a carne outrora bonita estava afundada. Os olhos fechados estavam recuados em suas órbitas. Uma mancha incrustada de sangue jazia marrom-ferrugem sobre os lábios sem vida.

As mãos de Grigore estavam cruzadas sobre o peito, os dedos finos visíveis acima da mortalha. Como as unhas eram alongadas! Elas eram assim antes?

Ao se inclinar para a frente, sua lanterna iluminou o espaço sombreado ao redor do crânio. O grito de Sofia, embora abafado pelo lenço em seu rosto, viajou pela câmara, ecoando nos arcos abobadados acima. Incapaz de se mover ou desviar o olhar, absorveu a verdade do que estava diante dela.

A escuridão sob o cabelo de Grigore não era apenas sombra, mas um halo manchado de sangue, vazando de um ferimento mais violento do que aquele que o matara.

Alguém havia cortado a cabeça de seu pescoço.



Sofia subiu as escadas rapidamente, tropeçando duas vezes na bainha da

camisola e quase deixando cair o abajur na pressa.

Ela não tinha mais a escolha de esconder o que havia acontecido. Constantin teria que saber, e as consequências estavam fora do controle de Sofia. E, no entanto, a ideia de ir até ele com tal notícia a encheu de pavor. Ela só o tinha visto verdadeiramente enfurecido em uma ocasião... quando a tirou daquela estalagem horrível.

Poderia esperar até de manhã? Supunha que sim, embora Constantin sem dúvida a repreendesse por não ter ido falar com ele imediatamente.

Entrando na ala do castelo onde ficava seu quarto, parou para respirar. A baronesa estaria acordada? Ela daria conselhos sobre a melhor forma de lidar com a situação, que estava além de qualquer experiência ou imaginação de Sofia. A baronesa vivera ali a maior parte de sua vida. Saberia coisas que ela não poderia adivinhar.

O quarto da baronesa ficava não muito longe do de Sofia, mas, parada diante da porta, hesitou em bater.

Como Sofia poderia ter se esquecido? Se a morte de Grigore foi um assassinato, como Tatiana havia afirmado, não era provável que esse novo horror tivesse sido executado pela mesma mão?

Como a baronesa receberia tal relatório? Era improvável que sucumbisse à histeria, mas Sofia relutava em correr o risco. A situação não melhoraria se fizesse a mulher mais velha enlouquecer.

Então olhou para a porta ao lado, um pouco mais adiante no corredor: a do quarto de Tatiana. Apesar de todas as suas fúrias e discursos apaixonados, Tatiana tinha uma cabeça sã... bem como um conhecimento íntimo de todos no castelo. Ela era a escolha óbvia e seria confiável para manter a conversa em segredo.

Chegando ao quarto de Tatiana, Sofia ouviu algum sinal de que ela poderia estar acordada. De fato, parecia que estava. As portas de carvalho do castelo eram grossas, mas tinha certeza ter ouvido um rangido do colchão de Tatiana e alguns outros sons de movimento. Houve um soluço suave, seguido por um gemido.

Sofia mordeu o lábio. Apesar de toda a sua bravata, Tatiana havia perdido um marido. Embora professasse pouco amor por Sigismund, o relacionamento era complicado. Quem sabia o tumulto que estava sofrendo?

Como tinha sido insensível! Uma verdadeira amiga a teria procurado e oferecido consolo. Em vez disso, a simpatia tinha sido inteiramente para o homem com quem Tatiana havia se casado, embora ele estivesse no frio de sua tumba e além de qualquer tipo de conforto.

Sofia deu as batidas mais suaves na porta, sussurrando:

— Tatiana, sou eu, Sofia. — Ela levantou o trinco e abriu a porta um centímetro.

Ela estava certa de que Tatiana estava acordada, pois o som de soluços tornou-se mais distinto, e o quarto foi banhado pelo brilho da luz das velas. Há quanto tempo a pobrezinha chorava, e sem ninguém em quem confiar?

Não havia dúvida de que contaria a Tatiana sobre a mutilação do corpo de seu primo Grigore, mas ofereceria seu ombro e deixaria a outra mulher saber que ela não estava sozinha.

Sofia abriu totalmente a porta e entrou. Virando-se para a cama, ficou paralisada. Tatiana não estava sozinha e seus soluços não eram os de uma mulher angustiada.

Os lençóis da cama estavam inteiramente jogados para trás, de modo que nada se ocultava dos corpos que ali se contorciam em ofegante prazer. Nenhum dos dois tinha ouvido Sofia entrar, tão ligados quanto estavam um ao outro. Um braço esguio envolvia as costas nuas, os dedos passando por um desgrehado cabelo escuro.

Houve um gemido gutural grunhido, e o dono das nádegas musculosas arremeteu com força. Totalmente concentrado, dava a sua amante toda a atenção que um homem poderia oferecer a uma mulher.

Somente quando Sofia soltou seu próprio grito de choque e desespero que o homem se virou, olhando para ela com aqueles olhos Roznovatu cor de esmeralda.

APÍTULO

DEZESSETE

Que tola tinha sido!

Sofia viu as duas taças de vinho na mesa de cabeceira, ao lado de uma garrafa vazia. As roupas estavam espalhadas e o quarto cheirava a almíscar. Quantas vezes ele a atendera, enquanto pensava que Sofia estava em sua própria cama... *longe dos olhos, longe do coração!*

— Sofia! — Tatiana levantou a cabeça. — O que está fazendo aqui? — Empurrando seu amante, ela agarrou o lençol para se cobrir.

Sofia teve um vislumbre de sua masculinidade quando ele rolou de costas, sem mostrar nada da mesma modéstia.

— Como pode! — Sofia pressionou as palmas das mãos nos olhos, incapaz de suportar ver mais.

— Sofia, por favor! — O colchão rangeu novamente quando Tatiana se sentou ereta. — Não é o que pensa.

A voz masculina riu suavemente.

— Pelo amor de Deus, Laslar! Pare com isso!

Laslar?

Era algum nome carinhoso que Tatiana usava e que Sofia nunca tinha ouvido? Assim descobriu os olhos e olhou de novo.

Com um braço sobre o rosto, o homem passava os dedos pelo ombro de Tatiana. Ele puxou o linho branco pressionado contra o peito dela.

Tatiana deu um tapa na mão dele e parecia prestes a falar quando a pesada porta de carvalho se abriu totalmente, batendo na parede atrás. Constantin estava parado na soleira, um tique latejando em sua mandíbula.

Piscando, Sofia olhou dele para o homem descansando na cama... agora apoiado em seu cotovelo, dando-lhes um sorriso preguiçoso. Ele era quase idêntico em aparência a Constantin, embora seus olhos tivessem sombras mais escuras.

— Permita-me apresentar meu irmão. — Recuperando uma camisa do chão, Constantin a jogou no homem na cama. — Vejo que é pedir demais que me avise quando pretende aparecer. — O olhar de Constantin viajou de Laslar para sua prima. — E você, Tatiana, de volta aos seus velhos truques!

— Se tivesse chegado aqui alguns momentos antes, certamente saberia que eu estava quase lá. — Laslar sorriu, estendendo a mão sobre Tatiana para recuperar a garrafa, da qual ele bebeu diretamente.

— Sério, Laslar, não está ajudando! — sibilou Tatiana.

— E nossa encantadora prima não está com truques. — Ele deu um beijo no braço dela. — Estamos perfeitamente apaixonados... se é que pode entender esse sentimento.

Com a cabeça apoiada no peito parcialmente nu de Tatiana, Laslar lançou seu olhar sobre Sofia.

— Imagino que essa seja sua linda esposa.

— Está bêbado e passou dos limites, mas nada mudou, por isso vou providenciar para que seu quarto seja arejado, Laslar. Se está decidido a ficar, eu gostaria que tentasse pelo menos parecer ter um comportamento apropriado. — Lançando um último olhar sombrio para os dois, conduziu Sofia até a porta.



No corredor, Constantin levou Sofia para seu próprio quarto, mas parou antes de entrar.

— Eu sei o que vai dizer. — Interveio antes que ela tivesse a chance de falar. — Só descobri a chegada de Laslar visitando os estábulos. Os criados estavam sem dúvida esperando até de manhã para me informar.

— Um irmão mais novo, Constantin! — Sofia não conseguiu esconder seu ressentimento. — Há mais algum que eu deva conhecer?

Ele parou apenas momentaneamente.

— Nenhum vivo.

Sofia respirou fundo. Ela tinha suas próprias novidades para transmitir, e discutir não tornaria isso mais fácil.

— Suponho que eu esteja magoada, já que Tatiana também não o mencionou, principalmente sabendo agora do... relacionamento deles. — Sofia sentiu as bochechas corarem.

Ela ainda estava se recuperando de ter pensado que era Constantin na cama de Tatiana. O alívio por ter se enganado foi tão grande que não se importou muito com a indecência do que havia testemunhado.

O palpite de Sofia era que o caso era antigo e podia entender o desejo de Tatiana de buscar tal conforto, dados os anos de problemas de saúde de Sigismund. Tampouco era contra qualquer lei compartilhar intimidade com um primo. No entanto, fazer isso quando o marido mal estava em seu túmulo!

A verdade era que a visão do casal a abalou de outras maneiras inesperadas. O erotismo cru disso a manteve enfeitiçada, mesmo quando temeu que fosse seu próprio marido tendo seu prazer.

Pois não era exatamente isso que Sofia desejava para si mesma? A inveja, pura e simples, corroía suas entranhas... junto com o desejo básico de ser reivindicada em um abraço igualmente apaixonado.

Constantin estava carrancudo.

— Falarei com eles pela manhã. Por uma questão de decoro, preferiria que não se exibissem, embora duvide que haja alguém na casa que desconheça o passado que compartilham. O caso começou enquanto eu estava em Viena. Assim que descobri o que estava acontecendo, mandei Laslar embora.

Sofia podia entender seu raciocínio. Assim, após um período apropriado de luto, supôs que os dois poderiam buscar um namoro mais aberto. Laslar havia dito que estavam apaixonados.

Sofia desejou-lhes felicidades. Tatiana merecia um pouco de felicidade. Pois se a encontrasse nos braços de um homem mais de uma década mais jovem, não era da sua conta.

— Está tarde. — Constantin começou a se virar. — Não vou perguntar por que saiu da cama, mas sugiro voltar a ela. Eu vou fazer o mesmo.

— Espere! — Sofia segurou o braço dele. — Sobre isso... — ela se esforçou para ser corajosa — Tenho uma coisa para te contar.

Da forma mais sucinta possível, relatou a visita ao local de descanso de Sigismund e sua descoberta do que havia sido infligido a Grigore, deitado em seu próprio túmulo.

Constantin pareceu receber a notícia com calma, embora algo no fundo de seus olhos piscasse com a menção da decapitação.

— Porém, havia algo mais estranho. Suas unhas cresceram, tenho certeza.

Constantin deu a ela um olhar fixo.

— O que está dizendo, Sofia? Que acredita que ele estava apenas dormindo? Que os ferimentos que sofreu não resultaram em sua morte? Posso garantir que ele já estava morto quando o colocamos lá. O corpo desidrata e a pele retrai. Com o tempo, pode parecer que as unhas continuam a crescer, o cabelo também, mas não passa de uma ilusão.

Silenciosamente, assentiu. Essa explicação era plausível.

Ele continuou.

— Imagino que tenha visto as esculturas do túmulo de Sigismund? Eram de sua própria autoria: uma indulgência grotesca permitida por meu pai. Eu queria poupá-la de vê-las. — Ele deu um suspiro pesado. — Quanto ao resto, é intragável, mas não estou totalmente chocado. As ações de meu irmão lhe trouxeram inimigos; alguém corrompeu seu corpo em vingança. Agora que tiveram sua satisfação, só podemos esperar que termine.

Sofia não conseguia esconder sua preocupação.

— Mas, é impensável, não é, que alguém desse castelo fizesse uma coisa dessas?

O marido respondeu com ar de resignação.

— A maldade de meu irmão não era segredo, e não consigo punir ninguém que buscasse retribuição. Fiz vista grossa por muito tempo. Isso me torna tão culpado quanto ele.

— E isso é tudo que vai me dizer? Fragmentos da verdade? — Sofia deu um passo mais perto. — Como vou entender? Grigore atacou as mulheres desta casa? É por isso que ele foi morto... por um marido ciumento ou irmão irritado?

A expressão de Constantin se fechou completamente.

— Não é meu segredo para compartilhar, nem gostaria que soubesse a depravação de que meus parentes são capazes.

— Então terei que imaginar o pior! — Sofia percebeu que parecia petulante.

— Duvido que seja capaz disso. — Constantin respondeu baixinho. Ele

deixou o halo de luz de lamparina de Sofia e se fundiu na escuridão do corredor.



A manhã seguinte estava clara, prometendo bom tempo para o dia seguinte, mas Sofia não se apressou em tomar o café da manhã, tomar banho e se vestir.

Se Constantin pretendia manter a violação do corpo de Grigore entre eles, permaneceria em silêncio. De que adiantaria trazer histeria e especulação para a casa? Quem quer que fosse o responsável provavelmente não falaria sobre isso.

Certamente, Olga parecia ignorar qualquer coisa desagradável, a julgar por seu humor leve ao entregar a bandeja matinal de Sofia.

Constantin estava convencido de que não havia ameaça contra os outros no castelo, e Sofia queria acreditar que ele estava certo. Quanto a Tatiana e Laslar, pretendia ficar fora de seu caminho por enquanto. Não desejava se envolver na maneira como Constantin lidava com a situação, e não cabia a ela interferir.

Por um tempo, tentou ler um dos romances que a baronesa havia passado para ela, mas não conseguia se importar com personagens fictícios quando as próprias pessoas com quem dividia sua casa viviam seus próprios dramas.

Havia o outro livro... *O guia de uma Lady para todas as coisas úteis*. Seria interessante? Sofia folheou as páginas, mas nenhum dos capítulos parecia relevante para a situação em questão.

Tatiana precisava de conselhos? Pois parecia mais do que capaz de resolver o problema com as próprias mãos. E, no entanto, Constantin havia intervindo antes, para manter os amantes separados. Ele não poderia fazer isso de novo?

Tatiana agiu precipitadamente ao se casar com Sigismund. Agora, tinha uma segunda chance, mas estaria decidida o suficiente para desafiar a desaprovação de Constantin? Sofia esperava que Tatiana fosse tão corajosa quanto aparentava.

Preguiçosamente, fez uma pausa em um capítulo intitulado *Fortitude...*

A vida raramente nos traz tudo o que buscamos na primeira vez em que procuramos.

Outras vezes, está diante de nossos olhos, embora não consigamos ver o que está claro.

As oportunidades perdidas são abundantes, mas apenas o tolo descarta o tesouro duas vezes.

Nem todas as coisas estão perdidas, embora possamos nos desesperar.

Acredite, esforce-se e agarre-se ao que deseja. A vida é muito curta para desperdiçar em arrependimento.

Era o que Tatiana estava fazendo, agarrando sua chance de ser feliz. Talvez Laslar fosse a resposta, ou talvez não, mas estava tomando seu destino em suas próprias mãos, o que era o mais importante, não é?

Quanto a ela, Constantin não a mandara embora; nem havia declarado seu desejo de que ficasse. Ela só podia esperar que o tempo os aproximasse e

superasse quaisquer medos que Constantin nutrisse.

Deixando o livro de lado, Sofia pegou um lenço meio bordado, apenas para colocá-lo de volta na mesa. Ela estava acostumada a ficar sozinha, mas havia muito tumulto dentro dela para permitir que sua mente se concentrasse em tarefas solitárias.

A baronesa provavelmente estava sentada sozinha em seu quarto, experimentando um tumulto semelhante de emoções, pois o que ela poderia sentir ao saber que Laslar havia retornado ao castelo? Desaprovava a intimidade entre a filha e o sobrinho? Ou esperava que fossem felizes juntos?

Sofia dificilmente poderia fazer tais perguntas diretamente, mas, talvez, se puxasse a conversa, a baronesa pudesse revelar seus sentimentos sobre o assunto.

Infelizmente, encontrou a sala de estar de Carmilla vazia. Ao sair, quase esbarrou em *Doamnă* Albescu.

— Eu peço desculpas. — Sofia recuou imediatamente, para deixar a outra mulher passar. Felizmente, a governanta não carregava nada.

— Está procurando a baronesa? — O olhar de *Doamnă* Albescu desviou-se de Sofia para a porta da sala de estar, que estava entreaberta.

— Estou. — Sofia lembrou a si mesma para não se intimidar com o jeito frio da governanta. Ela ainda era uma recém-chegada a seus olhos, e um certo grau de formalidade era de se esperar. Tinha apenas que se comportar como se pertencesse, e os criados certamente a aceitariam com o tempo. — Ela está no jardim, talvez?

— No momento não. — *Doamnă* Albescu falou cautelosamente, embora Sofia não conseguisse imaginar nenhum motivo para isso.

— Seria muito gentil da sua parte me informar, caso tenha visto a baronesa esta manhã. — Sofia esperou que a governanta desse algum indício de onde Carmilla poderia estar, pois pressentia que a outra mulher sabia muito bem.

— Ela estava no quarto da torre da condessa. — *Doamnă* Albescu respondeu secamente. — Embora eu não possa dizer se ainda está lá.

Por um momento, Sofia não teve certeza de ter ouvido direito. Ela assumiu que a sala estava fechada, tendo ouvido Tatiana falar da ex-condessa caindo da varanda do aposento. Parecia estranho que Carmilla desejasse visitá-la, mas o coração aflito era capaz de pensar no que havia perdido. Talvez a baronesa sentisse algum conforto ao sentar-se onde sua irmã havia passado tanto tempo.

Sofia retribuiu a expressão pétrea da governanta com um sorriso tenso.

— A senhora pode me mostrar o caminho? Tenho certeza de que está lindamente decorado; se me agradar, Constantin pode sugerir que eu o tome para mim.

Uma faísca de algo nada amigável brilhou nos olhos de *Doamnă* Albescu; ela não respondeu, mas virou-se para continuar pelo corredor.

Arrepiando-se, Sofia a seguiu. Era a última coisa em sua mente reivindicar o quarto, sabendo que uma tragédia havia acontecido com a mãe de

Constantin naquele mesmo lugar, mas com certeza não cabia à governanta julgar.

Pararam num cruzamento de dois corredores e Sofia reconheceu que tinham chegado à torre que dava para os jardins.

— Siga as escadas. — A governanta lançou os olhos para cima.

Sofia agradeceu, embora não tivesse escapado a ela que *Doamnă* Albescu falava da mãe de Constantin como se ela ainda fosse a dona do castelo.

APÍTULO

DEZOITO

Sofia achou a torre parecida com as outras que havia explorado, as escadas sinuosas apertadas. Não tinha ideia de em qual quarto encontraria a baronesa, tão decidida a tentar cada porta, avançando por seu objetivo.

A primeira porta ela pensou estar trancada, a princípio, pois não abria facilmente, mas conseguiu entrar com a ajuda do ombro, as dobradiças rangendo pesadamente.

Percebeu imediatamente que o quarto era mobiliado de maneira grandiosa, apesar de várias peças, incluindo a cama, estarem cobertas com lençóis. A lareira era maior do que o normal e, embora o cômodo evidentemente não estivesse em uso, estava abastecida com toras, como se estivesse preparada, caso alguém desejasse que o fogo fosse aceso.

Tapetes foram enrolados e colocados de lado, mas tapeçarias ainda estavam penduradas nas paredes. Tinham um design intrincado, embora desprovidos de qualquer figura humana. Em vez disso, mostraram cenas de florestas e montanhas. Uma grande parte de cada uma era dedicada ao céu noturno lilás e roxo, cheio de estrelas e com a lua brilhando.

Levantando a coberta sobre a cama, Sofia encontrou uma coluna de canto de circunferência extraordinária, esculpida em madeira escura e polida suavemente. Ela ficou surpresa ao ver que a colcha ainda estava sobre o colchão, especialmente porque era de um veludo luxuoso, em um tom violeta. Não era um desperdício uma coisa tão adorável ficar sem uso?

E duvidava que aquele fosse o quarto da ex condessa, pois havia uma sensação distintamente masculina no peso da mobília.

De cima veio um leve arranhão nas tábuas. Um passo? Com um último olhar sobre a sala, voltou para a escada.

— Baronesa? — Sua voz se elevou, ecoando levemente no vazio de pedra.

Não houve resposta, mas Sofia continuou. Se o quarto de baixo fosse o do velho conde, sua condessa não poderia ter dormido em cima?

Ao chegar à segunda câmara, encontrou a porta totalmente aberta. Ali os móveis estavam totalmente descobertos, como se a sala ainda estivesse em uso regular.

A baronesa estava parada perto da janela, olhando para fora. Só quando Sofia chamou seu nome novamente ela se virou, parecendo confusa por um momento, como se estivesse perdida em algum devaneio.

— Espero não ter assustado a senhora. — Sofia foi até a baronesa, beijando-a nas duas faces.

— Um pouco. — A baronesa olhou para a porta aberta, como para verificar se estava sozinha, ou se havia alguém com ela.

— É um lindo quarto; tão elegante. — Sofia observou os finos lençóis brancos sobre a cama, delicadamente bordados, e os frascos de perfume sobre a penteadeira de pernas esguias.

Carmilla sorriu.

— São tantas memórias, e eu gosto de lembrar. Irá me achar fantasiosa, mas acredito que o espírito de Ana permanece no castelo, especialmente nesta sala. Ocasionalmente, acho que ouço o farfalhar de suas saias. Agora mesmo, pensei que talvez... — A voz da baronesa foi sumindo.

Claro, foi apenas Sofia que a baronesa ouviu... a barra de sua saia roçando a escada e sua voz chamando. Mas imaginamos todo tipo de coisas quando desejamos que sejam verdadeiras.

— Eu senti o mesmo, depois de perder minha mãe. Não há mal nenhum em nos acalmar com pensamentos de tempos mais felizes — disse. — Mas a senhora tem Tatiana. Ela é um conforto, tenho certeza.

Carmilla parecia melancólica.

— Por muito tempo não pensei assim, pois minha vida foi obrigada a se tornar algo bem diferente quando descobri que a carregava. A menina nunca foi uma criança fácil, pois seu temperamento é o do pai. No entanto, ela é tudo para mim.

Sofia se perguntou se aquele seria o momento de tocar no assunto do relacionamento entre a filha de Carmilla e seu sobrinho, embora não tivesse certeza de como abordar o assunto da melhor forma. No entanto, foi a própria baronesa quem conduziu a conversa nesse sentido.

— Tatiana veio até mim esta manhã, para me contar sobre o retorno de Laslar. — Os olhos de Carmilla encontraram os de Sofia. — Está sendo discreta, mas não precisa.

Sofia foi a primeira a quebrar o contato visual.

— Foi inesperado, mas estou feliz com isso. Espero que Constantin não obrigue Tatiana a um período de luto prolongado. Eles devem ser discretos, pelo menos por um tempo, pois não vejo razão para que não façam planos para o casamento, se assim o desejarem.

— A senhora tem um bom coração. — A baronesa colocou brevemente a mão na bochecha de Sofia. — Desejo também a felicidade deles, embora não tenha tanta certeza de que sejam bons um para o outro; ambos são tão teimosos. Mas, talvez, eu esteja sendo egoísta, pois temo que não haverá nada para segurar Tatiana aqui se ela se casar novamente. Eles podem desejar fazer uma nova vida longe.

— Possivelmente — admitiu Sofia. — Mas a senhora pode visitar, onde quer que forem. Pode até morar com eles.

— Eu não iria tão longe a ponto de impor. Tatiana merece experimentar a liberdade, mesmo que a realidade não corresponda à expectativa. — Aproximando-se das altas portas que davam para o balcão, a baronesa abriu-as, deixando entrar no aposento uma brisa bem-vinda. Ela se moveu diretamente para o parapeito da varanda, inclinando-se ligeiramente,

examinando os jardins abaixo.

Sofia hesitou, pensando em como a mãe de Constantin havia caído para a morte do mesmo lugar onde Carmilla estava. Ela se perguntou como a baronesa se sentia tão à vontade em se aventurar ali.

— Venha — acenou para Sofia — Quase não há frio no ar da montanha hoje. O verão está chegando.

Sofia dificilmente poderia recusar, mas avançou apenas para o limiar da varanda. Algum instinto dentro dela recuou de se mover mais para a borda.

— Tem medo de altura? — perguntou a baronesa.

— Não, é só... — Não sabia como continuar sem tocar no que devia ser um assunto doloroso.

— Vejo que alguém falou sobre Ana e essa sacada — disse Carmilla.

— Me perdoe. — Sofia deu um passo à frente. — Não quis ofender.

— Não importa. — Carmilla prontamente pegou as mãos de Sofia, puxando-a para mais perto. — É natural que tenha curiosidade, e justo que saiba mais sobre a história desta família, para o bem ou para o mal.

— Não quero aborrecê-la. — Sofia olhou para baixo. Lá embaixo, Oleg trabalhava no jardim. Perguntou-se se poderia olhar para cima e vê-las na sacada, ou se a conversa delas poderia chegar até ele... embora a direção da brisa tornasse isso duvidoso.

— De jeito nenhum. — Carmilla falou com bastante calma. — Mas eu te aviso, a história não é o que pensa. Tatiana e Constantin sabem algo sobre isso, e Laslar. Eu queria protegê-los de cada detalhe, mas você, Sofia...

Carmilla segurou suas mãos com segurança.

— Entenderá, e o conhecimento a ajudará; pois nenhum de nós é perfeito e devemos fazer o possível para superar a dor do passado.

O olhar intenso no rosto da outra mulher a deixou alarmada e por isso tentou soltar as mãos das mãos da baronesa, mas Carmilla apertou ainda mais.

— Lembra-se, Balthazar se casou com Anastasia depois que fez avanços para mim. Os homens sempre desejam o que não têm. Ana era mais distante, enquanto eu me oferecia com muita facilidade. Ele se divertia, eu acho, brincando com o coração de ambas. — Então quando cheguei ao castelo, não demorou muito para que eu visse o rumo das coisas, que Balthazar não amava minha irmã como um bom marido deveria. Elena... Doamnă Albescu era jovem naquela época, ainda não era governanta. Em vez disso, era a babá das crianças. Mas não fazia diferença, pois Balthazar sempre pegava o que queria. Ana estava grávida de Masha quando tudo começou. Ela não percebeu, eu acho, mas desconfiei imediatamente.

Sofia mal podia imaginar a governanta carrancuda tomada por uma paixão ilícita, mas não havia razão para Carmilla mentir. Se Balthazar coagiu Elena, então seu coração era verdadeiramente negro, e Carmilla teve sorte em não se casar com ele.

Carmilla continuou.

— Vai me achar perversa, ou tola além da conta, mas, mesmo que tenha me

rejeitado, continuei a me sentir atraída. Saber o quanto tratava mal os outros só me deixou mais determinada a conquistar sua afeição.

Sofia conseguiu afastar as mãos.

— Como poderia, quando a felicidade de sua irmã estava em jogo?

Carmilla teve a decência de parecer desconcertada.

— Mereço toda censura. Em minha defesa, só posso dizer que havia algo em Balthazar que me compelia. Desde o início, sabia que ele e eu nos tornaríamos amantes. Ele foi infiel a mim e a Ana, mas isso não fez diferença para os meus sentimentos... nem para os dela, eu acho. Nós duas estávamos sob seu domínio, assim como Elena também, imagino.

— Sua irmã sabia, e não disse nada? — Sofia mal conseguia compreender isso, e ainda assim, o que ela estava disposta a ignorar por causa de Constantin? O pensamento de Tatiana em sua cama a enraiveceu, mas não o suficiente para ir embora.

— Não falamos sobre isso diretamente — disse Carmilla —, mas senti que ela sabia. Disse a mim mesmo que optou por ignorar aquilo que não tinha poder para mudar; que estava contente com sua posição e seus filhos. Balthazar a amava à sua maneira.

— Mas não bastava, ter aquela pequenina parte dele. — Sofia olhou para o terraço de pedra que dava para os jardins e imaginou Ana deitada ali, como Tatiana lhe dissera. Será que Ana ficou tão infeliz a ponto de se jogar da sacada?

A grade era bem baixa, mal alcançando o quadril de Sofia. Seria preciso apenas inclinar-se, levantar um pé, depois o outro, até que o equilíbrio do peso assumisse o controle. Não haveria necessidade de pular, apenas deixar-se cair.

Sofia segurou o corrimão.

— Ela se matou por sua causa e do Balthazar?

— Não do jeito que está pensando. — Carmilla deu a Sofia um olhar suplicante. — Havia outras coisas para as quais Ana fechava os olhos, coisas que a corroíam, mas, sim, no fundo, a morte dela foi nossa culpa, e desde então eu me culpo por isso.

Apesar do calor suave do sol, Sofia estremeceu.

— Comecei a acreditar que deveria partir, talvez até levando Tatiana comigo já que o casamento dela com Sigismund era um absurdo. Eu vim procurar Ana para falar sobre isso, mas ela não estava aqui. Balthazar, no entanto, tinha me visto passar por sua porta, subindo a escada, e me seguiu. — Juntando as mãos, os nós dos dedos de Carmilla ficaram brancos. Como se em súplica, os pressionou contra o coração. — Bastou-lhe aproximar-se e sustentar o seu olhar, e tornou-se impossível recusá-lo. Não sei explicar como foi... só que, quando me pegou nos braços, esqueci de tudo. Antes que eu percebesse, ele estava me abraçando.

Sofia mal podia acreditar que Carmilla tinha tão pouco senso de lealdade.

— Minha irmã entrou. Ela sempre foi tão serena, tão digna..., mas nos ver juntos em seu próprio quarto era demais. As emoções brotaram dela e ela

gritou conosco. Convenci Ana a vir à varanda falar comigo, mas ela estava inconsolável. Havia muita dor, e uma vez que começou a mostrar tudo o que sentia, não podia ser contido. — Carmilla pausou novamente, parando antes do último fragmento da história de como sua irmã encontrou a morte.

— Fale — solicitou Sofia, sussurrando, apesar de sua repugnância. Ela precisava, agora, ouvir tudo.

— Ana disse que preferia ficar sem irmã do que ter uma como eu. Ela se lançou, de repente, mas eu me afastei. Então, ela se foi. — A cor havia sumido do rosto de Carmilla. Ela aparentava toda a sua idade e muito mais. — Em estado de choque, tropecei de volta para a sala. Balthazar testemunhou tudo de dentro e correu para a amurada. Não havia ninguém no jardim para vê-la cair, mas alguns dos criados estavam por perto. Foi Elena quem primeiro chegou ao local.

Sofia não sabia o que dizer. A queda tinha sido um acidente, se Carmilla estivesse realmente dizendo a verdade.

— O que quer que pense de Balthazar, ele fez o possível para me proteger, recusando-se a permitir que eu falasse sobre estar lá. — Carmilla respirou fundo, mantendo-se um pouco mais ereta. — Houve especulação, pois Balthazar foi visto na sacada. Claro, ninguém o acusou diretamente, nem se atreveu a levar o assunto a um juiz. Ele assumiu a culpa, para que ninguém me associasse à morte de minha irmã.

Todo o caso era sórdido e Carmilla não merecia pena pelo papel que desempenhou. No entanto, Sofia ficou feliz em saber que o pai de Constantin havia se comportado com honra.

— Pensará, talvez, que Ana tinha razão, e eu nunca deveria ter vindo morar no castelo. — Algo um pouco mais duro brilhou nos olhos de Carmilla. — Lembra que te contei sobre a noite do baile Sutu? Pensará que fui seduzida contra minha vontade, mas acreditei ser a escolhida, que havia encantado o homem que sussurrou doçuras em meu ouvido. Só mais tarde percebi que estava carregando uma criança.

— Tatiana! — Sofia não tinha pensado que poderia ser surpreendida por mais nada, mas a implicação do que Carmilla estava dizendo a deixou atordoadada.

Sigismund tinha sido seu tio.

Certamente, Tatiana não poderia saber... embora parecesse improvável que o casamento tivesse sido consumado.

— Constantin sabe disso? — perguntou por fim.

Carmilla assentiu.

— Foi lamentável que ele tenha caído no feitiço de Tatiana. A princípio, eu estava convencida de que iria fracassar por conta própria, mas quando não aconteceu, tive que intervir. Eu disse a Constantin que eram meios-irmãos, mas ele não acreditou no início, porém acabou se afastando. Com o coração partido também, à maneira dos jovens que vislumbram o Paraíso e depois são afastados dele. Então ele partiu de Roznov logo depois, deixando-me para

contar a Tatiana. Eu escondi isso dela por muito tempo, e parecia certo de que ouvisse sobre sua verdadeira linhagem por mim.

O instinto de Sofia estava certo. Constantin nutria fortes sentimentos por Tatiana. Foi apenas o fato de serem parentes próximos que o dissuadiu de agir de acordo com seu desejo.

A próxima percepção veio rapidamente sobre ela.

— Carmilla, mas deve saber, Tatiana e Laslar... — Sofia não conseguiu esconder o alarme.

A baronesa levantou a mão para interromper.

— Eu sei disso há algum tempo, e as coisas não são o que parecem. Constantin e Tatiana compartilham Balthazar como pai, mas Laslar é de origem totalmente diferente.

Sofia sentiu seus olhos se arregalando.

— À luz de tudo o que minha irmã suportou, ninguém pode culpá-la por se desviar. O caso foi breve, com o valete de Balthazar. Não lhe trouxe consolo, mas lhe trouxe Laslar.

Sofia absorveu essa nova informação. A vida não deveria ser tão complicada, nem tão cheia de mágoas.

Carmilla gesticulou para que voltassem para dentro.

— Quanto a Balthazar, nunca teria ocorrido a ele que Ana ousaria jogar seu próprio jogo... não importa o quanto a negligenciasse. Assim que percebi a atração entre Tatiana e Laslar, fiz questão de esclarecê-la, embora Constantin não me agradecesse por isso. Ele acredita que eu os joguei nos braços um do outro, embora não teria me surpreendido se o par não tivesse começado uma ligação apesar de tudo. Eles são bem assim, tendo um desrespeito saudável pelas regras dos outros.

Sofia não poderia falar sobre Laslar, embora Carmilla não estivesse errada a respeito de sua própria filha. Pois duvidava que Tatiana notasse algum obstáculo à sua felicidade.

A baronesa acomodou-se no divã ao pé da cama, parecendo feliz por descansar.

Sofia, entretanto, desejava apenas ir embora, embora estivesse grata a Carmilla por ter sido sincera.

— Lembre-se porque eu contei tudo. — Carmilla estendeu a mão para deter Sofia mais uma vez. — Constantin precisa que seja forte para ele, e não pode ser assim quando está tão na ignorância. Algo o atraiu em sua direção, Sofia, e foi atraída para a dele. Não deixe que se esqueça disso. Ele não foi abençoado com exemplos de felicidade conjugal, e temo que acredite que a sua seja impossível, mas quero que prove que ele está errado.

Sofia assentiu secamente. A baronesa tinha seus melhores interesses no coração, sem dúvida, assim como os de Constantin, mas era desagradável receber tais conselhos.

Era tão óbvio que estava falhando, pois essas semanas no castelo não mudaram quase nada em seu relacionamento com Constantin.

Não era por falta de tentativa, mas a cada passo à frente parecia dar dois para trás, e estava ficando cansada de ser a única a tomar a iniciativa. Na verdade, estava irritada de todas as maneiras!

Naturalmente, seu coração estava com Constantin por tudo que ele e sua família haviam sofrido. Era um fardo que continuava a pesar sobre seus ombros; mas por quanto tempo ele poderia se torturar?

Nada de bom poderia advir de permitir que velhas feridas destruíssem a chance de felicidade. Algo tinha que mudar.

CAPÍTULO

DEZENOVE

Observando o lado de fora, Sofia encontrou um local com sombra nos jardins e passou a tarde lá. Precisava organizar seus pensamentos para que pudesse tentar falar com Constantin sem perder o controle.

Mais tarde, vestida para jantar, o localizou na biblioteca. Com as janelas voltadas para o norte, a lareira estava acesa. Constantin estava de pé, com o antebraço apoiado nela, olhando para as chamas.

No entanto, não deveria estar perto do fogo por alguma sensação de frio, pois havia jogado o paletó descuidadamente sobre uma das cadeiras. Sem ele, seu corpo ficava ainda mais exposto em sua masculinidade: a camisa esticada sobre os ombros e o tecido ainda mais apertado sobre os músculos gêmeos envoltos por suas calças.

Ao notá-la, Lupus ergueu a cabeça com um bocejo, e Constantin também se virou. Ele afastou uma mecha de cabelo escuro que caía sobre seus olhos.

Aqueles olhos! Verdes pálidos, insondáveis e fixos em Sofia.

Com o coração pulando no peito, desviou o olhar.

Não dessa vez! Não vou deixar me intimidar ou me distrair do que preciso dizer.

Cruzando para uma das poltronas, sentou-se com as costas retas.

— Precisamos conversar, Constantin.

Ele soltou um suspiro resignado antes de se posicionar do lado oposto, de uma maneira muito mais descuidada.

— A respeito de Laslar e Tatiana, presumo.

— Entre outras coisas. — Sofia manteve a voz desapaixonada. — A baronesa me contou que teve um envolvimento romântico com Tatiana.

— Aposto que contou. — Constantin recostou-se ainda mais na cadeira, cruzando uma perna sobre o joelho.

— Não precisa fingir que não sabe do que estou falando. — Sofia sentiu os pelos se arrepiarem. — Toda aquela bobagem de não ser adequado. A única coisa que os separava era o fato de serem irmãos!

Era demais para permanecer indiferente!

— Não é à toa que queira manter Laslar longe dela. Deve ser irritante saber que ele pode ter o que lhe é proibido. — As bochechas de Sofia estavam queimando. De onde veio toda aquela injúria? Não pretendia acusar Constantin de ainda nutrir sentimentos por Tatiana, mas, de alguma forma, foi a primeira coisa que saiu de sua boca.

— Já terminou? — Constantin falou com uma calma gelada.

— Não cheguei nem à metade! — Levantando-se novamente, Sofia cruzou os braços. — Carmilla me esclareceu sobre a situação do casamento de seus

pais. Ela acredita que sua incapacidade de expressar amor e recebê-lo se deve ao mau exemplo deles e que não há impedimento para nossa felicidade além de sua própria teimosia!

A baronesa não tinha falado tão abertamente, mas era o que quis dizer, não era? E Sofia estava cansada de rodeios. Ela e Constantin haviam perdido muito tempo com isso.

Assim procurou onde a garrafa poderia estar. Se queria passar por mais essa, precisaria de uma bebida forte.

— Minha tia parece ter muito a dizer. — Sem sorrir, Constantin levantou-se de seu assento.

Por um momento, pensou que ele iria segurá-la e sacudi-la, mas desviou para o lado, pegando a garrafa de conhaque que ela estava procurando.

— Como tem contribuído com tantos detalhes, não acredito que seja necessário que eu elabore. — Tirando a rolha de cristal, ele derramou um gole generoso em um copo e deslizou na direção de Sofia. — Pois parece determinada a me achar intratável, então não tentarei convencê-la do contrário. — Enchendo um copo para si mesmo, ele o derrubou e a examinou com as pálpebras pesadas. — Não fazia ideia de que ainda estava pensando no meu suposto desejo por Tatiana. Quanto aos meus pais, onde duas pessoas são tão incompatíveis, isso só pode significar um desastre... como faz um trabalho exemplar em demonstrar.

Sofia teve um desejo irresistível de jogar o conhaque na cara de Constantin. Não apenas o conhaque, mas o copo inteiro. Ou, talvez não em seu rosto, mas contra a lareira, onde o cristal se estilhaçaria com ruídos e bagunça satisfatórios.

Ela poderia ter feito isso se não fosse por Lupus estar tão perto.

— Laslar não está muito bem de saúde. — Constantin colocou o copo na bandeja e deu um passo na direção de Sofia. — Está certa de que eu desaprovava Tatiana... uma mulher casada, caso se lembre... enredando-o, mas não foi esse o motivo pelo qual o mandei embora. Ao voltar de Viena, vi que ele estava mais fraco. Prescrevi uma mudança de cenário.

— E pensou que o ar de Paris seria mais benéfico do que o das montanhas? — Sofia odiava o quão estridente estava soando, mas a recusa de Constantin em admitir que tinha feito algo errado era irritante ao extremo.

Constantin deu mais um passo, de modo que ficou a apenas um braço de distância de Sofia.

— A candidatura à La Sorbonne foi ideia do próprio Laslar. Arranjei para que fizesse uma cura de repouso no litoral, ficando com parentes de minha mãe na Riviera Francesa, mas ele precisava de algo mais para ocupá-lo.

Sofia manteve a cabeça erguida, sem vontade de reduzir seu desafio.

— E que gratificante que tenha permitido. Devo dizer que ele está muito bem de saúde agora.

Engolindo um pouco de seu próprio copo, ela o colocou sobre a lareira, sufocando uma tosse quando o líquido ardente desceu por sua garganta.

Assim que fez isso, Constantin pegou Sofia sob o queixo, inclinando a cabeça para trás.

— Já lhe disse antes que a doença de nossa família não é claramente visível, mas garanto que Laslar certamente está sofrendo. Não há tratamento conhecido e todo homem e mulher de sangue Roznovatu carrega a fraqueza.

Sofia ficou muito quieta. Os olhos de Constantin eram duros como pedra, mas seus lábios estavam entreabertos, como se pudesse esmagar sua boca contra a dela a qualquer momento.

Seu pulso acelerou freneticamente.

— E você, Constantin? — Ela umedeceu os lábios. — Pois é mais forte que a maioria dos homens. Não entendo como acha que pode ser afetado por essa suposta doença.

Os dedos de Constantin se moveram por baixo de seu queixo, roçando sua garganta. O calor de sua mão pousou sobre o ponto crucial de seu pescoço e clavícula.

— Em alguns de nós, a mácula está adormecida. — O outro braço dele envolveu a cintura dela até a parte inferior das costas. — Mas seu poder não deve ser subestimado.

Sofia respirou fundo. Constantin certamente não estava se comportando como se estivesse desejando Tatiana. Na verdade, todo o seu ser parecia focado nela.

A mão em sua clavícula se moveu lentamente por seu corpete, até que a palma dele cobriu a curva de seu seio. Ele apertou com força, assim como a mão em suas costas fez um contra-ataque para envolver a esfera carnuda de seu traseiro.

Ele a puxou firmemente contra seu corpo.

— Esse é o seu problema, Sofia. Não é muito boa em ver o que está sob a superfície.

Sofia sentiu-se mole. Se Constantin desejasse deitá-la no tapete neste instante, acreditava que lhe permitiria qualquer coisa!

No momento seguinte, porém, o domínio de Constantin relaxou e Sofia sentiu os joelhos cederem.

— Tem quartos para esse tipo de coisa, sabe.

Girando, Sofia viu Laslar, parecendo muito civilizado em seu traje de noite, embora um tom de azul sombreasse seus olhos.

Fechando a porta atrás de si, dirigiu-se à garrafa.

— Não ligue para mim — acrescentou com um sorriso. — Eu sou a favor de um pouco de entretenimento como aperitivo antes do jantar.

Soltando Sofia, Constantin retirou-se para o outro lado da lareira.

Com toda a dignidade que pôde reunir, Sofia pegou seu copo da lareira e encontrou um assento. Ela ficou bastante agradecida quando Lupus trotou para colocar a cabeça em seu colo. Isso lhe deu uma desculpa, pelo menos, para baixar os olhos enquanto se recompunha.

— Melhor maneira de se aquecer, também. — Laslar parecia estar

gostando muito da brincadeira. — É um choque depois do conforto do meu aconchegante estúdio parisiense, posso dizer: desnudar o traseiro neste castelo gelado.

— O que levanta a questão de porque não está lá. — Constantin olhou com raiva.

— Só fazendo uma visita. — Laslar ergueu a taça, piscando para Sofia por cima da borda. — Recebi seu telegrama me informando sobre Grigore. Pensei em prestar meus respeitos.

Constantin ergueu uma sobrancelha, claramente incrédulo.

— Deve ter pulado no primeiro trem sem demora.

— Teve outro de Tatiana, me avisando que Sigismund estava mal. Achei que poderia ver o velho diabo uma última vez antes que ele fosse para seu criador. — Laslar deu de ombros.

— E estar aqui fortuitamente para consolar a viúva enlutada. — Constantin estreitou os olhos.

Olhando entre os dois, Sofia ficou impressionada novamente com a semelhança entre eles. De maneira semelhante também, embora Laslar exibisse uma indiferença afetada... influenciado por Paris, sem dúvida.

A reserva e a formalidade de Constantin eram naturais, considerando o tempo que passou servindo como oficial e o peso da responsabilidade que agora carregava. Comparando-o com Laslar, Sofia sentiu uma pontada de compaixão. Nos tempos de namoro, vislumbrara o lado de Constantin que ria com mais facilidade.

Percebeu com um sobressalto que Laslar estava se dirigindo a ela.

— Sofia... posso te chamar assim, espero? Temos muito o que atualizar. — Laslar deu a ela todo o charme de seu sorriso. — Não vou perguntar se está gostando de ser esposa de meu irmão, mas conte-me suas impressões sobre Roznov.

Sofia fez o possível para deixar de lado as lembranças de seu primeiro encontro com Laslar.

— Tudo é muito lindo. Estou ansiosa para vê-lo em todas as temporadas.

— Uma resposta bonita. — Laslar tamborilou com as unhas na lateral de sua taça de cristal. — Embora possa se sentir diferente quando o inverno chegar, longo, amargo e sombrio. A neve cai espessa sobre as montanhas, e apenas os mais resistentes sobrevivem, os mais sagazes e os mais determinados por natureza.

— Fala das criaturas da floresta, presumo. — Sofia não havia esquecido os lobos uivantes, e Tatiana havia mencionado os ursos, embora as encostas das montanhas fossem o lar de todos os tipos de mamíferos menores.

— De tudo que corre e rasteja e voa, sim. — Laslar girou seu conhaque antes de bebê-lo. — Está aqui há tempo suficiente para ver a lua cheia? Creio que esse é o melhor momento para conhecer a verdadeira natureza de nossa casa na montanha. Já ouviu as histórias, talvez... de nossos homens cuja fera interior vagueia nas noites mais claras.

— Cale-se, Laslar — interrompeu Constantin. — Sofia é sensata demais para acreditar em bobagens camponesas.

— Eles são supersticiosos aqui. — Laslar sorriu novamente, claramente não se intimidando com a refutação enérgica de seu irmão. — Mas todas as lendas começam com uma pequena verdade. Por que mais as pessoas acreditariam em maldições e nos talismãs que devem ser usados para se proteger contra o mau-olhado? Tais coisas são tão reais quanto desejamos que sejam, e é fácil acreditar, não é, quando cercado pela floresta, profunda e escura, e o lamento melancólico do vento?

Ele inclinou a cabeça para trás, franzindo os lábios para dar sua própria versão de um lobo, antes de se dissolver em uma gargalhada gutural.

— Na minha experiência, os homens são mais suspeitos e insultados do que qualquer animal — contrapôs Constantin.

— Uma verdade que não posso negar. — Laslar deu outro de seus largos sorrisos. — Embora haja um animal em todo homem, que deve ser satisfeito em suas necessidades.

Como se fosse uma deixa, a porta se abriu novamente e, desta vez, Tatiana entrou, seguida por Carmilla.

Tatiana foi até onde Laslar estava sentado e sentou-se no braço de sua cadeira. Com os dedos acariciando a nuca dele, estava inclinada para revelar uma extensão maior do que o normal dos seios redondos e parecia muito com o gato que comeu o canário.

Sofia olhou para Constantin, ansiosa para ver sua reação à demonstração aberta de afeto, mas ele estava ignorando cuidadosamente o par e já servindo Țuică para sua tia e prima.

— Obrigada, meu querido. — A baronesa aceitou seu copo de aguardente de ameixa. — Uma dose de bebida alcoólica faz um mundo de bem, como qualquer estudioso da medicina admitirá. Falando nisso, devo parabenizá-lo, Constantin, por conseguir que um verdadeiro médico faça uma visita regular ao vilarejo e ao castelo também, é claro. Eu sabia que faria um papel exemplar em sua nova posição, e este é um bom começo.

As orelhas de Sofia se levantaram imediatamente. Era a primeira vez que ouvia sobre o plano de Constantin, e desejou que ele tivesse mencionado isso, mas não conseguia se sentir irritada. Conhecendo-o como o conhecia, não tinha dúvidas de que ele pagaria a conta por qualquer despesa que ocorresse no tratamento dos aldeões. Ela só esperava que a aldeã que Tatiana havia apresentado a ela... Doamnă Dascalu, ou algo do tipo, não fosse descartada, e que estivessem abertos a receber tratamento de um estranho.

Constantin apenas inclinou a cabeça em reconhecimento ao comentário de sua tia.

— Agora, meus queridos, digam-me o que andaram fazendo o dia todo. Mal consegui pregar o olho ontem à noite e fui obrigada a me deitar a maior parte da tarde. — A baronesa tomou um gole de sua bebida.

Tatiana puxou os cachos da nuca de Laslar, sua boca se contorcendo com

uma risada reprimida.

— O meu dia foi quase igual.

— Elena ainda faz essas poções, tia? — Laslar estava fazendo um trabalho melhor em manter uma cara séria. — Ela pode preparar algo se estiver com problemas.

— Está certo, claro. Eu deveria pedir a ela. — Carmilla suspirou. — Um toque de beladona é mais eficaz.

— Meu Deus — comentou Sofia. — Isso é seguro?

— A dosagem é vital — acrescentou Carmilla —, mas os resultados são muito eficazes. Além de ser um sedativo, a tintura é ótima para aliviar a artrite. As “mulheres bonitas” da Itália renascentista usaram isso para aumentar suas pupilas, sabe, para serem consideradas mais atraentes.

— Certifique-se de ficar em bons termos com Elena. — Os olhos de Laslar brilharam maliciosamente. — Elas não são apelidadas de amoras do assassino à toa. Só espero que não haja pudim com frutas silvestres no cardápio desta noite. Eu não confiaria em Elena para não escorregar acidentalmente alguns dos venenos em meu caminho.

— Garoto terrível! — Carmilla resmungou, mas parecia mais divertida do que irritada. — Como se fossem parar na nossa mesa de jantar. Ninguém os escolheria por acaso. As flores roxas são mais distintas.

— Bastante! — Laslar parecia determinado a manter seu ar brincalhão. — Mas todas as mulheres são perigosas à sua maneira, e fazemos pouco caso de seus poderes por nossa conta e risco. — Ele lançou um olhar significativo para Tatiana antes de abaixar os lábios para roçar a mão dela.

— Paris certamente deixou-lhe sua marca — disse Constantin secamente. — Toda essa conversa floreada. Logo recitará poesias.

Com um sorriso, Laslar pegou seu copo, mas o cristal escorregou de sua mão e rachou no tampo de mármore da mesa lateral. Embora tenha pulado para trás, algum fragmento quebrado cortou um de seus dedos. Tatiana gritou alarmada e Constantin atravessou a sala na velocidade da luz.

Tomando seu lenço, Constantin o enrolou bem, segurando o braço de seu irmão no alto, enquanto vociferava suas ordens.

— Vai, Tatiana. Pegue mil-folhas na cozinha, folhas para aplicação direta e tintura para beber. Então, uma agulha e linha... a melhor que possa encontrar.

Em um turbilhão de saias, Tatiana se foi.

— Ai meu Deus! — a voz de Carmilla tremeu. — Não posso olhar! — Ela ficou quase tão pálida quanto o próprio Laslar.

— Sofia, um riacho da montanha passa de um lado do jardim murado. Pegue uma vasilha na cozinha e a encha. Peça aos outros para acompanhá-la, se puderem se apressar. A água está sempre gelada. A submersão do membro restringirá a circulação.

Sem questionar, Sofia saiu correndo da sala. Ela nunca tinha visto Constantin tão sério, embora o corte não parecesse nada significativo.

Sua expressão ao ver o sangue de Laslar foi muito além da leve ansiedade

que se poderia esperar.

Pela primeira vez, viu medo real no rosto de Constantin.

CAPÍTULO

VINTE

O corte, embora não profundo, havia sangrado bastante. Constantin manteve uma mão firme costurando o ferimento, e Laslar agora estava descansando. Sofia não tinha percebido que Constantin tinha tais habilidades, mas supôs que aprendera muito sobre cuidar de feridas durante seus dias de soldado.

Tatiana insistiu para que Laslar se deitasse imediatamente e se recusou a sair de seu lado. A baronesa declarou que sua dor de cabeça voltou, pedindo uma refeição simples em seu quarto. Constantin parecia ter perdido completamente o apetite, mencionando assuntos que desejava tratar. Assim, os preparativos habituais para o jantar foram deixados de lado e Sofia voltou para o quarto, esperando o jantar em uma bandeja.

Por um momento, meio que esperou que Constantin aparecesse em sua porta, pois ainda tinham muito a dizer um ao outro. A maneira como tratou Laslar acabou com qualquer pensamento de que ele pudesse se ressentir de seu irmão. Suas ações surgiram puramente da preocupação. Quanto a Tatiana, sua angústia era genuína e inteiramente centrada em Laslar.

Quanto mais Sofia considerava o assunto, mais via como ela havia se comportado de maneira tola, permitindo que suas inseguranças a dominassem.

O que quer que tenha acontecido desde então, estava convencida de que Constantin se casou com ela por amor. Sendo esse o caso, por que não deveriam reviver esses sentimentos? A cada dia que passava, sentia-se mais empenhada na tarefa. Ela não desejava apenas seduzi-lo, nem o enganar ficando grávida de seu filho.

Para construir algo que durasse, ele precisava ver que tê-la em sua vida tornava tudo mais doce. Com o tempo, veria como poderiam ser felizes um com o outro, se ao menos lhes desse uma chance de deixar de lado a dor do passado, de viver e amar como sempre desejaram.

Se ela podia fazer isso, certamente ele também.

Indo até a janela, olhou para a vista que aprendeu a amar... de floresta e montanhas, estendendo-se até o horizonte. Com o meio do verão se aproximando, os dias eram longos, mas o crepúsculo se aproximava.

A noite seria clara, pois o menor fiapo de nuvem violeta pairava na porção oeste do céu, tingida de marrom claro, pelo sol poente.

Abrindo o trinco, empurrou a janela. Olga estava muito inclinada a mantê-los presos e o quarto estava abafado. Era o que o castelo Roznov precisava, ter suas janelas escancaradas, para deixar entrar frescor e luz.

Fechando os olhos, Sofia respirou profundamente o ar fresco da noite, deixando-o passar por seu rosto e pescoço. Imaginou como as coisas poderiam

ser: Constantin e ela, sorrindo um para o outro, e um bebê enrolado ao seu lado; Constantin levantando a criança em seus braços, tão orgulhoso e feliz. Se alguém acreditasse bastante, não poderia conjurar o futuro pelo qual ansiava?

Um barulho de cascos interrompeu sua fantasia, e abriu os olhos a tempo de ver o cavaleiro, atravessando o pátio de paralelepípedos e passando pelos portões abertos.

Constantin?

Não poderia ser outro, vestido todo de preto, sua jaqueta de capa balançando atrás dele.

A decepção a atingiu em cheio no estômago. Ele não tinha intenção de ir ao quarto dela. Outra coisa era de maior importância para ele.

Ele já havia alcançado a curva da trilha da montanha, ficando menor em sua visão enquanto descia.

Onde estava indo?

Uma pequena semente plantada em sua mente. Pode haver ainda outra que era dona de seu amor? Alguém na aldeia? Alguém que desejasse encontrar com mais urgência do que desejava ver Sofia?

Agarrou-se com força ao parapeito de pedra, mal registrando a abertura da porta e Olga anunciando a bandeja do jantar de sua patroa.

— Quente e agradável. — Olga se preocupava em colocar os pratos sobre uma mesinha, preparando tudo. Quando removeu a primeira cúpula de prata, o cheiro de carne ensopada flutuou pela sala.

— Oh! — Sofia lutou contra uma onda de náusea. — Acho que não posso. Eu me sinto um pouco...

Olga a alcançou a tempo de segurar os ombros de Sofia, que balançava na janela aberta.

— Meu Deus! Está agindo de forma muito estranha, minha senhora.

Ela fez uma pausa, uma nota de excitação entrando em sua voz.

— Será que há um bebê a caminho? É muito cedo, mas pode ser...

— Não é nada! — Sofia engoliu em seco o ar fresco. — Certamente não isso. — Ela quase riu, embora seus sentimentos não fossem alegres.

— E então, minha senhora? — Olga franziu a testa, depois ergueu os olhos, seguindo para onde Sofia estava olhando.

O cavalo e o cavaleiro mal eram visíveis agora, mas as duas mulheres observaram enquanto o conde entrava na floresta. Só quando ele se perdeu de vista, Sofia virou as costas.

— Talvez eu vá dormir. Me ajude a tirar a roupa, Olga, depois leve a comida. Coma você mesmo, por favor, para que eu não ofenda *Doamnă Vulpe*.

— O que quiser, embora eu não aprove que a senhora não coma. Só peço que beba o leite, pois não dormirá bem de estômago vazio. Minha mãe esquentou com noz-moscada e canela.

Sofia estava sentada à penteadeira, bebendo o leite enquanto Olga tirava os

grampos do cabelo. Ela passou a escova por todo o comprimento por mais do que as habituais cinquenta vezes, sabendo que sua senhora achava reconfortante.

Ela afrouxou o corpete do traje, depois desamarrou os laços da saia, para que Sofia pudesse sair. Sofia geralmente terminava a última parte de sua roupa sozinha, mas, com as anáguas e a camisa removidas, submeteu-se a ter sua camisola, aquecida pelo fogo colocada sobre sua cabeça.

— Sabe, há muitas coisas que atraem os homens para a noite. — Olga falou baixinho enquanto puxava a colcha da cama. Encontrando a alça da panela de aquecimento, ela a deslizou para fora, para que Sofia pudesse subir. — Alguns são humanos e outros não. Existem muitas histórias nestas terras, e todas as criaturas lendárias têm poderes maiores quando o solstício se aproxima. Os *ielele*, por exemplo, que dançam quando a lua está nascendo e deixam círculos queimados onde lançaram seus feitiços.

Se Constantin foi atraído por alguém, pensou Sofia, não será algum duende de fada ou ninfa da floresta.

Mas ela não tinha vontade de discutir com Olga e apenas ouvia enquanto a criada alisava os lençóis ao seu redor.

— Talvez a senhora não acredite — Olga atravessou a sala para fechar a janela novamente, — mas lembre-se do que eu disse sobre manter isso trancado. Os pensamentos mais sombrios vêm à noite, e pensamentos sombrios trazem ações sombrias, diz minha mãe.

O sol poente deixava um rastro de rosa sobre as montanhas. Constantin estava lá fora, e logo estaria escuro demais para ele cavalgar. Isso significava que ficaria em outro lugar durante a noite?

Na cama de outra pessoa?

Olga começou a fechar as cortinas, mas Sofia a deteve para que as deixasse. Se Constantin voltasse, poderia ouvir os cascos nas pedras e vê-lo à luz do braseiro queimando no pátio.

Com uma reverência elegante, Olga partiu e Sofia sentiu a cabeça pesar.

A que horas Constantin voltou de seu passeio noturno, Sofia não sabia dizer, pois o sono a reclamava e ela sonhava com Constantin movendo-se pelas sombras de seu quarto. Ela respirou no ritmo do pulso de seu corpo e seu peito se encheu de asas batendo.



Para seu desespero, no dia seguinte, Constantin fez o possível para evitá-la, e ela o viu novamente partindo em seu garanhão preto, desta vez no final da tarde. Uma inocente cavalgada para exercitar seu cavalo, ou um encontro clandestino?

Sofia sentiu-se tentada a correr para os estábulos, e persegui-lo. No entanto, seu bom senso prevaleceu. Ele estaria muito à frente para que o alcançasse. Além disso, tal imprudência da parte dela causaria fofocas entre a casa.

Maior sutileza seria necessária se desejasse descobrir para onde Constantin foi. Assim, começou um novo regime próprio, montando uma das éguas

gentis que geralmente puxavam a carroça para a aldeia. Estava fora de forma com cavalgadas, mas a égua tinha pés firmes, familiarizada com o terreno irregular e a inclinação da trilha. Com o calcanhar apoiado no estribo e o joelho travado sobre a sela feminina, estava segura o suficiente.

Partindo todas as tardes, Sofia atravessava o terreno aberto e escarpado, descendo até onde as árvores começavam mantendo-se alerta para o som de alguém se aproximando, mas não encontrou Constantin nem o viu mais tarde de sua janela.

No quinto dia, já estava no meio da floresta quando uma sensação estranha a dominou, pois os pássaros estavam tão silenciosos e até mesmo o zumbido dos insetos era contido. A proximidade premente das árvores sempre fazia o céu parecer mais escuro, porém, percebeu que isso era mais do que a ilusão das árvores. Um vento soprava das montanhas, trazendo consigo nuvens negras de tempestade.

Sofia se virou, mas assim que o fez, ouviu-se o som de alguém se aproximando.

Constantin!

Ela teve apenas um momento para se esconder, inclinando-se sobre a sela e incitando a égua sob a saliência de uma árvore de galhos largos. Ela só podia esperar que a sombra fosse profunda o suficiente para escondê-la dele.

O tamborilar dos cascos ficou mais alto e foi rapidamente sobre ela, o garanhão praticamente galopando, deslizando pelas pedras enquanto passava. Sofia teve um vislumbre da capa de Constantin, e então ele se foi.

Colocando a égua em movimento, Sofia a seguiu. Ele já estava muito à frente para que o visse, mas isso também funcionaria a seu favor, pois Constantin não teria ideia de que ela estava atrás.

A trilha levava em apenas uma direção. No fundo, Constantin poderia virar em direção às montanhas ou à aldeia. Ali, onde a estrada se bifurcava, poderia avistá-lo.

Quando Sofia chegou ao local, parou a montaria, deixando-a beber de um pequeno riacho. A trilha que descia para a aldeia era facilmente visível, assim como o aglomerado de casas abaixo, mas não viu nada de Constantin. O caminho ascendente era igualmente claro.

Onde ele estava?

Ele já havia entrado na aldeia, prendendo seu cavalo fora de vista, ou tomado o outro caminho, no coração das montanhas? As nuvens estavam se movendo rapidamente pela passagem e ela pensou novamente em voltar, pois seria perigoso ser pega do lado de fora. A chuva na trilha íngreme a tornaria perigosamente escorregadia.

Mas tinha chegado tão longe e tinha que saber!

Incitando a égua a avançar novamente, se virou em direção à aldeia, permanecendo sempre vigilante.

Havia percorrido metade do caminho, passando por árvores mais esparsas, com os prados abertos do vale não muito abaixo quando viu o lugar que

Tatiana havia apontado para ela uma vez antes, onde os aldeões enterravam seus entes queridos: um campo, cercada por bétulas, a entrada grosseiramente marcada com pedras.

Parecia diferente de qualquer lugar de enterro que já tinha visto, as sepulturas sendo marcadas com crucifixos grosseiramente esculpidos em madeira, os postes em ângulos menos do que retos. A grama além da entrada estava pisada recentemente, com cascos pesados marcados em um trecho de lama. Desmontando, Sofia levou sua égua para dentro. Em um dia claro, teria sido bastante agradável, pois guirlandas adornavam muitos dos túmulos e flores silvestres desabrochavam.

Ela percorreu a circunferência e não demorou muito para avistar o garanhão de Constantin, amarrado e pastando. Sentindo-os, o cavalo relinchou. O coração de Sofia saltou em seu peito, mas segurou sua égua ao lado e continuou a pé.

Uma abertura entre as árvores dava para um caminho bem trilhado. Ela deu talvez vinte passos quando ouviu vozes. Constantin, sem dúvida; a outra era mais suave, para que não entendesse nada do que se dizia.

Apesar do medo pulsando em suas veias, ela precisava saber mais. Ali, certamente, estava a fonte do que o havia afastado. Todas essas semanas no castelo, Constantin tinha vindo a este lugar?

Uma clareira se abriu à frente, revelando uma cabana modesta, esculpida em madeira. Constantin estava de costas para ela e falava com alguém na porta.

Ele se moveu para o lado e Sofia foi pega de surpresa, pois a mulher diante dele não era uma beleza exuberante, mas uma de idade avançada. Ela parecia um tanto familiar, embora fosse difícil dizer, seu rosto espreitando de um lenço tradicional na cabeça e seu corpo enrolado em xales.

Os xales! Sofia lembrou agora. *Doamnă* Dascalu, não era a quem Tatiana levou ervas para fazer tinturas?

O alívio foi imenso.

Constantin talvez a estivesse visitando para falar sobre o médico que havia arranjado para visitar a aldeia. Não era *Doamnă* Dascalu quem supervisionava tais assuntos no momento e o nascimento de cada criança.

No entanto, quando a idosa voltou para dentro, outra tomou seu lugar: uma jovem segurando a parte de baixo da barriga. Embora vestida com roupas quentes, seu abdômen estendido era impossível de esconder, e o significado era inegável.

Constantin colocou os braços sobre os ombros da futura mãe e deu um beijo carinhoso em sua testa.

Uma pontada de dor estripou o estômago de Sofia. Essa mulher não era apenas sua amante, mas estava tendo um filho dele. O que Constantin havia lhe negado a, concedera a esta simples garota do vilarejo!

Agarrando-se ao galho mais próximo, Sofia esfolou seus dedos, mas ela mal o sentiu. Tudo o que conseguia pensar era que deveria ir embora.

Correndo cegamente, cambaleando, alcançou a égua e, usando um toco para erguer-se, montou novamente.

As primeiras gotas de água caíam do céu enegrecido. No entanto, sabia que deveria escapar. De alguma forma, a égua sentiu a necessidade de sua amazona e não perdeu tempo, subindo, em frente, em direção ao castelo. De algum lugar distante, ouviu Constantin chamando, embora seus ouvidos estivessem cheios do latejar de seu sangue.

O mundo estava escuro ao seu redor, mas Sofia estava ciente do estado escorregadio da trilha, riachos de água caindo em cascata por velhos sulcos de terra cozida. Quando ela emergiu da floresta, para a planície aberta de rochas que levava ao cume guardado pelo Castelo Roznov, o verdadeiro dilúvio começou.

Apesar do chapéu de montaria, a água escorria pelo pescoço e colarinho. Sua jaqueta estava encharcada nas costas e mal conseguia ver através das lágrimas e da chuva em seu rosto.

De alguma forma, ela conseguiu voltar, e Oleg estava correndo pelo pátio, ajudando-a a descer. Suas saias, encharcadas, esvoaçavam pesadamente sobre suas pernas. Ela mal conseguia ficar de pé, mas outras mãos estavam lá, segurando-a de pé e depois levantando-a.

Ela estava nos braços de Constantin.

CAPÍTULO

VINTE E UM

Com a chuva caindo sobre eles, Constantin não perdeu tempo em correr para os estábulos. Ele a carregou até a última das baías e depositou Sofia em uma pilha de feno.

Arrancando sua capa pesada de chuva, ele a jogou de lado.

— O que diabos estava pensando? — ele pairava sobre Sofia. — Correndo assim, quando deve ter visto a tempestade chegando, e disparando como se o diabo a estivesse perseguindo. Podia ter morrido! Sem falar em machucar a égua.

Ela estava tremendo, provavelmente de frio, tão encharcada quanto ele, mas tentava se erguer com os cotovelos e joelhos.

Mais adiante, Oleg estava secando os cavalos e virou a cabeça ao ouvir a voz elevada de Constantin.

— Jogue um cobertor sobre eles e entre! — Constantin não estava com disposição para que sua conversa com Sofia fosse ouvida. — Eu mesmo terminarei.

Oleg não precisou ser orientado duas vezes. Sofia, enquanto isso, lutava para ficar de pé, encarando o marido.

Seus olhos brilharam.

— Como ousa!?

Rápida como um chicote, sua mão disparou para cima e acertou um tapa forte na bochecha dele. Seu outro punho estava indo para suas partes íntimas quando ele agarrou seu pulso.

— Não me toque! — Sofia se afastou. — Eu o vi com sua vadia.

A raiva formigou sobre seu corpo. Ela não tinha a menor ideia, mas saltou para essa conclusão sórdida rapidamente.

Agarrando seu pulso novamente, ele empurrou a mão contra sua virilha.

— É sobre isso, é? Acha que outra pessoa está usando e fica com ciúmes. Quer tomar posse do que é seu.

— É meu! — Um brilho perverso entrou em seus olhos, dando a ele o mais breve dos avisos antes que ela desse um beliscão rancoroso em suas bolas.

Em estado de choque, Constantin a soltou.

— Não a trouxe para minha cama, trouxe... com a esposa sob seu próprio teto? — Os olhos de Sofia brilharam. — Tal pai, tal filho, ou é tal irmão!

A fúria derretida queimou dentro dele

— Quer fornicar, não é? — Ele agarrou os ombros dela, e ela deu um gritinho quando ele a jogou para trás.

No momento seguinte, ele estava sobre ela, levantando suas saias encharcadas. Era o que ela queria, não era? Pois havia deixado muito claro.

Não era amor. Não esperava isso dele, mas queria possuí-lo do mesmo jeito.

Erguendo-se contra o peito dele, ela tentou levantar o joelho, mas ele era muito forte para ela.

— Se estamos falando de propriedade —ele se apertou entre as pernas dela, sentando-se onde era seu direito estar, — sou eu quem te possui, e farei o que bem entender!

Em sua luta, vários dos botões de sua jaqueta de montaria se abriram, revelando sua clavícula e a pala de sua camisa. O lenço de seda em seu pescoço havia se soltado.

Uma luxúria cruel o atingiu. Torcendo as pontas do cachecol na parte mais larga de uma das mãos, ele puxou a seda para o lado. Sofia tentou arranhar o seu rosto, mas ele foi mais rápido, prendendo seu braço.

Com toda a pressa, colocou a outra atrás das costas, então rasgou o resto de sua jaqueta. Ela respirou fundo quando os botões se espalharam ao redor deles, e deu-lhe o benefício de várias maldições que ele não sabia estar em seu repertório. Ela se contorceu, indefesa debaixo dele.

Com um sorriso lento, ele levou a mão ao montículo de seu seio, acariciando a umidade de sua camisa, esfregando com o polegar na protuberância.

— Pare com isso. Se quer fornicar com alguém, como disse tão eloquentemente, volte para a prostituta da sua aldeia. — Sob o lenço esticado em seu pescoço, ele a viu engolir.

— E por que devo fazer isso, querida Sofia? Pois quer saber o que está perdendo, não é? — Um gancho de seu polegar trouxe a camisa para baixo, de modo que seu seio ficou nu, o mamilo rosa escuro.

Ela virou a cabeça, tanto quanto o lenço permitia, mas não conseguiu esconder o gemido quando ele afundou o pico no calor de sua boca. Puxando, lambendo, roçando com os dentes, ele brincou como se tivesse tempo infinito para deleitar-se com ela.

— É um animal. Te odeio!

Em resposta, a mordeu. Ela praguejou de novo, mas ergueu o quadril, tornando mais fácil esquadrihar sob a saia. Em algum lugar sob suas anáguas ele encontrou a fenda em sua calça e encontrou pele úmida. O conhecimento disso enviou outra pontada de luxúria através dele.

Ele estendeu um dedo pelas pétalas gordas, penetrando sua maciez. Ela endureceu, mordendo o lábio enquanto a acariciava por dentro.

Deus, ela era linda... feita para suas mãos e boca, feita para seu pau. Sua excitação estava se tornando insuportável. Ele deixou seu polegar vagar para a pérola entre seus lábios, roçando levemente, uma e outra vez, trazendo-a para mais perto do que sabia que a esposa precisava, e ela se contorceu, levantando os quadris.

Puxando o lenço gentilmente, ele a guiou para encará-lo, para que pudesse ver como trazia seus dedos ricos com o cheiro dela para sua boca, sugando-os até limpá-los.

— Eu te odeio. — O sussurro dela não foi nada convincente.

Cantarolando sua aprovação, recolocou a mão sob as saias dela, mergulhando de volta para onde lhe dera prazer, acrescentando um segundo dedo e exercendo mais pressão do que antes. Roçando seu clitóris com a ponta do polegar, manteve-lhe a um fio de liberdade, o tempo todo observando o tormento em seu rosto.

— Constantin! — Seu único seio nu subia e descia com respirações rasas, o mamilo roçando o pano de sua camisa úmida. — Solte-me, ou faça o que quiser, mas não me mantenha assim.

Outro puxão no lenço em volta do pescoço e ela abriu os lábios, a tempo de receber a boca dele, misturada com seu próprio sabor.

Seu coração estava martelando. Ele ficou furioso por ela pensar tão pouco dele... de acusá-lo do que achava mais hediondo, mas seus lábios desmentiam suas palavras. Ela tremeu, arqueando-se contra seu corpo enquanto aprofundava o beijo.

Ele estava dolorosamente ereto, sabendo como seria bom reivindicá-la.

O que começou como uma vontade de punir tornou-se puro desejo. Com um gemido, atrapalhou-se com os botões de suas calças, liberando seu pênis para alinhar onde ela estava encharcada. Levou apenas um leve ajuste em sua pélvis e violou seu limite.

Agarrando seu joelho, ele o trouxe para cima. Ela queria isso, tanto quanto ele precisava dar, e já não poderia se conter. Sentiu sua rendição, estava escorregadia permitindo-lhe a entrada total.

O mundo parou enquanto descansava ali, dominado pelo prazer de estar inserido em sua carne apertada. Havia apenas Sofia, seus olhos fixos nos dele... meio suplicantes, meio temerosos.

Ele estava além de pensar, querendo apenas se mover, grosso e quente, para vencer o vazio doloroso. Mergulhou novamente e ela soltou um gemido, presa sob o seu peso. Ainda assim, abriu as pernas e ele a penetrou com força, ganhando mais intensidade.

Sua mão não mais continha o pulso dela. De alguma forma, seus dedos se entrelaçaram, os dela apertando enquanto recebia golpes cada vez mais profundos. Ele se abaixou, querendo fazê-la gemer e choramingar. Estava vagamente consciente do barulho da chuva no telhado e do picante latente do cavalo no estábulo, juntamente com seu próprio suor, quando um som terrível saiu de sua garganta.

Selvagem e sombrio, rugiu quando sua semente subiu e, perdido na violenta e doce torrente, gozou completamente dentro dela.



No escuro, sua respiração era lenta e constante. Ele rolou para longe, saciado e sonolento, mas Sofia estava atenta a si mesma de uma forma que não ficava há muito tempo.

Seus lábios doíam, e seus braços estavam sensíveis, onde ele os prendeu. Por dentro também, embora a dor fosse uma pulsação tenra de lembrança.

Mesmo enquanto vomitava seu ciúme, desejou que ele transformasse a ira em ardor físico. Ele lhe deu o que queria, e a ferocidade disso combinou com seu próprio humor. Bem antes de ele gemer sua liberação, foi engolfada pelo calor, rolando e ondulando enquanto Constantin desferia cada estocada primitivamente forte.

Ela deveria se sentir triunfante. Por que não estava satisfeita?

Simplesmente porque faltou ternura ao ato, ou por que temia que a tivesse tomado exatamente da mesma forma como se deitou com todas as outras?

O formigamento de palha de repente estava desconfortável em suas costas, e a cabeça de Constantin pesava em seu peito. Os cavalos estavam pateando duro em duas baias, sem dúvida precisando de algo. Oleg tinha dado água a eles?

O que ela estava fazendo? Deitada em meio ao cheiro de couro de cavalo molhado e...

Ela cheirou novamente.

A chuva havia diminuído para um tamborilar lento no telhado, mas havia outro som, de crepitação e o cheiro acre de queimado.

Com um grito, ela viu o brilho das chamas.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

Despertando bruscamente, Constantin rapidamente entendeu a situação. O fogo estava destruindo a parte final do estábulo e não demoraria muito para se espalhar.

— Rápido! — Levantando-se de um salto, puxou Sofia pelos dois braços, empurrando-a para a porta. — Chame Oleg, ou qualquer um!

Os cavalos estavam aflitos, empinando e relinchando, os olhos revirando de medo.

Levou apenas alguns momentos para libertá-los, embora vários mais para persuadir os animais a enfrentar a fumaça turva e as chamas altas que lambiam a baia mais próxima da porta.



O incêndio não fora acidental.

Em seu quarto, Constantin tirou a roupa e limpou a fuligem do rosto. Até seu cabelo cheirava a fumaça, mas um banho adequado poderia esperar para mais tarde.

Com roupas secas nas costas, saiu para verificar Sofia. Ela ficaria bem, tinha certeza. Tatiana e Laslar a levaram para dentro, e Elena garantiria que fosse bem cuidada.

Alguém, porém, tinha outras ideias.

Sabiam que estavam nos estábulos e incendiaram o feno intencionalmente. Teria sido tão fácil tocar a chama na serragem armazenada. Um descuido pode ter jogado a vela no chão, deixando a cera reveladora espalhada sob as cinzas.

Foi pura sorte Sofia ter sentido o cheiro da fumaça tão rapidamente, e mais sorte ainda que a chuva encharcou as vigas do estábulo. A palha tinha sido rapidamente consumida, sendo necessário um mínimo de esforço para apagar as chamas remanescentes, graças à proximidade do poço do pátio. Os cavalos seriam protegidos do outro lado do pátio por enquanto.

Ele tinha suas suspeitas sobre a morte de Grigore e a mutilação do corpo, mas não conseguia ver nenhuma conexão com este ato demoníaco. Que razão alguém poderia ter para desejar mal a Sofia... ou a ele próprio?

Não havia outras pistas sobre a identidade de quem esteve lá. Um pedaço de pano cinza escuro preso no canto áspero da porta externa do estábulo não ajudou muito. Quem sabia há quanto tempo isso estava lá? Além disso, havia poucos moradores do castelo que não possuísem algo de tecido semelhante.

Chegando à porta de Sofia, hesitou antes de bater. Ela gostaria de vê-lo? Ficara com tanta raiva, e então algo mais... movido inteiramente por seu desejo por ela. Outro tipo de fúria que não sabia explicar, querendo consumi-la; machucá-la também. Não fisicamente, embora fosse provável que tivesse,

mas para fazê-la sentir um pouco da dor que carregava dentro dele.

Como se tudo aquilo fosse culpa de Sofia!

Ele lutou contra esse lado de si mesmo durante toda a sua vida adulta. Antes disso, mesmo. Essa aversão por seu nome e sua família. Aversão ao que isso os tornava. Aversão por seu pai e por Grigore.

Poderia fazê-la entender? Que não era ela que o fazia se sentir assim? Que era inocente e tão azarada quanto ele, presa nesse ciclo interminável de miséria. Estava resistindo por muito tempo, sem saber por onde começar e com medo de sua resposta. Talvez tivesse chegado a hora de lhe dar a honestidade que queria, mesmo que isso acabasse com suas esperanças para sempre.

Ele poderia pelo menos parar de fingir; haveria alívio nisso. E se, ao ouvir cada detalhe sórdido, tomasse a iniciativa de partir, talvez fosse o melhor também. Ele não tinha coragem de fazê-la partir, não mais, mas ela estaria segura, pelo menos, se fosse embora. A salvo do que quer que estivesse acontecendo ali.



— Constantin! — Ela ficou tão feliz em vê-lo. Colocando-a na cama, Tatiana garantiu que ele conseguiu sair dos estábulos e que os cavalos estavam todos seguros, porém não conseguiu descansar, doente de preocupação.

Tatiana havia mandado Elena e Olga embora, insistindo que ela deveria ajudar Sofia a se despir. Sua atenção comoveu-a, depois de todas as grosserias que recebera de sua suposta rival.

— Está bem? — Sofia reparou na mancha esfumada na testa dele. Seu rosto não mostrava nenhum sinal de dor, mas com Constantin, nem sempre se podia dizer. — Suas mãos não estão queimadas?

Atravessando o quarto, ele veio sentar-se na cama, mostrando-lhe as palmas das mãos para tranquilizá-la.

— Conseguimos escapar ilesos.

— O que aconteceu? Um raio? — Ela estava intrigada com a causa do incêndio na última hora.

Ele balançou sua cabeça.

— Alguém nos deseja mal. Não podiam saber que entraríamos nos estábulos, então presumo que foi feito às pressas. Se tivessem trancado as portas...

Sofia sentiu um calafrio. Ela mal conseguia dizer o que estava pensando.

— Então acha que quem fez essas coisas com Grigore quer te machucar também? Machucar nós dois?

Ele franziu a testa.

— Não vejo lógica nisso, mas não posso negar a possibilidade.

Pegando a mão dela, ele procurou a aliança de casamento, esfregando o polegar nela.

— Não fui sincero contigo, mas estou cansado de guardar segredos. Pois

perguntou sobre a mulher que eu estava visitando e tem todo o direito de saber. Foi errado responder com raiva e devo implorar seu perdão, embora não o mereça. Deveria ser eu perguntando se estava ferida, pelo que eu te fiz.

Sofia engoliu de volta suas emoções crescentes. Deitar-se com ele no chão dos estábulos, embora inesperadamente rude, não a machucou de forma duradoura. A verdadeira dor que infligira era muito mais profunda do que isso e era de longa data. No entanto, não queria falar disso agora. Por alguma razão, Constantin chegou a sua própria vontade de querer que se reconcilhassem.

Ela esfregou algo em sua bochecha.

— Posso suportar qualquer coisa, desde que queira que fiquemos juntos. Isso é tudo que eu sempre quis. É meu marido, Constantin. — Ela engoliu em seco novamente, presa entre as lágrimas e uma vontade absurda de rir. — Mas sou toda ouvidos se quiser me esclarecer sobre o que está acontecendo.

Ele se permitiu um pequeno sorriso.

— Não sei se isso tem alguma relevância para o que está acontecendo, mas precisa ouvir, e o que decidir, Sofia, irei respeitar a sua vontade. Se quiser ir embora, conhecendo toda a história desta família problemática, não a julgarei mal.

— Agora está sendo dramático, tanto quanto Tatiana! — Sofia apertou os dedos de Constantin, entrelaçados com os seus.

Respirando fundo, ele começou.



— A história é simples, mas ainda assim trágica. Sabe um pouco de Masha: que ela nunca foi forte e que morreu jovem demais. Grigore a atormentava de maneiras que eu não fazia ideia, e acredito que Tatiana também ignorava. Vejo em seu rosto que já entendeu, Sofia... embora Masha fosse de sua própria carne e sangue, e mal tivesse idade para experimentar o que ele forçou sobre ela.

Sofia soltou um pequeno suspiro. Estava prestes a falar, mas engoliu suas palavras, acenando para continuar.

— Minha mãe ficou sabendo, mas não até que fosse tarde demais. Ela nos disse que Masha não estava bem e precisava de repouso. Minha tia também sabia o que havia acontecido, e Elena... pois cuidou de Masha durante seu parto. Meu pai e o resto de nós ignoramos a verdade: que Masha estava grávida de um filho de Grigore. Minha mãe e minha tia se esforçaram para esconder tudo, pois a vergonha da gravidez teria sido devastadora, e o nome da família irrevogavelmente manchado.

O rosto de Sofia transmitia sua compaixão por Masha e sua apreciação pela situação enfrentada por sua mãe e Carmilla. Horror também, e desgosto, embora lutasse para esconder isso dele.

Ele foi encorajado a continuar.

— Foi só quando Masha estava dando à luz seu filho que descobri o segredo deles. Minha irmã começou a sangrar, mas Elena estava perdida.

Ninguém mandou chamar *Doamnă* Dascalu, pois queriam manter o assunto o mais privado possível. Minha mãe cedeu, percebendo que, se alguém pudesse salvar Masha, seria ela. Foi a mim que eles acordaram, de madrugada, me insistindo para buscá-la.

Ele fez uma pausa, fechando os olhos, voltando para aquela noite fatídica.

— Quando voltei com *Doamnă* Dascalu, Masha não poderia mais receber ajuda. Minha mãe foi atingida pela dor, mas inflexível em suas instruções. Nunca deveríamos falar sobre o que havia acontecido. Masha estava doente e seu coração cedeu. Ela seria colocada na cripta, e ninguém além de nós cinco jamais saberia a verdade.

— E a criança? — A voz de Sofia não passava de um sussurro.

— Pequena, mas saudável. Uma garota. Naturalmente, não poderia permanecer no castelo. Haveria muitas perguntas. *Doamnă* Dascalu foi quem sugeriu levar o bebê com ela e o colocar aos cuidados de um casal que não havia sido abençoado com seus próprios filhos. Ela lhes contou uma história, da criança sendo rejeitada por sua própria mãe.

— Entendo. — Pela incerteza na voz de Sofia, Constantin percebeu que ela ainda não havia entendido a conexão.

— Pois achará cruel, talvez, que minha mãe e minha tia tenham deixado a filha de Masha crescer dessa maneira, sem saber de seu verdadeiro sangue. Mas deve pensar na alternativa: saber que ela nasceu de um incesto e que sua própria mãe não a quis. A criança seria criada conhecendo apenas a família que a amava.

— E a mulher que eu vi, no chalé? — A mão de Sofia tremeu.

— Ela é filha de Masha. O nome dela é Kasia e, como viu, está esperando um filho. A sua vida tem sido feliz e o bebê nascerá no casamento, segundo os costumes da aldeia.

— Mas por que...? — Os dedos de Sofia escorregaram dos dele. — Não entendo isso, Constantin. Por que estava lá, se tudo é tão secreto?

— Após a morte de minha mãe e depois de meu pai, que trouxe meu retorno ao castelo, soube que Kasia havia se comprometido com um jovem da aldeia. Fiz perguntas, desejando me certificar de que estava tudo bem. Conhecendo sua história, seria melhor que nunca tivesse filhos, mas vi que estava feliz. Eu queria que Kasia encontrasse a alegria que havia sido negada a sua mãe. Concluí que estava numa idade em que poderia saber um pouco da verdade, senão todos os detalhes. *Doamnă* Dascalu marcou um encontro sem que ninguém soubesse, na privacidade de seu chalé, e contei a Kasia como ela era parente da família. Então pode imaginar sua primeira reação... de descrença e depois raiva, mas ela aceitou o que eu lhe disse, finalmente. Ofereci dinheiro ou qualquer ajuda que ela e o noivo precisassem para tornar sua casa confortável. Perguntei, inclusive, se gostaria de morar no castelo, pois sempre é possível encontrar emprego.

— Constantin! — Foi o primeiro sinal de reprovação de Sofia. — Teria trazido a filha de sua própria irmã para trabalhar como criada?

— Uma ideia indigna, admito. Eu não sabia o que fazer, sabendo apenas que não poderia trazê-la para reivindicar seu lugar de direito, mesmo que desejasse tal coisa. Não a surpreenderá saber que ela se recusou totalmente a viver sob o mesmo teto que Grigore.

Sofia arfou.

— Não poderia ser ela...

— Absolutamente não. — Constantin foi inflexível. — Uma mulher em sua condição poderia entrar no castelo furtivamente e cometer tais atos? Além disso, não sugeriria isso se a conhecesse. Ela é tão gentil quanto Masha, em todos os sentidos, e totalmente sem maldade, apesar de seu horror pelo que Grigore fez a sua mãe.

Sofia pareceu pensar nisso.

— Confio no seu julgamento, Constantin, mas tem se encontrado com ela. Para que?

— A resposta é dupla. Com Grigore não mais me preocupando, eu queria novamente fazer minha oferta. Está certa, que a posição de uma criada seria insustentável, mas pensei que poderia vir como companheira de minha tia; algo do tipo. — Ele suspirou novamente. — Se eu pudesse convencê-la a vir, daríamos sentido aos detalhes mais tarde. Carmilla sempre se sentiu incomodada com o que aconteceu, e nunca teria sido uma escolha de minha mãe, se ela acreditasse que tinha outra.

— E a segunda parte, Constantin? Tal oferta não precisa ser feita repetidamente. — Havia um leve indício, ainda, do ciúme de Sofia.

— Estando tão perto de seu tempo, eu a convenci a viver com *Doamnă* Dascalu, para que não haja demora em ajudá-la se ela sangrasse como sua mãe. Tenho muitos medos, Sofia, de que estes sejam os últimos dias em que a verei.



Sofia pegou sua mão novamente, desejando de todo o coração poder confortá-lo. Ela nunca tinha visto Constantin tão angustiado, mas sentiu que tinha mais a lhe dizer e que seria melhor ouvir do que dar sua opinião.

Assim percebeu que ele lutou para se recompor, para falar da maneira científica que tinha quando lhe mostrou o microscópio.

— É um dos sintomas da doença, essa propensão a sangrar; e mais rapidamente fatal se alguém sofrer um grande ferimento. Parece afetar mais os homens do que as mulheres, mas tem mais aleatoriedade do que padrão. Os mais afetados geralmente morrem na infância. Minha mãe teve duas outras gestações entre Masha e Laslar, mas os dois filhos morreram muito novos.

O coração de Sofia deu um aperto. Quanto a mãe de Constantin deve ter sofrido.

Ele continuou.

— Mesmo quando pai e mãe não apresentam sintomas da doença, a mácula pode ser transmitida pelas filhas de sua união. Meu próprio pai, Balthazar, não foi afetado, e minha mãe não mostrou nenhum sinal de doença, mas ela e

minha tia são de distante sangue Roznovatu. Qualquer filho delas tem chance de sofrer com a doença, ou de transmiti-la para a própria prole. Minha avó por parte de pai também era uma prima distante de Roznovatu. Então vê como isso é inevitável. Há sangue sobre sangue desta maldita doença, retornando em espirais cada vez menores para esta família.

Ele fez uma pausa, encontrando os olhos de Sofia, como se esperasse que compreendesse tudo o que estava dizendo.

— A doença às vezes parece desaparecer particularmente quando o pai não apresenta sintomas e se casa longe da linhagem. Fiz disso de estudo por muitos anos, querendo compreender a natureza da doença. Talvez saiba que seu pai se correspondeu comigo, enquanto eu estudava em Viena?

Sofia assentiu. Aquelas cartas... todas para seu pai, e nunca para ela.

— Ele tinha apenas um conhecimento rudimentar, mas o assunto o interessou e estava ansioso para acompanhar minhas pesquisas. — Constantin a olhou fixamente. — Principalmente quando descobriu que a linhagem Roznovatu carregava essa maldição.

— Então contou a ele sobre a condição de sua família? — Sua mente estava correndo. — Mas, ele não pode ter entendido! Pois não fez nenhuma objeção ao nosso casamento. Se pensasse que nossos filhos seriam afetados, nunca teria concordado.

— Acredite em mim, nossa família fez o possível para manter a mácula oculta. O mundo não tem conhecimento de nossa aflição, ou seríamos párias. — A boca de Constantin ficou dura. — A maioria dos nossos filhos não chega à idade adulta, o que não é tão difícil de esconder. Durante anos, temi que algum sinal aparecesse, revelando a doença em minha própria constituição, mas passei a acreditar que tinha sido poupado. Convenci seu pai de que havia uma pequena probabilidade de qualquer criança que tivéssemos pudesse ser afetada.

— Entendo... — Uma agitação estava se desenvolvendo em seu estômago. Lembrou-se de ter descido as escadas na manhã seguinte ao casamento. Seu pai e Constantin estavam conversando.

A terrível verdade estava se tornando aparente para Sofia.

— Esperava que seus filhos estivessem livres da mácula, desde que se casasse com uma linhagem limpa.

Gentilmente, Sofia retirou a mão, trazendo-a de volta para o próprio colo.

Ele se casou com ela apenas por isso? O fato de estar tão abaixo dele, sem nenhuma família nobre, era a atração? Claro, nunca teria lhe ocorrido que sua mãe poderia ser parente distante dos Roznovatus... e ela não disse nada sobre isso.

— Foi por acaso que descobri a relação de sua mãe com nossa família. Seu pai não tinha ideia da importância de tais informações, mencionando-as apenas como uma questão de interesse coincidente.

— Foi embora, Constantin! Todos os dias, durante semanas, esperei que voltasse. — Ela não conseguia mais falar, nem conter as lágrimas.

O rosto dele refletia a própria dor dela.

— Achei que seria mais fácil que me odiasse... me culpar, do que saber a verdade. Pois vê agora por que eu desaprovo Laslar e Tatiana. Eles carregam potencial para a doença em ambos os lados, e o resultado é incerto para qualquer filho de sua união.

E os nossos.

Ela não conseguiu responder. Se havia amor entre eles, o que mais importava? Mas não bastava acreditar naquele poder redentor. Precisava que ele acreditasse também.

— Tem mais, Sofia. Já ouviu algumas das maldades de que os homens de Roznovatu são capazes, mas há coisas piores. À medida que Grigore ficava mais aflito, sua mente mudava. Assim procurou uma cura onde nenhuma era possível. Fiz o possível para contê-lo, mas ele era astuto em seus métodos. — O rosto de Constantin estava sombreado de ódio. — Por muito tempo, não quis acreditar que fosse verdade, mas meu irmão estava convencido de que beber sangue purificaria o seu. Ele nunca teria abordado os homens da casa porque não tinha forças para vencê-los, e nem seriam susceptíveis ao seu encanto. Eram as servas que ele caçava, até que nenhuma se aproximasse dele, e nenhuma mulher da aldeia aceitasse emprego aqui.

— Beber sangue! — Sofia recuou. — É bizarro! Grotesco!

Ele respirou fundo.

— Eu me odeio por não ver o que estava acontecendo; por não o ter impedido antes, mas ele era o conde Roznov, e os servos estavam sob seu comando. Meu irmão deve ter oferecido dinheiro ou alguma outra recompensa. Ou talvez tenham se submetido a seus pedidos por medo. Não posso culpá-los; apenas a mim.

Sofia entendia agora por que Constantin havia escondido a história de sua família. E não conseguia imaginar que o homem que ela amava era irmão de tal monstro... um que não apenas corrompeu uma irmã mais nova, mas que abusou de muitas outras mulheres de maneiras que ela não desejava pensar muito.

— Quando descobriu todo o horror disso? — Sofia tinha que saber. O Constantin que conhecia e respeitava não teria ficado parado, tendo a prova de tal desumanidade.

— Eu estava desconfiado há alguns meses, mas nenhuma das mulheres falava comigo, nem mesmo Elena. Carmilla se recusava a ver. Tatiana estava mais disposta a pensar mal de Grigore, mas ela o odiava há muito tempo. Eu não podia contar apenas com ela. Eu precisava de provas, e foi no mesmo dia em que saí para investigar que o peguei no meio de sua depravação. — A expressão de Constantin era miserável. — A sua criada, Olga, estava com ele. — A boca de Grigore estava pressionada contra a veia logo acima do pulso dela e, quando se afastou, vi o sangue em seus lábios. Ele usou algo afiado para abrir uma pequena ferida.

Sofia congelou. Ela não tinha visto o mesmo no braço de Olga e que lhe

disse que era a marca de uma picada de inseto? Por que Olga mentiu? Ela pensou que não acreditaria na verdade? Ou era cúmplice, cedendo aos caprichos de seu mestre para seu próprio ganho, ou algum sentimento de satisfação que Sofia não conseguia entender?

— Mandeí Olga sair do quarto e disse a Grigore que se voltasse a tocá-la, ou a qualquer mulher, eu mesma acabaria com a vida dele. — Os olhos de Constantin ardiam ferozmente. — Ele estava doente o suficiente para que uma morte natural não demorasse, mas sabe o resto, pois voltamos para descobrir que outro havia colocado em ação o que eu havia apenas ameaçado.

Era demais para absorver, mas Sofia ficou feliz em saber que Constantin realmente agiu com honra.

— Então por que quer ficar Sofia? Para fazer parte disso? Veja o que eu já fiz para te machucar. — Ele se levantou abruptamente. — Estou preso aqui, mas pode escapar. Volte para Bucareste ou vá para onde quiser.

Com um grito de consternação, Sofia estendeu a mão para ele.

— Não é seu pai, nem seu irmão. Eu acredito em você, Constantin. Se me amar e amar a si mesmo, podemos escrever o futuro que queremos para nós mesmos. Ninguém pode impedir isso!

— Não sei se isso é possível. — Constantin pressionou os olhos fechados e quando os abriu, eles estavam molhados. — Durma, Sofia, e tranque esta porta. Pois o mal está aqui, quer se permita vê-lo ou não.

APÍTULO

VINTE E TRÊS

Os dias se misturavam e as noites ficavam cada vez mais longas.

Sofia costumava acreditar que a vida era como um rio fluindo, limpo e límpido, levando-a de um ponto a outro; começava-se em um lugar e era gradualmente levada para outro pela maré da vida. Mas este rio estava fluindo muito rápido, levando-a rio abaixo em um ritmo implacável.

Constantin acreditava que o castelo e a família estavam amaldiçoados, e talvez estivesse certo. Os pecados do passado ainda não estavam mortos e alguém desejava vingá-los. Isso estava claro.

Se Sofia ficasse, poderia se colocar em perigo, mas se fosse embora, como seria sua vida, longe do homem que amava?

Ainda assim, não tinha certeza dos sentimentos de Constantin. Ele não a evitava totalmente, mas seus modos eram distantes, e não foi amor o que demonstrou nos estábulos naquela noite. Em vez disso, um desejo de arrebatamento e consumir; um impulso que ele havia condenado em seu pai e irmão.

Tatiana estava feliz, pelo menos, porque ela e Laslar logo partiriam enquanto a rota pelas montanhas fosse transitável, voltando para Paris, para que Laslar pudesse continuar seus estudos. Tatiana floresceria ali. Seu temperamento agitado havia se acalmado bastante desde o retorno de Laslar.

Qualquer que fosse o tempo que os dois tivessem, Sofia sentia que seria cheio de amor e, quando os problemas surgissem, os enfrentariam juntos. Ela desejava tudo de bom a Laslar e Tatiana, mas também tinha inveja, pois não podia deixar de comparar a facilidade de trato de ambos com a tensão que existia entre ela e Constantin.

O marido mantinha-se principalmente em seus aposentos quando estava no castelo, embora com mais frequência cavalgasse... para visitar Kasia, supunha. Verificar também as melhorias da aldeia, de que Olga lhe vinha falando: um novo arado e outros apetrechos agrícolas, tudo de melhor, e mais gado, para pastar em terras comunais.

Ouvir isso a deixou orgulhosa, mas não acalmou seus temores. Essas ações seriam suficientes para apaziguar o ódio no coração de uma certa pessoa?

E quem entre eles abrigaria tal amargura? Sofia passou a pensar em Olga mais como uma amiga do que como uma criada, mas não teve coragem de lhe perguntar sobre Grigore. Uma mulher tinha direito a alguns segredos, e se Olga não queria compartilhar os dela, Sofia relutava em se intrometer.

A medida que a brisa da montanha esfriava, as flores se transformavam em bagas ao longo do caminho da floresta. A mudança de estação do verão para o outono sempre deixou Sofia um pouco melancólica, mas ela mal se conhecia, com tantas mudanças de humor descontroladas... inquieta e aflita em um

momento, chorosa no próximo. O castelo estava exercendo sua influência sobre ela, fazendo com que suas emoções ultrapassassem seu bom senso?

Ela se irritava até com as menores coisas: espartilhos e grampos de cabelo e como seus sapatos para fora de casa agora apertavam. E fazia o possível para não descarregar seu mau humor em Olga ou em qualquer outra pessoa, mas era muito difícil.

Uma noite, na hora de Sofia se despir, encontrou sua camisola enfeitada com os bordados que tanto admirara no traje da própria Olga.

— Que gentileza sua. — examinou as minúsculas flores vermelhas costuradas em cada manga e através do corpete e da pala da peça. — Pontos tão cuidadosos, e tão lindos, Olga. — Sofia ficou muito emocionada, embora desejasse que Olga tivesse pedido permissão antes.

Olga estava claramente satisfeita.

— Bonito, como diz, mas os motivos também têm seu poder. Usá-los perto de sua pele é o melhor de tudo.

Embora não acreditasse particularmente em talismãs, os acontecimentos recentes no castelo a haviam enervado. Se a camisola vinha com os votos de felicidades de Olga, era bem-vinda.

Olga ajudou-lhe a se deitar.

— Agora, coma enquanto está quente. — Ela pegou uma xícara de caldo da bandeja, colocando-a nas mãos de Sofia. — Minha mãe quem fez, para ajudá-la a dormir. A senhora tem se virado muito ultimamente, pelo amaranhado dos lençóis.

Era angustiante saber que até mesmo o estado amarrado de suas roupas de cama não passava despercebido, e Sofia teria preferido muito mais o seu costumeiro leite quente. Porém, sem querer ofender, levou o caldo aos lábios. Um gole lhe disse que era algum tipo de chá de carne, mas amargo por quaisquer ervas que Elena tivesse adicionado. Sofia devolveu-o silenciosamente à bandeja.

No entanto, foi seu leve ressentimento, talvez, que a tornou ousada o suficiente para perguntar o que ela não ousara antes.

Enquanto Olga trazia a colcha, colocando-a sobre a patroa, Sofia observou o local acima do pulso de Olga, onde estivera o pequeno ferimento. Estava completamente curado agora, com apenas uma pequena mancha de pele mais escura remanescente.

— Fico feliz em ver que não tem mais mordidas de criaturas voadoras durante a noite — disse Sofia, deixando Olga ver para onde ela dirigia o olhar.

Olga imediatamente abaixou a manga.

— Não, minha senhora.

Sofia se arrependeu imediatamente de seu questionamento evasivo. Quando alguém tinha algo a perguntar, era muito melhor ser direto.

— Devo dizer-lhe que Constantin confiou em mim. Eu sei que o último conde a tratou com muita indelicadeza e foi o responsável pela lesão acima do seu pulso.

Olga estreitou os olhos, abstendo-se intencionalmente de responder. Sofia sentiu um rubor subir-lhe às faces. Ela não conseguia imaginar como Olga devia se sentir... sabendo que ela era tão filha de Balthazar quanto o próprio Constantin e Grigore, e ainda assim relegada a servir a eles.

— A senhora acredita ter pena de mim — disse Olga, por fim —, mas fui eu que tive pena dele. Ele estava doente e desesperado. Curar-se era impossível, mas ele não podia desistir, pois sobreviver é o instinto mais forte de todos. Isso me deu poder sobre ele, uma criada disposta a suprir suas necessidades.

Como se estivessem falando apenas sobre a roupa que Sofia usaria pela manhã e se o dia estaria bom, Olga sorriu. Como era sua rotina, moveu-se pela cama, desamarrando as cortinas dos quatro postes, puxando-as para fechá-las.

Em seguida passou o caldo novamente nas mãos de Sofia.

— Beba isso e descanse. A manhã chegará mais rapidamente se fizer isso.

Quando ela se foi, Sofia pôs a xícara de lado, pois o caldo não estava do seu agrado. Ela se moveu na cama, mais para baixo das cobertas, buscando conforto. A conversa com Olga a deixara nervosa, pois a resposta não foi o que esperava.

E, embora Sofia não tivesse mencionado seu conhecimento sobre a paternidade de Olga, ela tinha a forte sensação de que Olga havia deduzido isso por si mesma.

A conversa foi totalmente desconfortável, e por isso desejou ter contido sua língua.

Virando-se, passou a mão pelo espaço fresco ao lado dela. A cama era enorme e vazia, e Sofia pensou no marido, desejando que ele dormisse ao seu lado, a cabeça no travesseiro e o corpo quente. Houve uma tempestade naquela noite, o vento se batendo e uivando. Entrando e saindo do sono, sonhou com Constantin, sua boca baixando para a dela no beijo que não podia deixar de ansiar.



Com o passar das semanas, não podia mais negar as mudanças que ocorriam em seu corpo. Olga os havia percebido com bastante antecedência e estava esperando que Sofia as notasse por si só, tinha certeza.

Com os cursos atrasados por mais de duas semanas, foi obrigada a aceitar as consequências do ocorrido no estábulo. Em seu ataque de mau humor, Constantin gerou a mesma criança que ele tão inflexivelmente desejava evitar.

A perspectiva trouxe alegria, mas também tristeza. Pois tal anúncio deveria ser inteiramente feliz. O fato de Sofia estar cheia de ansiedade sobre como contar a Constantin a deixou insuportavelmente triste.

Claro, não poderia esconder dele para sempre, e sua maior esperança era que a notícia pudesse fazer Constantin repensar sua posição. Para o bem ou para o mal, o bebê era dela e dele, e ele certamente amaria seu filho ou filha.

Quanto a Sofia, já estava cheia de devoção pela criança. Embora

Constantin tivesse rejeitado seus esforços para construir intimidade, a criança prosperaria em seu amor e o retribuiria instintivamente.

A noite havia sido mais alegre do que o normal, pois Laslar e Tatiana haviam começado a fazer as malas e partiriam antes do final da semana. Tatiana estava radiante de felicidade. Carmilla, embora um tanto chorosa, concordou em visitar o casal em Paris na primavera seguinte.

Enquanto isso, Sofia soube que a filha de Masha havia dado à luz a uma menina. Ambos estavam indo bem, e a criança parecia ser de constituição forte.

A vida seguia em frente.

Várias vezes durante a refeição, Sofia chegou perto de anunciar sua gravidez para todo o grupo, mas todas as vezes vacilou.

Quando estava novamente em sua cama, repreendeu-se por sua covardia. Não podia continuar como estava. Ela iria até Constantin e lhe contaria diretamente. Seja qual fosse sua reação, não mudaria o que iria acontecer.

O adiantado da hora ditava que deveria estar em seu próprio quarto, em vez de na biblioteca ou em seus outros aposentos privados, e Sofia ficou aliviada ao ver a luz do lampião sob a porta ao se aproximar.

Por um momento, sua mente a levou de volta à noite em que visitou Sigismund em sua torre. Ela estava convencida de que Tatiana e Constantin eram amantes naquela época, e isso lhe causou muita dor. Agora, sabia que as afeições de Tatiana estavam em outro lugar. Deveria ter tornado tudo mais simples, mas sentia-se perturbada como sempre.

Mal havia batido antes de ser atendida, como se Constantin tivesse estado alerta para seus passos na passagem antes de ela se dar a conhecer.

Ele deu um passo para o lado para permitir a entrada dela, fechando a porta silenciosamente.

Ocorreu a ela que era a primeira vez que tinha permissão para entrar no lugar onde o marido dormia... uma coisa realmente estranha, considerando quanto tempo estavam casados, e quanto tempo ela residia no castelo.

Olhou ao redor da sala, cujos móveis eram semelhantes aos da câmara fechada de Balthazar. Ali, o chão estava amplamente coberto por tapetes grossos, e Lupus estava dormindo, deitado de costas perto das brasas ainda acesas da lareira.

A colcha e os lençóis foram retirados da cama e os travesseiros jogados, indicando que ela acordou Constantin para que a deixasse entrar. Isso foi confirmado quando percebeu o vestuário dele. Usava um roupão de seda brocado, amarrado às pressas de um lado. Não havia sinal de roupa de dormir por baixo, o corte profundo das lapelas revelando uma extensão do peito. As pernas de Constantin estavam igualmente nuas e cobertas de pelos escuros.

Sabendo que ele estava nu sob o roupão, desejou muito puxar o cordão e olhá-lo por inteiro. Cinco anos se passaram desde que viu Constantin em toda a sua masculinidade, mas não esqueceu a visão.

Com os pés plantados separados e os braços cruzados, ele a examinou de

volta. A intensidade de seu olhar, sempre tão direto, fez Sofia estremecer.

A questão, agora, era como contar a ele.

O volume de seu estômago ainda era leve, mas se pressionasse a palma da mão ali, na carne sob a qual uma nova vida estava crescendo, certamente adivinharia o que ela queria transmitir.

— Me dê sua mão — pediu baixinho.

Depois de alguma hesitação, ele descruzou os braços, deixando-a virar para a esquerda.

Ela soltou o cordão de seu roupão e seu olhar caiu imediatamente para a protuberância de seus seios sob o fino algodão de sua camisola.

Quando ela colocou a mão sobre a barriga, ele ergueu as sobrancelhas, mas não fez nenhum movimento para se afastar.

— Estou muito tentado, Sofia — a voz dele era rouca — mas sabe por que isso é impossível.

Ela respirou fundo.

— Não pode ficar se punindo. Se Laslar e Tatiana têm chance de serem felizes, por que nós não? — Ela moveu a mão dele para baixo, através da ondulação baixa. — Temos tudo de que precisamos, bem aqui. Temos apenas que aceitá-lo.

Ele franziu a testa, olhando do rosto de Sofia para onde sua palma descansava e vice-versa. Com toda a rapidez, afastou a mão, segurando-a como se ela o tivesse marcado.

— Carrega uma criança! — Foi mais uma acusação do que uma pergunta. Seu terror era grande. Aos seus olhos, o pior havia acontecido.

— Constantin. — Sofia não conseguiu conter um tom de súplica em sua voz. — Teme perder o que pode vir a amar, mas nada precioso vem sem risco.

— Eu nunca quis isso. — Seu tom era gelado.

— Constantin! — O coração de Sofia deu um salto doloroso. — Não fiz isso sozinha. Nós dois éramos cúmplices. Naquela noite do incêndio, você...

— Não há necessidade de me lembrar. — Seu rosto havia adquirido a severidade habitual. — Eu disse que foi um erro que tenha ficado, e estava certo. Aqui está o resultado: uma criança concebida por raiva e desconfiança.

Ele não estava totalmente errado, mas não importava a causa da concepção, Sofia não podia se arrepender.

— Sente-se culpado, Constantin, porque tantos outros morreram e sofreram em sua família, e permanece ileso. Mas esse fato indica que há uma chance. A criança pode ser saudável. Pense na alegria que isso trará ao castelo e a nós. Merece essa felicidade, meu amor.

Ela deu um passo à frente, mas ele recuou abruptamente, como se a proximidade dela lhe fosse repulsiva.



Constantin nunca imaginou que chegaria a isso.

Estava sendo insensível, tratando-a assim, fingindo que a noite em que dormiram juntos não significava nada para ele. Ele agiu como a besta, mas

mesmo naquele momento de abandono, seu amor por ela queimou intensamente.

Se alguém errou, foi ele, já que não fez nenhuma tentativa de se retirar antes de derramar sua semente.

Agora, enfrentariam uma situação impossível.

Sofia parecia forte, mas e se houvesse complicações? E se a fraqueza de seu sangue a matasse durante o parto? E se a criança morresse logo depois de nascer, ou sobrevivesse, apenas para ficar fraca e finalmente perdê-la? Poderia suportar tamanha dor? E Sofia, poderia?

Ela falou que o amor valia qualquer risco, mas ele não conseguiu reunir fé suficiente.

Mesmo que se permitisse acreditar, havia outros fatores a serem levados em consideração. Alguém tinha uma vingança contra a família. O malfeitor havia se escondido nas últimas semanas, mas não tinha dúvidas de que tentariam novamente.

Se a gravidez de Sofia fosse conhecida, poderia inspirar outro ataque, pois ela carregava o potencial herdeiro do nome Roznovatu. A única coisa honrosa era mandá-la para longe. Então, ela teria alguma chance de dar à luz a criança.

A coisa mais gentil, agora, era ser cruel, e mandá-la embora sem remorsos.

— Não se engane, Sofia. Eu avisei que não estávamos destinados à alegria. Eu cuidarei de você e cumprirei meu dever, mas deve partir o mais rápido possível. Vou tomar as providências para que vá a Viena. Pode ter o bebê lá, se chegar a termo.

Ela parecia como se ele a tivesse golpeado.

— Eu não vou! — Mais uma vez ela deu um passo em direção a ele, agarrando-se às lapelas de seu roupão. Estava ofegante, o rosto marcado pela dor. — Não me obrigue, Constantin. Não quero deixá-lo. Eu não posso!

— Não há outro caminho. Nessa questão, eu ordeno. Exijo sua obediência! — Pegando os pulsos dela, a afastou dele. — Não posso proteger a criança da doença que provavelmente carrega em seu sangue. Nem posso protegê-la do trabalho de trazê-la a este mundo. Mas, se houver um assassino entre nós, posso tirá-la de seu alcance.

— E quem cuidará de você? — Ela soluçou, lamentou e lutou, mas ele a segurou com mais força. Logo, ela ficou mole, seu espírito de luta esgotado, embora as lágrimas continuassem a correr em seu rosto.

Constantin nunca se sentira tão impotente, nem tão sem coração.

Acha que não me importo contigo, mas é tudo para mim, minha Sofia.

Seus olhos se encheram de dor inimaginável, e era mais do que Constantin podia suportar. Pegando-a em seus braços, ele a abraçou e embalou, sussurrando carinhos, beijando seu cabelo.

Quando ela inclinou a cabeça para trás, oferecendo os lábios, não resistiu.

APÍTULO

VINTE E QUATRO

Sofia sabia que deveria se afastar, mas o beijo de Constantin roubou sua razão. Com lábios macios ele persuadiu os dela a responder, segurando-a com força o tempo todo, no aperto de seus braços.

Quanto tempo ela esperou por seu toque. Não como antes, pois quando derramou sua luxúria sobre ela, o tomou com a mesma avidez.

Ela ansiava por seu calor e seu cheiro, por seu abraço apertado, para que fizesse amor como tinha feito há muito tempo. Naquela única noite, conheceu a alegria de pertencer a ele e o prazer de saber que ele lhe pertencia.

Fechando os olhos para conter as lágrimas, se rendeu à sensação de beijos trilhados ao longo de sua mandíbula até o ponto sensível abaixo de sua orelha.

Com os dedos no cabelo dele, sussurrou:

— Se precisa mesmo me mandar embora, me dê isso.

Seu coração batia temerosamente, mas a hesitação nos olhos dele ao se afastar foi passageira. Não havia mais nada a perder. Ela já carregava seu filho.

Assentindo, deixou cair seu manto de brocado.

Sofia prendeu a respiração. Ele era tão bonito quanto se lembrava, com músculos desenvolvidos e membros longos. Sua pele pálida era levemente salpicada de pelos, mais grossos no peito, por onde apareciam pequenos mamilos. Mais grosso ainda no centro de seu abdômen tenso, emoldurado de pelos escuros, estava sua masculinidade substancial e seus testículos apertados.

Essa parte dele capaz de dar tanto prazer, inchada e intimidadora, mas aveludada e macia ao toque. Aquela parte dele que se movia dentro dela, conhecendo-a de uma forma que ninguém mais conhecia.

Inclinando-se para ele, roçou seu torso com a bochecha, juntando a almofada macia de seus lábios a seu mamilo, em seguida, estalando-o com a língua. Ele deu um grunhido de desejo, mas não fez nada para contê-la. Somente quando rodeou sua cintura, sua mão se fechou levemente sobre seu pulso. Por um momento, ficaram assim, com o olhar fixo. O calor se acumulava em seu ventre, o calor líquido que lhe permitiria penetrar, acariciar e conduzir suas estocadas.

Ela o queria ali, mas também queria outra coisa... tocar aquela parte dele que lhe dera o filho. Desejava conhecê-lo com a mão e a boca, provar, lamber e sugar, como ele fez com seu seio.

Constantin não se moveu nem falou enquanto ela deslizava para baixo, mas estava ciente de que a observava. Quando se aproximou de seu ninho de cabelo e de sua ereção cheia de veias, sua mão a segurou com mais força,

guiando-se para a base de seu eixo. Ela apertou suavemente e ele gemeu novamente, afastando as pernas.

O cheiro dele chegou até ela, salgado, doce e almiscarado, e tocou a língua até a ponta, onde a salmoura formava gotas.

— Sofia! — Ele gemeu quando ela abriu os lábios, envolvendo-os sobre a cabeça protuberante, tão suave contra sua língua, e moldada para deslizar facilmente entre os outros lábios.

Outra onda de calor e umidade encheu seu sexo, dizendo a ela o que precisava. Ela abriu a boca para deixar mais dele entrar e deixou cair a outra mão para roçar por baixo, mas ele fez um som gutural e recuou os quadris.

Levantando-a, seus olhos brilharam com desejo erótico.

— Doce Sofia.

Ela sentiu que poderia tê-la tomado ali mesmo, levantando suas saias como havia feito antes. Estava pronta para ele, e ele para ela. Em vez disso, o marido desabotoou o roupão dela. Assim que caiu em seus pés, ele tirou sua camisola.

O olhar de Constantin baixou, observando sua nudez.

Seu instinto foi cobrir o corpo, mas Sofia se obrigou a permanecer imóvel, como ele havia feito. Deixe-o olhar, já que desejava que essa fosse a última vez. Deixe-o ver o que havia oferecido livremente e o que estava deixando de lado.

Mais uma vez, esperava que ele a empurrasse... no chão, talvez, se não na cama. Mas em vez disso, ele caiu reverentemente de joelhos, descansando a testa contra o torso dela. Quando ergueu os olhos novamente, era quase como um suplicante, adorando no altar de sua deusa, em contradição com sua protestada falta de fé.

Seus braços envolveram sua cintura, segurando-a gentilmente enquanto beijava a parte inferior de seus seios, então a pequena elevação de sua barriga. Ele afundou mais, roçando o nariz em seu pelo, inalando.

Ela sentiu a protuberância de sua língua, aprofundando a costura onde a penetrou tão brutalmente antes. Sabia o que pretendia, pois havia lhe ensinado na noite de seu casamento, mostrando-lhe o que sua boca podia fazer. Ela ficara excitada além da medida, independentemente de seu estado virgem.

A palma da mão rodeou seu traseiro, erguendo sua perna e colocando-a por cima do ombro. A outra, na curva do quadril dela, manteve-a firme, o que era bom.

De que adiantava ser tímida? Ele estava enterrado em sua umidade, bebendo dela como um homem sedento no deserto. Ela o segurou lá... seus dedos em seu cabelo enquanto ele se banqueteara tremendo entre sua derrota e desespero. Várias vezes implorou para jogá-la no chão e tomá-la para sua satisfação mútua, mas ele segurou firme até que atingiu seu pico só com sua língua.

Só então a ergueu, envolvendo as pernas dela em volta de sua cintura e levando-a para a cama. Ele se deitou de costas, de modo que estava

imediatamente montada nele, seus lábios molhados abertos acima de sua ereção, seus joelhos empurrados para fora por suas coxas musculosas.

Sentando-se, agarrou-se a seu seio, puxando seu mamilo em sua boca, o que provocou um forte puxão através de seu ventre. Levou apenas um leve ângulo de seus quadris para subir acima dele e descer um pouco sobre sua espessura. Com um gemido baixo, ele a puxou para perto, penetrando-a mais profundamente, mas precisou de seu próprio movimento para trazê-lo totalmente para dentro. Quando a base de seu pênis pressionou contra seu monte, ela ofegou com a satisfação de ser estirada e preenchida.

Começou a se mover lentamente, esfregando-se nele, mas ele jogou a cabeça para trás, os olhos vidrados de desejo.

— Por tudo que é sagrado, Sofia, pare de provocar e me foda!

Ela não precisava ser questionada duas vezes. Agarrada aos ombros dele, ela subia e descia, empurrando com força os quadris, cada vez mais rápido. Ele enterrou o rosto em seus seios, xingando e encorajando, proferindo obscenidades que ela teria corado ao ouvir até aquele momento. Mas agora, se deleitava com elas.

Quando a luz ofuscante a tomou mais uma vez, Constantin inverteu sua posição. Empurrando-a para baixo no colchão, ele continuou cavalgando de cima, e ela gritou novamente quando outra onda a quebrou, enviando chamas ferozes sobre seu corpo. Ela rasgou suas costas, arranhando os músculos tensos de suas nádegas, e ele respondeu, indo cada vez mais fundo.

— Sofia —ele estremeceu e rosnou, a bochecha colada ao cabelo dela — Minha Sofia!

Pele na pele, se entrelaçaram. A força total de uma tempestade os carregou, e agora tudo estava quieto, exceto por sua respiração ofegante.

Por fim, ele rolou para longe. Deixando Sofia, localizou seu roupão e sentou-se na ponta mais distante da cama.

Ele falou por cima do ombro, como se não quisesse deixá-la ver seu rosto.

— Poderíamos ter sido felizes, se fôssemos diferentes do que somos, e este lugar não nos prendesse à sua história.

Afastando as cobertas caídas, ela se agarrou às costas dele.

— Uma parte sua tem fome de mim, eu sei. — Com a bochecha encostada no ombro dele, lutou para falar sem chorar. — Não importa o que aconteça, eu sempre serei sua. — Ela tentou passar os braços pela cintura dele, mas ele se soltou e se levantou, afastando-se ainda mais.

— Já chega. — A voz dele estava miserável, mas ainda assim a evitou. — Laslar e Tatiana partem depois de amanhã. Eles a levarão até Sighişoara. Pode permanecer lá até que eu tenha feito seus arranjos futuros.

Um arrepio subiu do fundo do coração de Sofia, espalhando-se por suas veias, transformando tudo em gelo. Não havia amor ali, apenas crueldade, por isso não podia mais lutar para fazer Constantin ver o que significava para ela.

Talvez ele estivesse certo ao pensar que o castelo era amaldiçoado. Era um lugar opressivo, úmido e sufocante, uma cripta da qual não havia escapatória.

Se ela ficasse, seria sepultada pelo desespero, tão certamente quanto o próprio Constantin, pois não poderia viver sem amor, e era a única coisa que ele era incapaz de lhe dar.

A percepção de que havia chegado ao fim de seu caminho trouxe um soco no fundo de seu estômago. Partiria, como ele ordenou; ela e a criança crescendo dentro dela. Como suportaria isso, não sabia, mas não conseguia pensar apenas em si mesma.

Juntando suas roupas de noite, vestiu-se apressadamente, embora seus dedos estivessem dormentes. Suas esperanças se transformaram em cinzas, deixando a casca de quem ela havia sido. Se a brisa a levasse, voaria para longe, como cinzas ao vento.

APÍTULO

VINTE E CINCO

Constantin acendeu o fogo da biblioteca e arremessou outro tronco em cima, assustando Lupus.

— Minhas desculpas, velho amigo. — Com um suspiro, coçou atrás das orelhas do galgo e afundou em sua poltrona de sempre.

O xadrez colocado na mesa lateral chamou sua atenção. Ele havia jogado várias partidas com Laslar, mas foi em Sofia que pensou ao olhar as peças.

Ambos logo iriam embora, e Tatiana. Não demoraria muito para que sua tia fosse a Paris em seu rastro. Isso o deixaria com seus fantasmas como companhia, o que era praticamente o mesmo que acontecia há mais tempo do que ele conseguia se lembrar.

Havia Kasia, é claro, e a criança, que parecia estar bem. Ele estava feliz por terem uma boa relação, mas ela deixou claro que sua casa era com o marido, no vilarejo.

Olhou para a garrafa, depois para o copo, que já enchera três vezes. Eram apenas sete horas. Tarde o suficiente para tornar aceitável a bebida, mas cedo demais para permitir que alguém fique totalmente embriagado. Além disso, beber só o tornava piegas.

Era a última noite de Laslar e Tatiana, deveria se esforçar para ser sociável. A de Sofia também, embora duvidasse que se juntaria a eles.

Inquieto, foi olhar pela janela, embora a vista fosse a mesma que havia deixado dez minutos antes. O sol poente lançava uma névoa dourada sobre as montanhas, iluminando as sombras outonais da floresta e os campos suaves do vale.

O verão estava acabando, junto com essa farsa de casamento. Ele advertiu Sofia desde o início, dizendo que ela estaria melhor em qualquer lugar, menos ali.

Agora, finalmente, partiria.

Ele venceu.

Quanto mais cedo se fosse, mais cedo seria capaz de virar a página dessa bagunça lamentável e tentar reconstruir sua vida. Ele redigiu uma carta para seu advogado em Bucareste, aumentando os subsídios em vigor para Sofia, bem como uma bela quantia que poderia usar para comprar uma propriedade, onde quer que desejasse se estabelecer.

Encontraria parentes para ela em um primeiro momento, mas ela teria sua independência e sua própria residência, pelo menos depois que a criança nascesse.

O vazio era tão sombrio que ele cedeu à tentação do conhaque e estava se servindo de uma dose extragrande quando a porta se abriu.

Laslar entrou, parecendo cansado, mas certamente satisfeito consigo mesmo. Sem dúvida, passara a tarde na cama com Tatiana.

— Exatamente o homem que eu queria ver. — Esfregando as mãos, Laslar foi direto para o decanter, observando enquanto o resto do conhaque enchia o copo de Constantin. — E hospitaleiro como sempre. — Erguendo o cristal, deu um de seus sorrisos habituais. — A sua saúde e a minha!

Recuando uns bons centímetros, Laslar escolheu a mais confortável das poltronas e reclinou-se com ar satisfeito.

Lupus imediatamente se ergueu, trotando para cumprir suas obrigações no departamento de carinho.

— Esse era o meu copo, mas de nada. — Constantin conteve sua irritação. Ele teve conflitos suficientes com Laslar ao longo dos anos. Nos últimos dias, ficaram mais próximos do que nunca, e estava grato por isso. Não gostaria que se separassem em termos ruins.

— Falando em saúde, está horrível. — Laslar examinou seu irmão com uma sobranceira arqueada. — Espero que me diga que é pela aplicação excessiva de seus deveres conjugais, e não por chafurdar em seu habitual infortúnio auto infligido.

Constantin cerrou os dentes. Era típico de Laslar acertar em algo próximo da verdade enquanto estava totalmente errado em outros aspectos.

— Estou bem. — Devolvendo a rolha ao decantador, Constantin ocupou a outra cadeira. — Estou cansado de revirar os livros contábeis, certificando-me de que haja fundos para mantê-lo da maneira a que se acostumou.

Laslar sorriu, erguendo o conhaque em um brinde fingido.

— Agradeço muito. Farei o possível para contar com sua generosidade bem depois de qualquer data que possa ter previsto.

Constantin não pôde deixar de sorrir um pouco. Seu irmão mais novo sempre teve esse efeito sobre ele, mesmo quando simultaneamente queria estrangulá-lo.

— Em troca, pedirei sua generosidade, pois disse a Sofia que ela pode dividir a carruagem com vocês até Sighișoara.

— Sofia? — Laslar sentou-se um pouco mais ereto. — Ela não está doente, está? Seu novo médico não deve chegar a qualquer momento?

— Ela está bem; simplesmente está de partida. — Constantin desviou o olhar para o fogo.

Com muito cuidado, Laslar pousou o copo e inclinou-se para a frente.

— Isso explica que pareça ter merda particularmente fétida debaixo do nariz.

Constantin virou bruscamente.

— É lamentável, mas estamos de acordo. — Afastou a imagem que lhe dilacerava a alma, as lágrimas que corriam pelas faces de Sofia enquanto lhe implorava que não a afastasse da sua vida.

Laslar fitou-o com um olhar de seriedade incomum.

— Ou levou um chute na cabeça daquele seu cavalo demoníaco ou precisa

de uma surra para recuperar o juízo!

Constantin agarrou os braços de sua cadeira com os nós dos dedos esbranquiçados.

— Não sabe o que está falando! Estou liberando-a de uma promessa que ela nunca deveria ter feito. Continuaremos casados apenas em termos legais.

Laslar soltou uma gargalhada.

— E ela está encantada com isso, não é? Deus do céu, irmão, é realmente tão cego?

Constantin lutou contra a raiva que crescia dentro dele. Laslar nunca havia entendido a gravidade de sua doença ancestral, nem a importância de contê-la na medida do possível. Ele era dominado por impulsos hedonistas, como demonstrava amplamente seu caso com Tatiana.

— Não vê que ela te adora? — Laslar estava franzindo a testa agora. — Mesmo lento como é, certamente está ciente disso. É um bastardo miserável na melhor das hipóteses, mas vi o jeito que olha para ela. Inferno... até abre um sorriso de vez em quando!

Constantin reagiu.

— É porque a amo que a estou libertando, embora não espere que entenda!

Laslar recostou-se na cadeira com uma expressão presunçosa.

— Ah! Então é assim. Nosso senhor e mestre admite que tem um coração, e algum canto dele bate mais rápido com a menção do nome de uma certa senhora.

Não pela primeira vez, Constantin teve vontade de desferir um soco no nariz de Laslar. Talvez fosse por isso que seu irmão mais novo gostava de provocá-lo, sabendo que Constantin nunca ousaria retaliar fisicamente.

— Seu problema é que, se não se importa que eu diga — os olhos de Laslar dançaram maliciosamente, — é que está tão preocupado em ser honrado que não consegue ver as consequências de toda essa magnanimidade.

— E tenho certeza de que está prestes a me esclarecer. — Constantin cruzou os braços.

Laslar pegou seu copo novamente, tomando um gole vagaroso.

— Ninguém duvida da sua decência, nem da sua integridade, mas tem direito à sua chance de viver. Sofia é boa para você e para este lugar. Portanto, deveria estar implorando para ela ficar. — Uma sombra passou pelas feições de Laslar. — Em breve será o último de nós, então aproveite ao máximo, certo?

Constantin engoliu em seco. Laslar fez um trabalho razoável em esconder como se sentia em relação ao futuro e como as coisas provavelmente acabariam para ele, mas o medo era real. Ele podia morrer amanhã ou sobreviver por mais uma década. E se fosse realmente afortunado, poderia terminar seus dias devastado pela dor, como Sigismund havia feito.

O mesmo poderia ser dito para qualquer homem, supôs, mas a diferença era que Laslar estava determinado a não perder um momento, agora que tinha a chance de estar com Tatiana.

Quanto à prima, quando chegasse a hora, ela sofreria, mas não duvidava que fosse escolher esse caminho em vez de deixar Laslar afastá-la. Isso a machucaria muito mais.

Constantin deu um pequeno aceno de cabeça.

— Não posso prometer... — Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, houve uma batida na porta da biblioteca.

Abriu-se abruptamente e a governanta deu um passo para dentro do quarto.

— Com licença, *Stăpânul*. — Como sempre, dirigiu-se a ele da maneira mais solene, embora fosse quem o banhava e vestia desde o início, como fizera com Grigore e Masha na infância. — Se eu puder convidá-lo para a antiga câmara de seu pai, sua condessa me enviou para buscá-lo.

Uma centelha de esperança acendeu no coração de Constantin. Ele não tinha ideia do porquê Sofia escolheria aquele quarto de todos no castelo para seu encontro, um terreno neutro talvez. Ele não merecia sua lealdade nem sua confiança, mas seria o rei dos tolos se a deixasse partir sem dizer o que realmente significava para ele.



Ao entrar na câmara encoberta, não pôde vê-la imediatamente. Já fazia algum tempo desde que visitara o local, pois não havia nada para inspirar boas lembranças.

Ela estava na sacada? As cortinas estavam fechadas, mas o tecido pesado se mexeu.

— Sofia? — Ele abriu as cortinas.

Como havia pensado, uma das portas altas que davam para a sacada estava entreaberta. Deslizando, se aventurou na plataforma, mas a encontrou vazia.

Ele franziu a testa, sem saber como proceder, e então um pensamento terrível o atingiu.

— Sofia! — Ele se inclinou sobre o corrimão, examinando o jardim murado abaixo.

Se ela tivesse caído...

Não! Não poderia ser!

O sol havia mergulhado em sua última porção, mas havia luz suficiente para ver, graças à lua nascente, prateada contra o céu mais escuro do leste.

Para seu alívio, não havia nenhum sinal dela.

Ele chamou novamente, agora desamparado. Foi algum truque cruel para atraí-lo ali, apenas para desapontá-lo? Nesse caso, não merecia menos, embora nutrisse esperanças de seu perdão.

Algun som de dentro da sala o fez virar e ele ficou surpreso ao ver Elena.

— *Doamnă* Albescu, foi para cá que indicou que eu viesse? Onde está sua senhora?

Sua expressão era febril, tão diferente de sua compostura habitual.

— Morta e enterrada, como se não soubesse!

O pânico cresceu no peito de Constantin.

— O que é que fez?

— O que eu fiz? — Ela tremeu. — Não fui eu quem matou minha ama, minha querida condessa Ana! Procure em seu pai as mãos manchadas com o sangue dela!

Constantin respirou fundo várias vezes. Ela não tinha, então, prejudicado Sofia. Em vez disso, sua mente voltou à morte de sua mãe.

Elena estava sofrendo dos pensamentos confusos que vinham com a idade avançada? Ele não havia notado nenhum sinal, mas estava tão ocupado. Seja qual for a causa, Elena esteve com a família toda a sua vida. Era uma serva leal. Independentemente do que havia causado esse humor estranho e terrível, ela merecia sua compaixão.

— Foi há muito tempo, e meu pai era inocente. — Falou baixinho. — A morte da minha mãe foi um acidente... nada mais.

— Inocente! — A voz de Elena aumentou de tom. — Ele a matou muito antes de ela cair desta sacada. O senhor acha que ela não sabia sobre os casos dele! Pedaco por pedaco ele a quebrou, assim como destruiu minha própria felicidade!

— *Doamnă* Albescu... Elena, a senhora está cansada. Uma bebida reconfortante perto do fogo irá restaurá-la. — Constantin fez menção de entrar, mas ela o segurou pelo braço.

Seus olhos tinham um olhar selvagem.

— Quando ele descobriu que eu estava grávida dele, ele me fez casar com o mordomo que era um homem com três vezes a minha idade! Ainda assim, Balthazar rastejava para minha cama, me tratando como uma prostituta!

— Pare com isso! Está sobrecarregada. — A história de Elena não o surpreendeu, nem o conhecimento de que Olga havia sido gerada por seu pai; ele havia adivinhado isso muito antes. Ainda assim, não desejava ouvir um catálogo das contravenções do falecido conde.

Ignorando-o, Elena continuou, seus lábios puxados em um sorriso de escárnio.

— Deixei-o viver por causa de Ana, mas quando ela se foi, tomei a vingança que cobiçava. Vocês, homens de Roznovatu, sempre atraentes e sedutores! Ele não estava tão bonito depois que terminei com ele!

Com repulsa, Constantin deu um passo para trás.

— Mas o tiro saiu pela culatra. — Constantin disse.

— Você acha? — Ela deu uma risada maníaca. — E quem foi que empurrou lama para dentro do barril?

Constantin recuou.

— A senhora matou Grigore também?

Os olhos de Elena brilharam sombriamente.

— Meu único erro foi esperar tanto. Pelo bem de Ana, dei a ele uma chance, mas ele só desceu ainda mais na degradação. Não me diga que não viu; que não sabia!

— Deveria ter vindo até mim, Elena. Juntos, poderíamos ter feito algo. —

Mesmo enquanto falava as palavras, Constantin sabia que soavam fracas. Elena estava certa ao dizer que era cego, e ele carregava a culpa sozinho, por ignorar os pecados de Grigore por tanto tempo.

Elena zombou.

— E que atitude teria tomado? Confiná-lo em seu quarto, talvez? Ele tinha que morrer!

Ela se lançou para ele, mas Constantin estava pronto desta vez, e disparou de volta pela porta aberta. Assim que abriu as cortinas, entretanto, viu por que ela o manteve falando na sacada por tanto tempo.

As chamas lambiam as cortinas que cercavam a cama. Não havia tempo a perder! Ele deveria sair e alertar a família.

Correndo, foi até a porta, apenas para descobrir que não abria. Elena certamente era louca, mas planejava bem. Ele puxou e sacudiu a maçaneta, então chutou a fechadura.

Uma risada alegre do outro lado da sala chamou sua atenção de volta para Elena e ele teve tempo de vê-la desaparecer mais uma vez para a varanda.

— A chave! Me dê! — Abrindo as cortinas, ele a seguiu. Ela já estava tirando o que ele precisava da pequena bolsa em sua cintura. — Não! — Constantin agarrou seu pulso, mas era tarde demais. A chave lançou um arco no ar.

O rosto de Elena se contorceu.

— Nós dois morreremos nesta sala, e o castelo queimará até as pedras nuas!

Constantin olhou de volta para a câmara. A fumaça escapava pelas cortinas. Ele poderia gritar por socorro, mas de que adiantaria se os outros não conseguissem arrombar a porta?

Não havia nada a fazer senão extinguir o fogo rapidamente. Juntos, eles poderiam pisar nas chamas e lançar os tecidos sobre a sacada. Poderia até realizar a tarefa sozinho, mas não com Elena o atrapalhando.

— O fogo vai se espalhar se não fizermos nada para contê-lo. Ajude-me, eu imploro. — Pegou Elena pelos ombros, mas os olhos dela brilharam com pura maldade.

— Nunca! — Com mais força do que esperava, Elena o empurrou para trás contra a balaustrada. — Deixe queimar! É aquela sua mulher, achando que poderia ocupar o lugar da minha Ana. Ela e a criança! Acha mesmo que eu não sei? Melhor que nunca nasça.

A criança! E sua querida Sofia.

Todos aqueles anos perdidos, e agora não havia mais tempo. Ela veio ao Castelo Roznov em busca de segurança e amor, mas ele não lhe deu nenhum dos dois, apesar dos apelos de seu coração.

Ele gemeu de dor. Talvez merecesse a morte, pois havia decepcionado a mulher que mais merecia seus cuidados.

Constantin se contorceu, tentando evitar as garras de Elena em seu rosto, mas seu pé escorregou. Um lampejo de dor perfurou seu crânio. Suas pernas

cederam. O mundo estava de cabeça para baixo, o céu noturno obscurecido por vapores fuliginosos.

Ele vislumbrou uma saia de lã cinza, com a bainha rasgada. Botas escuras de cadaço pisaram em seu peito antes de subir na beirada da sacada.

Ele sentiu um breve movimento no ar e um baque distante, antes de sucumbir à escuridão.

APÍTULO

VINTE E SEIS

Sofia acordou desanimada, quase sem vontade de sair da cama, mas já havia sofrido dor e perda antes. Por mais que desejasse se esconder do mundo, se recusava a sucumbir à melancolia.

Além disso, se partisse na manhã seguinte, precisava fazer as malas. Pelo menos a atividade a mantinha ocupada, e principalmente a reserva de vários presentes para Olga e as outras mulheres que serviam no castelo.

Tatiana e sua mãe vieram até ela à tarde, Tatiana conversando animadamente, enquanto Carmilla estava subjugada, claramente triste por perder não apenas a filha, mas a companhia de Sofia.

Na maior parte do tempo, manteve-se enclausurada, temendo a possibilidade de encontrar Constantin. Sua alma ferida era muito frágil para enfrentar outro encontro que só poderia inspirar dor.

Havia contradições no comportamento de Constantin em relação a ela, mas nada ambíguo em suas palavras finais. Qualquer que fosse o carinho que nutria por Sofia, suas dúvidas superavam qualquer tênue sentimento.

Independentemente das esperanças que nutrira nas últimas semanas, sabia que deveria aceitar a decisão dele. Talvez, um dia, Constantin cedesse, mas ela não podia atribuir sua felicidade a essa incerteza.

Elena veio ela mesma com uma xícara de seu caldo especial, incitando-a a beber e descansar, em preparação para as dores da jornada. Como antes, deixou-o de lado, pois não gostava do gosto amargo. Elena misturou a sopa com algo para fazê-la dormir, sem dúvida um pensamento gentil, mas Sofia tinha a criança para pensar. Tais remédios tinham resultados desconhecidos.

Quando o crepúsculo começou a cair, vestiu sua capa e saiu pelo pátio para visitar o jardim murado que tanto amava. O ar seria refrescante, e as rosas de floração tardia e as clematis exalavam seu perfume mais forte à noite.

Esfregando as mãos no alecrim plantado em ambos os lados do caminho, ela se dirigiu a um dos pequenos caramanchões sob a parede íngreme do próprio castelo. Os últimos raios de sol haviam desaparecido. Ainda assim, fechou os olhos, deixando aquele último calor cair sobre seu rosto voltado para cima, ouvindo o farfalhar das árvores frutíferas próximas.

Mesmo aqui, onde ela se sentia mais em paz, seu desejo por Constantin se fechava em seu coração. E quase podia ouvi-lo chamando seu nome.

Tentou esvaziar sua mente, mas novamente ouviu seu nome na brisa, como se Constantin estivesse implorando para que respondesse.

Ela olhou para as paredes de pedra do castelo, seus pináculos e torres escarpadas contra o céu, pálidas como a morte na penumbra violeta.

A parte inferior da sacada da torre ficava acima. Vozes fracas desceram, e

pensou no que Carmilla havia dito, que às vezes ela acreditava ter ouvido Ana chamando-a dos quartos naquela mesma torre, embora os aposentos estivessem vazios.

Como a mente prega peças em nós.

Com um suspiro, voltou sua atenção para a beleza do jardim, admirando as bagas brilhantes prontas para serem colhidas nos arbustos de framboesa opostos onde estava sentada.

Por capricho, ela se levantou, desejando provar sua doçura. No entanto, mal dera um passo quando algo voou diante dela, pousando com um som tilintante no caminho.

Sofia olhou para o céu, mas não viu nenhum pássaro que pudesse ter deixado cair uma pedra. Aproximando-se, captou um brilho de metal e viu que o objeto era uma chave... uma chave bem grande, que caberia nas pesadas portas do castelo. Franzindo a testa, se abaixou para pegar.

Alguém a jogou no chão? Se sim, de onde?

Movendo-se mais ao longo do caminho, olhou para a varanda. Houve movimento ali, e duas vozes foram ouvidas. Ela discerniu palavras estranhas: queimar e fogo.

Era muito estranho.

Constantin pediu que a lareira fosse acesa, com a intenção de usar o quarto de seu pai?

Sofia deu um passo para trás, esperando ver mais, e reconheceu Elena, a governanta. Quem quer que estivesse com ela agora havia desaparecido de volta para dentro, supôs.

E então uma coisa muito mais estranha aconteceu. Elena estava subindo na balaustrada!

Sofia respirou fundo para gritar em advertência, mas sua voz congelou quando *Doamnă Albescu* saltou, suas saias batendo enquanto ela descia para a terra.

Sofia fechou os olhos com força.



Quando os abriu novamente, não conseguiu evitar o vômito.

A figura quebrada jazia imóvel no caminho, a cabeça em um ângulo não natural em relação ao corpo, mas Sofia forçou-se a se aproximar.

Os olhos de Elena estavam arregalados e sua boca frouxa; um filete de sangue emergiu de um lado.

O que a fez fazer tal coisa?

Cambaleando para trás, Sofia encostou-se na parede do castelo. Ela iria buscar Oleg e Florin, para eles levarem Elena para algum lugar tranquilo lá dentro. Olga não devia ver a mãe assim. Sua dor já seria terrível o suficiente sem tal imagem.

Respirando fundo, Sofia se preparou. Foi então que ela notou o cheiro acre de fumaça.

Plumas de cinza fluíam da sala que dava para a varanda. Alguém

realmente acendeu a lareira e a deixou sem supervisão. Um pedaço de madeira deve ter caído e incendiado algo! Havia alguém lá?

Alguém estava lá? E a segunda pessoa que ela ouviu? Teria sido Constantin? Ele realmente estava chamando por ela?

Nada fazia sentido, mas parecia provável que a chave pertencesse à porta do quarto acima. Quem quer que estivesse lá, não conseguiria escapar da sala cheia de fumaça! E ela estava de posse da chave, ainda apertada na palma da mão.

Sofia correu o mais rápido que seus pés permitiram.



Enquanto Sofia contornava a espiral da escada ascendente, Laslar estava chutando a porta, embora com pouco efeito. O sólido carvalho balançou, mas era muito forte para ceder.

— É o Constantin! — Laslar respirou fundo. — Elena veio buscá-lo, dizendo que era seu pedido, mas eu a vi passar pela janela da biblioteca. Eu subi para dizer a ele, mas a porta está trancada e, —ele deu outra inspiração trêmula — olhe!

Sofia já estava encaixando a chave na fechadura, mas fios de fumaça saíam do pequeno vão, onde a madeira encontrava as lajes.

Suas mãos tremiam. Se a parte de dentro da maçaneta também tivesse caído, ter a chave não faria diferença, embora eles tivessem uma chance maior de chutar os rebites da trava.

Quando a porta se abriu, ambos recuaram para os degraus mais altos, Laslar tossindo violentamente.

— Vou entrar! — Laslar levou o braço ao rosto, preparando-se para entrar na sala, mesmo enquanto ofegava em busca de ar.

Sofia agarrou a barra da jaqueta dele.

— Está exausto! Busque ajuda! Baldes de terra e água. Traga todos!

Sem esperar por sua resposta, ela tomou um gole de ar fresco de cima, levantou a capa para cobrir o rosto e disparou pela porta.



A fumaça fez seus olhos lacrimejarem, mas podia ver bem o suficiente para certificar-se de que o caminho para a varanda estava livre. Prendendo a respiração, ela correu pela câmara, passando pela cama em chamas. As cortinas de ambos os lados das portas distantes começaram a fechar o caminho, as chamas lambendo a borda inferior, mas ela conseguiu passar.

Ela o viu imediatamente, deitado de bruços na plataforma saliente. Empurrando a porta fechada atrás dela, ela soltou o ar.

— Constantin! — Ela sacudiu os ombros dele. — Acorde!

Ele não respondeu, embora suas pálpebras tremessem. Ela deu um tapa em sua bochecha, em seguida, beliscou seu nariz, mas nenhuma ação o comoveu.

De volta às portas, a fumaça ficou mais espessa. De ambos os lados, o amarelo e o dourado saltavam mais alto, consumindo o fino tecido das

cortinas.

Se eles quisessem escapar, ela tinha que agir agora, e não havia nada a fazer a não ser colocar Constantin em segurança.

Ninguém mais poderia ajudar, e Constantin precisava dela!

O que aquele ridículo Guia para uma Lady diria sobre uma situação como essa? Havia um capítulo sobre como salvar seu marido de uma sala em chamas?

Deus me ajude!

Agarrando seus pulsos, ela o puxou, então tomou o mais profundo suspiro que conseguiu antes de abrir as duas portas.

A fumaça subiu, acompanhada por uma onda de calor, mas Sofia não podia se permitir ficar com medo. Com toda a sua força, arrastou Constantin além das cortinas flamejantes.

Você consegue! Tem que fazer isso!

De novo e de novo, ela puxou os braços de Constantin, movendo-o alguns centímetros de cada vez, mas a fumaça ardeu em seus olhos. Não conseguia mais segurar a respiração. Soltando-o, imediatamente ofegou com o ar pungente.

Caindo de joelhos, ela soltou um soluço de frustração. Não tinha forças para fazer isso sozinha, mas não podia deixá-lo!

Se eles saíssem desta sala vivos, ela lhe diria. A vida era muito preciosa, e seu amor por ele muito forte para abandoná-la. O que ela estava pensando? Sempre valeria a pena lutar pelo amor deles, por isso nunca desistiria.

Sobre a cama, as chamas crepitavam mais alto, enviando fuligem negra para o teto. Em quanto tempo as vigas do teto pegariam fogo?

Levantando-se novamente, Sofia renovou seu esforço, mas desta vez, Constantin foi muito mais longe.

Ela sentiu uma cutucada e viu que não estava mais sozinha. Alguém... Laslar ela acreditava, agarrou o outro braço de Constantin e estava puxando ao lado de Sofia.

Não havia tempo para pensar, apenas para puxar com cada grama de sua força.



De repente, havia mais pessoas os cercando. Tatiana pegou os pés de Constantin e, quando já estavam na escada, Oleg assumiu, conseguindo carregar seu mestre. Ele o deitou na passagem lateral enquanto todos os servos trabalhavam furiosamente, transportando a água e a terra que extinguiriam o fogo.

Sofia desabou no chão ao lado de Constantin.

— Estou bem. — Seu peito arfou, mas sorriu fracamente para Laslar e Tatiana. — E ele está vivo. Eu sei que está! Vão! Ajudem os outros.

Está, não está?

Ela se contorceu para colocar a cabeça de Constantin em seu colo, balançando-o contra ela.

Suas lágrimas caíram, deixando marcas em seu rosto. Seu cabelo tinha chamuscado levemente e havia um certo grau de vermelhidão no lado direito, mas ele parecia ileso. Ela também não parecia pior pelo desgaste, embora seu peito estivesse pesado.

Seus olhos se moveram sob suas pálpebras e sua testa se enrugou.

— Constantin! — Rapidamente, ergueu os joelhos, apoiando-o na posição vertical.

Em resposta ele balbuciou, então arrastou sua própria respiração difícil. Virando a cabeça, piscou. Olhos verdes lutaram para se concentrar nos dela.

— Está vivo! — Sua voz estava embargada.

— Claro que estou. — Levando a mão à bochecha dele, ela o embalou. — O fogo! — Ele tentou se virar, mas Sofia o silenciou.

— Quase extinto. Tudo vai ficar bem. — Ela esperava que fosse verdade.

— Vai ficar? — Por mais rouco que fosse, falava com força. — Farei qualquer coisa, mas não deve ir embora.

O coração de Sofia deu um salto quando ela sentiu novas lágrimas surgirem.



A boca de Constantin tinha gosto de cinzas e sua garganta doía, mas ele precisava falar, dizer o que deveria ter dito antes.

— Nunca deixei de me importar contigo. — encontrou sua mão e colocou a dele sobre ela. — Conhece minha história, com todos os seus terrores — ele engoliu em seco, umedecendo os lábios secos — mas é a única parte que não é trágica. — ofegou, determinado a se fazer ouvir. — E conhece todos os pedaços da minha alma que são dominados pelo medo. Sem você, nunca serei inteiro, mas não quero que fique por pena.

Ele a amou por tanto tempo, sem acreditar que poderia amá-lo de verdade, se ela conhecesse todos os segredos sórdidos. Mesmo quando ela sabia de tudo e havia declarado sua devoção, ele teve medo de perdê-la para a mesma doença que manteve escondida dela.

E a criança...

Ele nunca ousara ter esperanças de ter um filho ou uma filha. Não havia garantias de felicidade, quer o bebê fosse saudável ou doente, mas a criança seria deles... um presente a ser valorizado.

Ele acariciou o queixo dela com o polegar.

— Ainda me quer, Sofia?

Ela o olhava com tanta ternura que ele sentiu que havia esperança para o perdão dela e para tudo o que viria. Perdoar o passado seria apenas parte de sua jornada.

— Eu te amei desde o início e sempre amarei. Nada importa, só que acredite em nós. — Seus cílios estavam molhados e ela tremia, mas baixou a boca até a dele, e seu beijo lhe deu uma certeza.

A euforia o percorreu quando sentiu a gentileza de seus lábios e seu coração acelerado pressionado contra seu peito.

Uma tempestade havia passado, mas haveria outras para suportar. Ele tinha fé que eles iriam superar, não apenas porque se amavam, mas porque era nessas horas mais sombrias que mais precisariam um do outro.

— Eu te amo. — Foi muito mais fácil do que ele pensava. Agora que lhe disse isso, queria repetir uma centena de vezes.

Não queria que ela duvidasse disso novamente.



Pouco mais de um ano depois...

Colocando a bebê Anya no tapete ao lado de Lupus, e a filha de Kasia, a pequena Mashenka, Sofia suspirou feliz. Nunca imaginou que a cena diante dela seria possível, mas Constantin fez tudo ao seu alcance para reunir aqueles de quem era seu dever cuidar.

— Devo agradecer-lhe, Olga — ela e Kasia se juntaram a Sofia na sala de estar de Carmilla, — por assumir o papel de governanta e por persuadir mais aldeões a nos ajudar aqui no castelo.

Levantando o bule, Sofia tornou a encher as três xícaras.

Levou muitas semanas para Olga se recuperar do choque da morte de sua mãe, para não mencionar seus sentimentos de culpa por descobrir a participação de Elena nas mortes de Grigore e Balthazar. Mas seu casamento com Oleg ajudou muito a aliviar sua dor. Os dois agora ocupavam a Torre Leste, que Sofia reformara com a ajuda de Olga.

Sofia pediu que a antiga criada dissesse se preferia fazer uma nova vida com o marido, em Sighișoara, talvez, mas Olga insistiu que o castelo era seu lar e que sua afeição por aqueles dentro dele era mais forte do que qualquer desejo de partir.

Sofia compreendia inteiramente esse sentimento. Ela fora ao castelo buscando não apenas a segurança de um lar, mas ansiando pelo conforto de pertencer mais uma vez a Constantin e de fazer parte de uma família.

Suas esperanças foram realizadas mais abundantemente do que jamais poderia ter previsto.

Sorriu com carinho para Olga que, além de meia-irmã de Constantin, se tornara sua confidente mais próxima.

Kasia também era uma amiga querida. Ela tinha ficado mais à vontade ultimamente, acostumando-se a visitar o castelo. E foi inflexível em manter sua casa entre os aldeões, mas Sofia refez o convite para que pegasse aposentos no castelo, se assim desejasse.

Kasia pelo menos concordou que Mashenka se juntasse a Anya em algum momento futuro, para receber instruções de uma governanta. Sofia esperava, muito, que Mashenka e Anya se tornassem grandes companheiras de brincadeiras.

Sofia voltou-se para as duas mulheres.

— Devo contar sobre a carta de Carmilla, que chegou ontem mesmo. Sabe que Laslar concluiu seus estudos em Paris, e ele e Tatiana estão residindo agora na costa de Amalfi. Tatiana começou a pintar a óleo, depois de se misturar com alguns tipos raros da Boêmia em Paris. Parece que é muito boa

nisso, segundo Carmilla. Enquanto isso, Laslar abriu uma pequena galeria para mostrar suas telas. Algumas até encontraram compradores!

Sofia não pôde deixar de sorrir, sabendo o quanto isso agradaria a Tatiana.

— E a baronesa? — Olga ergueu uma sobancelha — Ela volta para nós, ou ficará com eles?

— Uma velha amiga dela tem uma villa não muito longe de Sorrento... Agatha, a quem planeja visitar. Então imagino que ela fique lá por um tempo. O sol é bom para ossos velhos.

Pedindo licença, Sofia foi até a janela, abrindo-a para deixar entrar o ar do fim do outono e olhar para baixo, para o jardim murado.

Constantin estava lá, sua cabeça inclinada para a de Oleg, mais baixa, discutindo algum novo método de rotação dos vegetais. Embora ele continuasse seus estudos científicos, seu tempo era passado com mais frequência ao ar livre, supervisionando a reconstrução da igreja da vila e várias inovações agrícolas.

Mesmo depois de todo esse tempo, seu pulso encontrou um ritmo mais rápido ao vê-lo. Dando tapinhas nas costas de Oleg, Constantin olhou para cima, protegendo os olhos contra o sol da tarde. Vendo Sofia na janela, ergueu a mão em um aceno.

Ela devolveu o gesto com a adição do pequeno sinal que eles haviam planejado há algum tempo, e seu estômago deu um frio na barriga.

— Kasia, posso lhe pedir que cuide de Anya para mim, só por um tempo? Olga lhe fará companhia, talvez?

— Claro. — Kasia trocou um olhar compreensivo com Olga. — Leve o tempo que precisar.

Sofia sentiu as bochechas corarem, mas não perdeu tempo em atravessar o castelo para emergir no pátio.

Constantin estava passando pelas portas do estábulo.

Assim que ela entrou, uma mão envolveu seus olhos por trás.

Uma voz rouca sussurrou em seu ouvido.

— O que a traz aqui, minha condessa?

Ela inclinou o pescoço para que ele pudesse se aninhar ali, e estremeceu quando os lábios dele encontraram sua orelha, brincando com o lóbulo.

— Quer que eu te tome no feno? Para lhe fazer chorar e implorar e chorar de novo? — A outra mão dele alcançou a cintura dela.

Puxando-a para perto, ele pressionou contra seu traseiro, para que ela não tivesse dúvidas de sua ânsia de levar adiante sua provocação proposta.

— Todas as coisas boas começam com um beijo. — Ela riu sem fôlego.

Constantin empurrou a porta do estábulo com o pé.

— E onde devo te beijar primeiro?

Ela a inclinou rapidamente para o lado, de modo que perdeu o equilíbrio e dependeu de seus braços fortes para não cair. Ela riu novamente quando ele a levantou, jogando-a no ar antes de correr para a baía vazia mais próxima.

Lá, ele a seduziu completamente, até que ela se deitou em um estado de

êxtase exaltado, sonolenta e saciada.

Então, ele se apoiou em cima dela, acariciando seus cabelos.

— Minha linda Sofia. — Seu olhar encontrou o dela. — É tanto o meu destino quanto as montanhas e florestas e riachos da minha terra natal. Sua presença aquece essas frias paredes de fortaleza e nutre esse coração solitário de inverno. — Pegando a mão dela, ele a apertou contra o peito nu. — Despertou-me para o que poderia ser.

Sofia não precisava adivinhar o amor dele, pois brilhava em seus olhos. Mas não demorou muito para que o olhar que ele deu se tornasse alegre novamente, e mais do que um pouco lascivo. Ele começou a beijá-la nos lugares que a faziam se mexer, se contorcer e suspirar, e sussurrou carinhos que são para os ouvidos apenas de marido e mulher.

Ela esperou tanto tempo para ser conhecida através do amor. Agora, estava completa, sabendo que nada era impossível, porque ela era dele, e ele sempre seria dela.

GUIA DE UMA LADY.

COMO LIDAR
COM UM DUQUE

BEM-DOTADO



Lorde Theodore Rockley, décimo primeiro Duque de Pembridge, está cercado com tudo o que um homem pode desejar.

Boa aparência.

Charme.

Intelecto.

Uma rica propriedade.

E uma enorme espécie de... esplendor masculino.

Tão formidável, na verdade, que nenhuma mulher foi apta a conquistar o seu topo.

A escandalosa aventureira Estela Bongorge só quer uma coisa do delicioso Lorde Rockley e nunca foi derrotada em um desafio.

Conseguirão eles descobrir uma solução para o dilema do bem-dotado duque?

Será que Lorde Rockley conseguirá resolver o problema?

Ou situação é intransponível?

Uma coisa é certa... eles vão se divertir muito descobrindo!

Alerta: Este romance histórico fabulosamente quente apresenta um herói

virgem viril, uma heroína viúva astuta e ataques de humor irônico — tudo acontecendo em um delicioso cruzeiro pelo Mediterrâneo.



Veneza

Finais de Setembro, 1905

O luar brilhava no canal, enquanto a gôndola passava. A mulher sentada envolveu-se bem no manto, olhando para os edifícios de pedra da Ístria e tijolos expostos. Os edifícios exibiam uma elegância desbotada, as varandas vazias e os quartos escuros.

Somente quando passaram da avenida estreita para um canal maior é que o som da música flutuou no ar. O gondoleiro os guiou em direção a um edifício muito mais grandioso do que aqueles que o cercavam: o Palazzo di Zorzi Tiepolo. Ali, as janelas gradeadas brilhavam. Em algum lugar lá dentro, uma orquestra tocava.

A passageira virou o rosto para a luz e o gondoleiro ficou impressionado com aquela beleza de cabelos escuros. Por que uma mulher assim, vestida tão bem, viajava sozinha àquela hora?

Só poderia haver uma resposta.

Um encontro amoroso.

Chegando ao nível das paredes manchadas, ele se aproximou da margem. A gôndola balançou enquanto ela se levantava, e o homem ofereceu a mão para ajudá-la a subir até o portal em arco.

Por trás da máscara, olhos de um verde hipnotizante que combinavam com o tom do vestido transmitiam agradecimentos.

Uma vez lá dentro, a mulher apressou-se, subindo até o grande salão do palácio, onde um laçao pegou sua capa para guardar.

O teto dourado se erguia acima, ricamente decorado com cenas da vida veneziana e iluminado por um lustre monumental de vidro soprado à mão, cada gota de cristal brilhando. À sua esquerda, passando pelas colunas de mármore, ficava a entrada do salão de baile. O murmúrio da conversa filtrava-se através de um mar de rostos meio obscurecidos, os usuários adornados com ricos brocados e penas ondulantes, sedas e joias.

Mas o seu interesse não estava nas delícias decadentes do baile de máscaras. Esta noite, ela veio com um objetivo muito mais vital.

A escada para os apartamentos superiores ficava no final do corredor. Era para lá que ela deveria ir, em busca de seu prêmio. Com um último olhar para os foliões, ela caminhou em direção à ampla escadaria.

No entanto, ela mal havia atravessado o corredor quando uma figura

cambaleante, de ombros largos, apareceu de uma pequena porta à sua direita... vestida como uma versão berrante do famoso “Corcunda” de Paris. Ao vê-la, ele parou e fez uma reverência cortês, esperando que ela passasse na frente.

Não serviria.

Por mais despretensioso que o homem parecesse, ela não queria ser vista subindo as escadas.

Sorrindo, ela o chamou.

— *Signore, vuole ballare com me?* — Ela indicou o salão de baile. Se ele a seguisse e pudesse ser persuadido a dançar por alguns momentos, ela poderia então livrar-se dele e continuar seu caminho.

Embora hesitasse, ele retribuiu o sorriso e ofereceu o braço, acompanhando-a. Imediatamente, lançaram-se no meio da multidão, em meio a gritos e risadas. Havia uma espécie de dança circular, embora a embriaguez dos foliões fosse tal que parecia não haver lógica ou razão em seus movimentos. Ela perdeu a mão de seu parceiro, sua última visão dele foi seu rosto carrancudo, olhos escuros brilhando por trás do cinza e preto de sua máscara.

Tudo ia muito bem.

Enquanto ele era levado, ela empurrou de volta para a saída. O salão era um oásis de calma em comparação ao salão. Sem perder um momento, correu para as escadas, subindo-as tão rapidamente quanto seu vestido permitia. Apressando-se pelo corredor atapetado, chegou ao pórtico no final. Ali, um pequeno vestíbulo dava acesso a uma pesada porta de madeira.

Caiu de joelhos, colocando o olho no buraco da fechadura. Se ali estivesse alguma criada, ou a própria Condessa... recebendo algum amante, talvez... não haveria alternativa senão voltar atrás. Para seu alívio, ela não viu nenhum movimento; nem vozes vinham de dentro. Tirando dois grampos do cabelo, desmontou rapidamente o mecanismo e entrou na sala.

Este era o lugar onde a condessa se divertia. As venezianas das janelas não estavam fechadas, permitindo que o luar prateado revelasse uma sala de estar suntuosamente decorada... como ela já esperava. O quarto de dormir da condessa fazia parte da suíte adjacente. Apressando-se, ela encontrou a porta de ligação destrancada.

Puxando a porta, ela se assustou, pois a parede oposta tinha um espelho de grande tamanho, e ela se deparou com seu próprio reflexo a olhando através da escuridão.

Mantenha a calma!

Suavemente, ela fechou a porta.

Aqui, a criada foi mais meticulosa, fechando as cortinas displicentemente. Havia uma lâmpada na mesa à sua direita, mas ela ousaria acendê-la?

Talvez não.

Com as cortinas um pouco abertas, haveria luz suficiente para ver, e ela esperava não ficar ali por muito tempo.

O quarto era exatamente como imaginou, dominado pela cama. Embora fosse luxuoso de uma forma opulenta demais para seu gosto, era inegavelmente grandioso... uma peça digna de uma das famílias mais poderosas de toda Veneza. Se as circunstâncias fossem diferentes, uma queda perversa na colcha a teria divertido muito, perturbando as almofadas lindamente arrumadas.

O quarto de vestir da condessa estava novamente além desse, mas não despertava interesse.

O que ela procurava estava aqui, na penteadeira, se o informante que tinha valesse o seu pagamento.

Para sua irritação, o móvel tinha uma infinidade de gavetas: cinco de cada lado e três no centro.

Por onde começar?

Ela puxou o meio, que chacoalhou, mas não abriu, embora não houvesse nenhuma fechadura óbvia.

Era um bom sinal. Nenhum buraco de fechadura significava um mecanismo oculto. Curvando-se, ela tateou abaixo e encontrou a alavanca sem dificuldade. A gaveta se abriu.

No entanto, sua decepção foi imediata. Uma variedade de pequenos broches enchia o compartimento.

Nada mais.

Ela teria que verificar todas as gavetas!

Estava prestes a tentar a próxima quando um som vindo da sala de estar ao lado a perturbou.

Fogo do inferno!

Não havia tempo para se esconder debaixo da cama... e simplesmente ir para o quarto de vestir era arriscado.

Ela se acomodou nas cortinas.

Assim que se espremeu ali, a porta se abriu.

Quem quer que tenha sido, não acendeu a lâmpada. Passos cruzaram a sala. Inclinando a cabeça um pouco, ela olhou através das cortinas pesadas.

E viu a figura do corcunda!

Ele havia afastado o banco e estava deitado de bruços no tapete em frente à penteadeira, com a mão no fundo. No momento seguinte, a gaveta mais baixa do pedestal esquerdo se abriu. De dentro tirou algumas cartas... oito ou mais... amarradas com fita. Ele olhou rapidamente o que estava escrito antes de colocar o pacote no bolso e fechar a gaveta.

Ela se escondeu atrás da cortina.

Mais alguém aqui esta noite, na mesma missão que ela! E sabia exatamente onde procurar.

Sua mente girou.

O que ela poderia fazer? Confrontá-lo e exigir as cartas? Lutar por elas?

Nenhum dos dois parecia provável que fosse bem-sucedido. Uma comoção de qualquer tipo só atrairia outros. Na pior das hipóteses, o sujeito poderia ter

uma faca ou uma pistola. Mesmo sem uma arma, ele parecia forte o suficiente para deixá-la inconsciente ou estrangulá-la.

Ela não tinha problemas com suas habilidades de autodefesa, mas, com ele, não avaliava suas chances.

E então?

Deixaria que fosse embora. Ela o seguiria. Localizaria sua residência. Viveria para procurar as cartas outro dia, ou talvez esta mesma noite.

Seus passos leves a levaram novamente através da sala. A porta abriu e fechou.

Soltando a respiração que estava prendendo, saiu. Foi necessário aguardar um momento, pois ela não poderia segui-lo diretamente; nem ela poderia demorar muito.

Esperando que seu julgamento fosse adequado, ela partiu. Com pés rápidos, ela refez seus passos, parando a cada curva para garantir que ele não estava visível... nem ela para ele.

Só havia uma maneira de sair do palácio: pular de uma sacada. Ele se dirigiria ao pórtico onde uma gôndola deveria buscá-lo.

Ela instruiu seu próprio gondoleiro a esperá-la no lado oposto do canal. Ela só precisava fazer um sinal para ele e poderiam persegui-lo, a uma distância discreta.

Seu coração batia forte.

Ele não poderia fugir!

Chegando ao corredor, ela se obrigou a caminhar calmamente, embora isso já não importasse. Ela estaria em sua gôndola um minuto depois de chegar à porta externa.

O laçao que havia levado sua capa a chamou, mas ela não olhou para trás, descendo rapidamente os últimos degraus até o nível inferior.

Não havia ninguém na plataforma. Tudo foi bem. Ele não poderia estar muito à frente.

Dando um assobio baixo, ela convocou sua gôndola e subiu a bordo. O barco balançou quando pisou, mas ela estava frenética demais para se importar.

Olhou ao longo do canal em ambas as direções. A lua havia se escondido atrás de uma nuvem, mas não estava totalmente escuro. A iluminação invadia o palácio, lançando um brilho na água abaixo.

No entanto, ela não viu nenhuma gôndola recuando, carregando o homem que roubou o que ela procurava.

— Onde ele está? — ela perguntou ao gondoleiro. — O homem que saiu, agora há pouco.

— *Scusami*. — O gondoleiro encolheu os ombros. — Não há ninguém. Somente nós.

Impossível!

E ainda assim, onde ele estava?

Ela bateu com o punho no colo.

Voltando para dentro, vasculhou o salão de baile em busca de seu tortuoso “corcunda”, mas não o viu em lugar nenhum. O homem havia desaparecido no ar.

MAIS DA SÉRIE

Livro 1



9786580754465

[Adquira aqui](#)

O aventureiro selvagem, Burnell, é exatamente o tipo de “homem perigoso” do qual jurou se afastar, e fazer-se passar por sua noiva só pode significar problemas.

Ou então, fazê-la tão notória que poderá torná-la irresistível.

Será que conseguiram convencer a todos de que estão loucamente apaixonados?

Que os jogos comecem!

Nível de calor: apaixonado

Descubra mais na série O Guia de uma Lady: romance histórico repleto de aventura, mistério e intriga.

Livro 2



9786580754755

[Adquira aqui](#)

Amor é a única coisa da qual ela não pode fingir.

Deserdada pelo pai, um magnata do petróleo, a debutante Rosamund Burnell está em apuros.

Com fundos limitados e muito longe do Texas, a resposta parece óbvia.

Fingir que ainda é uma herdeira para garantir um solteiro inglês elegível.

Ao encontrar o duque de Studborne, suas orações parecem ter sido atendidas.

A única pedra em suas sapatilhas?

Sua crescente atração pelo sobrinho do duque: o muito digno, muito honrado e muito pobre, Benedict.

Contudo, os motivos do duque para cortejá-la não são o que parecem, e Rosamund cai em uma armadilha.

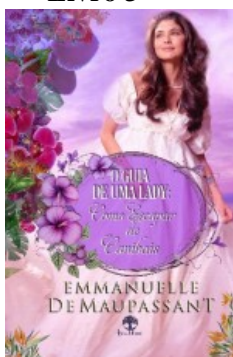
Os misteriosos desaparecimentos na Abadia Studborne são uma mera coincidência?

Ou algo perverso se esconde no interior das antigas paredes monásticas?

Rosamund deve descobrir a verdade, e apenas uma pessoa na abadia pode ajudá-la.

O quase coroinha e irritante Benedict!

Livro 3



9786554440288

[Adquira aqui](#)

Uma ilha misteriosa. Um irmão desaparecido. A aventura de uma vida.

Leste das Ilhas Salomão, 1899

Sob a proteção do belo capitão Jorge de Silva, Lady Bathsheba Asquith desembarca na misteriosa ilha de Vanuaka com apenas três dias para encontrar seu irmão desaparecido.

As provações da selva afastam qualquer pretensão de civilidade e a paixão explode, mas Silva não é bem o que parece, e Bathsheba corre mais perigo do que pode imaginar.

O vulcão de Vanuaka está despertando – e apenas um sacrifício humano pode aplacar seu fogo.

Livro 4



9786554440844

[Adquira aqui](#)

O amor é a única coisa que ela não consegue disfarçar.

Os pântanos selvagens da Escócia, 1904

O fazendeiro do Texas, Rye Dalreagh, está sendo jogado em um buraco, como o herdeiro há muito perdido do Castelo Dunrannoch, com cinco noivas em potencial para escolher e muito a aprender sobre ser um “cavalheiro adequado”.

Ursula precisa se esconder de seu guardião sórdido e seus planos de casamento idiotas, até que sua herança fosse desbloqueada em seu vigésimo quinto aniversário.

Um encontro casual em um trem faz com que Ursula assuma a identidade de uma professora de etiqueta idosa e vá ao castelo preparar sua “jovem carga”, mas andar a cavalo, laçar vacas e usar um chapéu Stetson Rye é muito mais do que esperava.

Espera-se que Rye escolha uma noiva, mas, com um assassino à solta e uma antiga maldição escocesa para enfrentar, conseguirá chegar ao altar?

“O Guia de uma Lady: Como encantar um Highlander no Natal” é um romance histórico de Natal de coração leve com um mistério aconchegante para resolver.

Livro 5



Um guerreiro temível que esconde um segredo sombrio.

Uma noiva fugitiva disfarçada.

Rannoch Moor, Escócia, 1166

Lady Flora se vê noiva de Ragnall, um Highlander endurecido pelas batalhas.

Naquela mesma noite, seu pai, o chefe, é apunhalado no coração.

Quando Ragnall assume o manto da liderança do clã, uma coisa parece clara: ele deve ser o assassino.

Horrorizada, Flora foge, mas, jurando vingança, elabora um plano para retornar disfarçada.

Ragnall nunca suspeitará de uma leiteira.

Que dificuldade poderia haver em ordenhar uma vaca?

O que ela não esperava era se apaixonar pelo homem que deveria inspirar seu ódio.

Nem descobrir que ele suspeita que sua noiva fugitiva seja a assassina do próprio pai!

Antes que qualquer um deles possa descobrir a verdade, Flora está à mercê de um inimigo invisível.

Em uma tempestade de vingança, traição e paixão, o destino de Flora e de todo o clã Dalreagh é selado.

(aviso de gatilho - esta história apresenta algumas cenas de perigo, incluindo uma tentativa de assalto)

Descubra mais na série de romances históricos “O Guia de uma Lady”.

GARANTIDO: Aventura, intrigas, cenas de amor escaldantes e romance de tirar o fôlego.

SOBRE A AUTORA



Emmanuelle de Maupassant mora com o marido (fazedor de chá e bolo de frutas) e seu pequeno terrier peludo (perito em brinquedos barulhentos e guloseimas com bacon).

Para saber dos novos lançamentos em primeira mão, receber brindes e descobrir as fofocas dos bastidores, diretamente em sua caixa de entrada, inscreva-se no boletim informativo de Emmanuelle, *através do site*

www.emmanuelledemaupassant.com



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail [Leabhar Books®](#)